

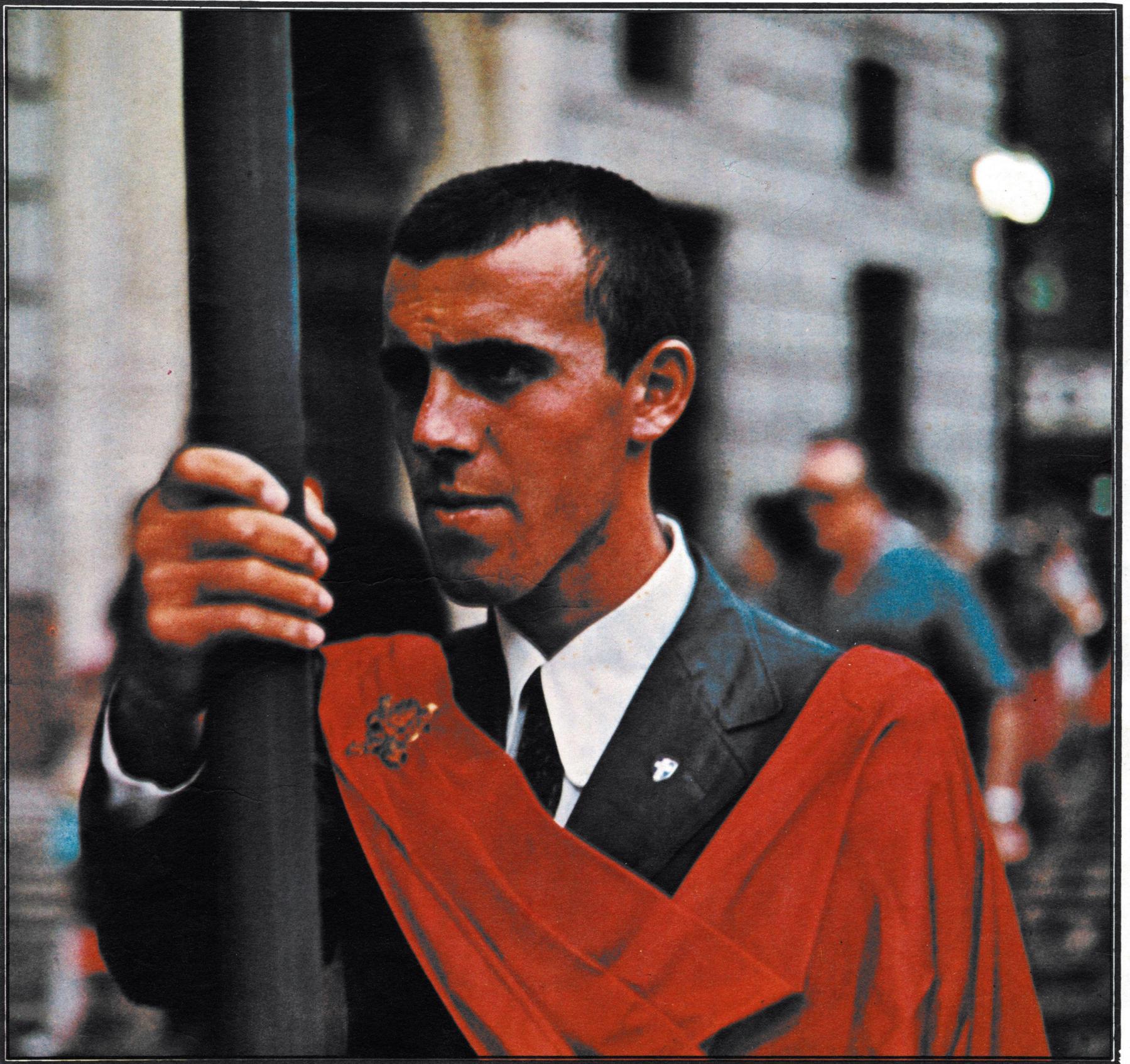
Contém
suplemento literário
GRÁTIS

EX

11

PRISÃO
ESPIONAGEM
CANGAÇO
ABORTO
DELÍRIO DO SEXO

Diverte, Educa, Instrui. Por \$5,00



Mário Paiva Jr.

**A TFP É A FAVOR DA TRADIÇÃO, DA PROPRIEDADE,
E CONTRA UMA FAMÍLIA.**

E o Dia Internacional do Homossexual quando é que vai ser, hein?

A ONU mandou dizer que 1975 é o Ano Internacional da Mulher (todos os outros, ao que parece, são do homem). Ditinha Soares, travesti, pergunta: — Quando é que a ONU vai se lembrar de nós?

Ditinha nasceu em Puribi, no interior de São Paulo. Tinha doze irmãs ("acho que foi por isso que comecei a desmunhecar"), que a vestiam de mulher, pintavam, brincavam com ela, de comidinha, casinha e costureira. Ditinha se chamava Benedito e, aos oito anos, quando perdeu a mãe, era um menino pobre, feio, preto, que a molecada do lugar já gostava de gozar: "eu saía na rua e era um tal de todo mundo fazer ai ai, ui ui e de me chamar de florzinha, coisinha..." O consolo de Ditinha era a paixão por Antônio, o filho de um fazendeiro, com quem conviveu intimamente ("O meu primeiro e único amor") até que ela deixasse a cidade.

As circunstâncias em que Ditinha abandonou o chamado hinterland foram trágicas: o pai surpreendeu-a em plena imitação de Carmem Miranda e apontou a porta da rua. Nenhuma das irmãs intercedeu e, aos quinze anos, Ditinha passou a viver no meio dos matos, de baixo dos pés de jabuticaba, apanhando fruta do quintal dos outros e roubando pão, de madrugada. Foi aí que pintou a idéia de ir para São Paulo: "uma cidade grande, onde eu ia poder me soltar, ser eu mesma".

Essa mania de ser ela mesma prejudicou bastante a vida na cidade grande. Durante quatro meses ninguém quis lhe dar emprego e, morando na rua, nem banho Ditinha podia tomar. Um dia, montou banca de engraxate e começou a trabalhar. Mas logo descobriu que até os sapatos sujos tinham lá sua discriminação e nunca escolhiam Ditinha para limpá-los. A solução foi pedir emprego a uma senhora conhecida, uma mulher caridosa, que empregou Ditinha para fazer todo o serviço de casa, a troca de morada e comida, sem pagamento. Mas foi uma época feliz, "eu me vestia do jeito que queria, trabalhava cantando e imitando a Dalva e a Angela Maria, ela nem ligava prás minhas pintas e prás minhas feições".

Foi nessa época que Ditinha resolveu estudar. Procurou muito e achou um ginásio que a aceitou. E onde, "nos dias de prova, de festa, os dias importantes", aparecia gloriosa, de mulher. Pena que, quando acabou o ginásio, não houve cursinho que aceitasse matricular Ditinha, com a mania de ser ela mesma. A essa altura, já tinha largado o emprego de doméstica e trabalhava, entre rosas e camélias, numa floricultura da avenida São João. E, quando a floricultura faliu, Ditinha atravessou a rua para pedir emprego no Teatro das Nações, onde mora até hoje e onde tem o orgulho de dizer que começou nas funções de zelador para galgar, passo a passo, o difícil caminho da vida artística, pois, agora, é uma das estrelas do espetáculo "As Gigoletes".

Sobre os homens, Ditinha é reticente: "Hoje em dia, meu bem, é muito difícil encontrar um homem, homem mesmo. De vez em quando, eu aceito um convite e saio com um rapaz ou outro. Eles chegam, cheio de machices, na hora agá, meu bem, nem te conto..."

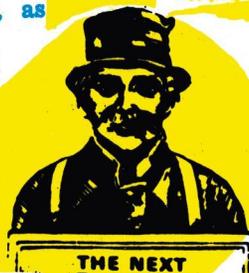
Com homem que desmunheca, Ditinha não sai, "mulher, chega eu..." Seu tipo preferido tem entre 25 e 30 anos, é moreno e tem, o que ela diz com os olhos brilhantes, "um corpão". A situação de inferioridade da mulher preocupa Ditinha, mas, em sua opinião, as coisas estão melhorando, porque "agora nós já trabalhamos e os homens não utilizam mais a gente".

Feliz, Ditinha diz que não é. Não é bem por causa da pobreza, o que falta mesmo é um amor. Se conseguisse, ia ser a melhor dona de casa do mundo, largava o palco e ia ficar em casa, cuidando da roupa dele, fazendo comida e ajeitando a casa. A vida tem bons momentos, sentença, mas duram muito pouco. Como quando, ao ir ao Rio de Janeiro pela primeira vez, para participar, como convidada especial, de um espetáculo de Caetano Veloso ("uma glória!"), Ditinha foi presa na rua e passou a noite na delegacia, sem ter feito nada de mal, só porque estava parada na calçada da Cinelândia, quando o carrão passou.

Ditinha foi excelente estudante e tem, na bolsa, a caderneta com suas notas de ginásio. Gostaria de ensinar história, mas não vê jeito de concluir nem mesmo o colegial. Sua vida é trabalhar e, nos fins de semana, ir à boite Danny e passear pela avenida São João, onde diz que, de vez em quando, "aparece cada coisa maravilhosa e eu vou logo dizendo, vem cá, com a mamãe..." Não tem vontade de se operar, se tivesse dinheiro ia montar um canto e deixar o teatro, onde mora mal e de favor. Fossa? De vez em quando. Até que Ditinha é otimista: "se eu for dar bola prá tristeza, não penso em outra coisa, meu bem. Já pensou o que é ouvir, como eu já ouvi, nem sei quantas vezes, as pessoas dizerem que têm nojo de você?"

(José Antonio Noriato)

Si he muerto y no me he dado cuenta a quién le pregunto la hora?



THE NEXT

ELE ERA ASSIM.
Um ano antes de morrer, durante uma viagem a Argélia, Karl Marx fez a barba e o cabelo, que ele contou numa carta escrita a Engels. Mas não existe foto de Karl Marx sem barba e cabelo. O retrato do filósofo barbeado e de cabelo penteado foi reconstituído por um jornal de Berlim Oriental.



ACABOU ASSIM



¿Dónde van las cosas del sueño? Se van el sueño de los otros?



THE NEXT

Os Estados Unidos e demais países industrializados fecham as portas de suas fábricas e despedem empregados por causa da crise de capital. Apenas uma indústria não conhece essa crise: a de armas.

O comércio internacional de armas tem crescido vertiginosamente: entre 1952 e 1969, a venda nos Estados Unidos passou de 300 mil a 5 milhões de dólares. No ano passado, o número já havia subido para 18 milhões. Os Estados Unidos exportaram até agora, a 74 países, a soma de 22.800.000 de dólares em armas de todos os calibres.

Durante a "guerra fria" dos anos 50, os compradores mais entusiasmados foram a Alemanha Ocidental e a Coreia do Sul. Depois, passou a ser o Vietnã do Sul. Finalmente, Israel, os países árabes e, claro, os militares gregos. A freguesia vai mudando conforme os conflitos ditados por uma esperta diplomacia.

ESPERANDO OS VIETS

Perto da autoestrada do sul, dei carona a um rapaz. Cabelos compridos, calça Lee puida, um casaco verde do exército americano, tinha o ar decidido do homem que sabe para onde vai. Pergunto:

— Você vai prá onde?

— Menton.

— Não posso ser muito útil, eu páro em Nemoura. Mas não é difícil ir de lá até Menton. Você está de férias?

Não queria ser indiscreto. Mas ele tinha vontade de falar e a conversa passou depressa, não sei como, para o Vietnã.

Ele me explicou que no Cambodge e no Vietnã a revolução estava quase feita. Eu admiti que os comunistas estavam mesmo ganhando nestes dois países.

— E o Laos? Você acha que aquilo dura muito tempo? Os exércitos dos dois Vietnãs reunidos dão mais de três milhões de homens. O Laos não aguenta uma semana".

Eu admiti que se o novo Vietnã quisesse, o Laos não teria, realmente, muito tempo.

— E por que não ia querer? — saltou meu interlocutor. Um exército revolucionário foi feito prá fazer a revolução".

Eu disse que esta idéia era frequentemente admitida. Ele puxou uma esferográfica do bolso e continuou.

— Veja a fronteira entre uma Indochina comunista e a Tailândia. Imensa. Indefensável. Um piparote e tudo aquilo cai. Você acha que o Congresso dos Estados Unidos vai mexer uma palha prá defender aquele governo? O Bangla

O tempo trabalha a favor.



NOVA DROGA PARALIZA E FAZ VOMITAR.

Moderníssimo método de tortura acaba de ser introduzido em várias clínicas americanas, após uma série de experiências em prisões e hospitais psiquiátricos para criminosos. Trata-se da terapia por aversão (aversion therapy).

A nova técnica está ligada às pesquisas do chamado "Comportamentalismo", do cientista Burrus Skinner — cuja teoria domina o ensino de psicologia nas faculdades de todo o mundo ocidental.

Consiste em aplicar no paciente uma dose de Anectina, remédio que paralisa os músculos e a respiração por quase dois minutos. Nesse espaço de tempo, o médico facilmente convence o paciente de que a sufocação e a paralisia são causadas por suas tendências destrutivas

— e ameaça repetir o tratamento se ele insistir em suas atitudes. As experiências foram feitas com fumantes, alcoólatras, viciados em drogas e homossexuais. O sucesso foi total, em muitos casos.

Um homossexual ficou tão curado, que hoje nem pode mais ver homem. Basta apertar a mão de



um para chegar a sentir vontade de vomitar.

A terapia foi prevista por Anthony Burgess, em "Laranja Mecânica", filme que ainda não tivemos o gostinho de ver.

Perguntamos a um psiquiatra brasileiro:

— Isto vem para o Brasil?

— Vem, tudo vem — disse ele.

Ben Turpin.

Ilustração chupada do Bondinho

Pg
3



Com Anectina você confessa em 2 minutos. Evite-a.

Dona Maria Conceição da Luz, 46 anos, moradora da Aclimação, empregada doméstica, ex-operária faz um apelo neste depoimento prestado ao repórter Dacio Nitrini

SEU PLINIO, DEVOLVA MEU FILHO



Foto: Mario Paiva Jr.

O moço Ademir, depois que entrou para a TFP, acha pecaminoso até abraçar a própria mãe! Surrou as irmãs com uma borracha porque elas usam calça comprida! Ei, Ademir, pare com isso rapaz, sua família está muito preocupada.

Ele, meu filho, conheceu um moço que tava na TFP, o Bruno, que estudava junto com ele e que tinha uma perna mecânica. O Bruno era um tipo assim bonitinho, gordinho, eram amigos inseparáveis um do outro. O Bruno tinha um carro, eles iam junto para a escola, quando chovia ele vinha buscar, tinha umas meninas que também estudavam com eles. Eu não sei por que, mas o Bruno já era da TFP, e foi levando ele. Depois inclusive o professor de religião começou a virá-lo. Esse professor parece que depois expulsaram ele do colégio onde lecionava, lá em São Bernardo do Campo, porque desviou muitos rapazes para a TFP. Esse senhor professor mora lá no Largo do Cambuci com a senhora mãe dele, que é velhinha, ele também já é um senhor, o tal professor que desencaminhou ele mais o Bruno.

Quando chegava Carnaval, Semana Santa, coisa assim, ele pedia algum dinheiro (ele não trabalhava), para ir para uma chácara que a TFP tem lá em Itaquera, diz que é muito rica a chácara lá de Itaquera, e eles iam acampar lá em Itaquera. Eu gostava, era coisa de religião, sabe? Todos os domingos o professor dava aulas para ele ir confessar e comungar. Todos os domingos ele começou a ir na igreja lá perto da casa da minha mãe. Mas daí o padre se escamou, estranhou, ele viu aquele rapaz todos os dias e tocou ele lá da Igreja, daí ele mudou pra outra e foi mudando, mudando até que ele ia todos os dias lá na Catedral confessar e comungar. Quando eu vi aquilo e senti... não dava mais.

Ele mudou. Em casa ele era um rapaz comum, tomava o copo de cerveja dele, tinha um conjunto, tinha dezoito anos, até tenho fotografia. Comprei uma guitarra para ele, comprei um violão que tenho guardado até hoje. Ele ensinava os meninos a tocar cavaquinho, dava aulas. Todos os domingos tinha um quarto vazio onde ensinavam para tocar num ballinho da vila, ganhavam corbeille de flores, um dinheirinho, e vinha um senhor de carro buscar para eles tocarem por aí.

Depois, quando ele começou bem mesmo na TFP, chegava em casa e não queria que as irmãs pusessem calça comprida. Quando foi um dia, minha mãe não estava em casa, ele pegou as três meninas, pegou uma borracha e falou para elas: — "Vocês, agora, vão tirar essas calças compridas. Quem demorar mais para tirar, apanha mais. Quem tirar mais rápido, apanha menos."

Então ele ficou no quarto, elas tiraram as calças e deram. Ele saiu para o quintal, jogou álcool e pôs fogo. Ele estava mesmo mudado, já estava mudado, ele começou a bater nas meninas, até que um dia a gente falou para ele ficar de vez na TFP. Um dia ele deu um ponta-pé na irmã dele, na Miriam, que machucou todo o braço, não chegou a quebrar, mas machucou. Aí ele ficou só pensando na religião, só falando em Santo, só falando em Deus, tudo para ele era pecado. Tirar a meia perto de uma pessoa é pecado, se você tira a camisa perto de uma pessoa é pecado, eu que era a mãe dele não podia por a mão nele, a mãe gosta de chegar perto do filho e abraçar, mas não podia por a mão nele que era pecado, tudo para ele ficou sendo pecado.

Um dia mostrei o blusão do Liceu Siqueira Campos, onde ele tirou o ginásio. Sabe, os moleques todos escrevem uns nas costas dos outros, fazem desenhos, tudo... pintado. Aí falei assim: "ó Ademir, eu guardei esse blusão aqui porque a gente pagou o ginásio para você ali, com tanta dificuldade, que quis guardar esse blusão como lembrança". Ele respondeu para mim: Mãe, dá que eu vou queimar esse blusão porque isso é coisa do capeta".

Aí que eu vi que ele já tava... que não

adiantava... Daí o pai disse para eu dizer para ele que se ele quisesse voltar a estudar, era só dizer o quê e onde, que ele pagava tudo e que se ele quisesse morar numa pensão, num hotel, onde fosse, que o pai pagava. Fui lá na TFP e falei para ele. Daí ele respondeu para mim: "eu não vou mais estudar porque os estudantes são todos uns satânicos". E parou, não estuda mais.

Você vai lá na sede e vê muitos morando lá. Tem bastante. Todos de família, todos estudados, um já é engenheiro, outro é médico, outro é advogado. Todos que estão lá na sede, a maior parte mora por ali mesmo, parece um quartel, sabe?

Todos morando por ali mesmo, todos estudados, todos com o seu diploma... Só o meu filho, ele e mais alguns, que não deu tempo e não chegaram a terminar o curso. Foi assim que eu perdi meu filho. Ele vem visitar minha mãe de vez em quando. Mas demora muito. Ele nem pergunta por mim, acho que ele acha que eu sou mulher à toa, que sou isso, que sou aquilo, ele não suporta, não gosta. Ele pergunta para as meninas se elas gostam de mim.

Elas respondem que é lógico que elas gostam, e ele fica quieto. Ele fugiu da família, quer dizer que para ele não tem família. Ele se dava muito com meu irmão, que é pouca coisa mais velho que ele. Eles ficaram mocinhos juntos, um usava a roupa do outro, meu irmão sempre dava um dinheirinho para ele — meu filho não fuma nem bebe — mas meu irmão sempre dava um dinheiro para ele. Eles perderam a amizade. Um dia, lá na rua Agostinho Gomes, no Ipiranga, eles estavam fazendo uma campanha com bandeiras, faixas, meu irmão viu e correu atrás deles. Por isso eles não se falam mais.

A última vez que fui pedir para estudar, ele falou para mim que o Dr. Plínio deu umas aulas para ele e disse que tem que ter todas as classes. Que tem que ter o varredor de rua, que tem que ter o faxineiro, que tem que ter o porteiro... que tem que ter todas as classes. Eu falei para ele: "Você não tinha dinheiro, mas um dia você poderia ser alguém, não ser rico, mas ser alguém de nome porque você estava estudando, um dia poderia ser advogado, ser médico, ser o que quisesse". O homem pôs na cabeça dele que ele não poderia estudar porque tem que ter a classe pobre que varre o chão, que limpa. Lá na TFP ele é faxineiro, serve de garção. A primeira vez que fui na TFP e perguntei por ele, ninguém o conhecia. Eu falei que era meu filho, que fazia tanto tempo que tinha saído de casa e eu sabia que ele tava lá. Então eu dei um apertado e apareceu outro que disse que ele tava em outra casa, na outra sede, eu fui me informando, me informando, aí chegou um senhor de moto, eu falei para ele que era mãe do Ademir, assim assim, e que queria falar com ele. Ele mandou eu voltar no outro dia e consegui falar com meu filho.

O pai dele foi diversas vezes lá e foi mal recebido, eles falam que não está e fecham a porta, não querem pessoas de fora, não têm atenção para outras pessoas. Agora eles estão com uma santa, acho que é a Nossa Senhora de Fátima, dizem que é uma santa muito milagrosa, uma santa que fala. Ela não é do Brasil, ela veio de avião, eles vão fazer uma procissão e estão vendendo um santinho dela por Cr\$ 10,00. Em frente de onde ele mora tem uma colega de infância dele, que está louca para falar com ele, conversar. Ela me disse que o Ademir já reconheceu ela mas não olha para ela. Acho que eles não olham ninguém, eles recebem instrução para não olhar.

No dia do aniversário dele, na casa da minha mãe, eu estava conversando com ele, peguei e dei um abraço rápido nele, ele pegou e me empurrou. Eu falei puxa vida, eu sou sua mãe, será que nem eu posso te abraçar, sou sua mãe, posso até te dar banho. Falei brincando e ele não achou graça, ele não acha graça em nada.

Ele me falou assim: "A senhora gostaria de me ver usando hábito? Eu respondi, mas como é que é isso? Ele me respondeu: "Lembra-se do São Francisco, quando andava pelo mundo, andava de hábito". Acho que agora na TFP, os que subirem mais, se aprofundarem mais, vão vestir essa roupa.

Um dia eu estava atacando a TFP e ele me mostrou a fotografia do Dr. Plínio — é um senhor velho — beijou e guardou no bolso. Me assustei e perguntei: "Ué, ele já virou santo?" Ele me respondeu "Não, mas devo tudo para esse homem aqui porque foi ele quem me deu educação". Eu falei que não, "você não deve nada a ele, porque quando ele pegou você, você era um moço estudante, não fumava, não bebia, era um rapaz educado, todos gostavam de você"

Ele ficou bravo e falou: "A senhora queria me ver com um copo na mão dentro de um bar, ou então queria me ver tomando tóxico ou senão agarrado com umas prostitutas. É isso que a senhora quer?" Eu respondi que queria e até gostava, porque assim "você era igual aos outros, igual"...

Ele evita falar com a gente. Ele não olha, ele não olha assim para os olhos dos outros, ele fica olhando para o lado, parado, não encaram as pessoas, entende? Não dobram as mangas da camisa perto da família, se vai dormir e tiver alguém no quarto ele não vai, se ele estiver deitado no quarto, nem que seja a mãe, o irmão, qualquer um, não pode vê-lo, não pode nem passar. A gente fica interessada, se aprofundando para tentar chegar lá mas não dá, quer chegar mas não dá...

Outro dia dei um chinelo para ele e ele me disse: "A senhora acha que vou andar de chinelo?" Nem o pé! Eles não podem tirar a meia perto de ninguém, eles não querem mostrar nada do corpo.

Só sei dizer que entrei lá um dia e tem um pavilhão bem grande com muitos rapazes, mas muitos mesmos, sabe o que é um quartel que tem bastante gente? Era assim, um tipo de um quartel. Um entrava outro saía; gente do interior que chegava. Passam perto um do outro e fazem que nem soldado, fazem continência. Todos sabem essas lutas: o Ademir parece inclusive que dá aulas de caratê lá.

Tem o de grau mais alto, de grau mais baixo; batem o pé um para outro e chamam qualquer pessoa de senhor, pode ser até uma criancinha que é senhor. A gente não consegue descobrir o que é. Só vamos saber mesmo quando sair alguém lá de dentro. Faz tempo, um tal de Orlando saiu, vi no jornal, atacou mas não acontece nada, ninguém se importa com eles na rua, a polícia não faz nada.

A última vez que eu vi o Ademir foi na TFP. Cheguei lá e duas senhoras velhas mandaram eu entrar. Fiquei num lugar que tinha escrivãzinha e a máquina de escrever dele. Quando ele chegou e me viu disse: "Olha, estou em cima da hora e agora vou fazer uma coisa muito importante"... Eu falei que já sabia o que era. Eram quase seis horas, hora da ave-maria. Eu falei pode ir, pode ir porque nunca mais volto aqui. Saímos nós três, eu e as irmãs dele. E ele saiu também, foi embora com um terço desse tamanho, que eles usam na mão.

EX-

EDITORES:

Marcos Faerman, Miltainho, Hamilton Almeida Filho (HAF), Palmério Dória Vasconcelos, Guilherme Cunha P. Nto (redação); Hermes Ursini, Vanira Codato, Joca Pereira (arte)

REPÓRTERES:

Dácio Nitrini, Cláudio Faviere, Moacir Amâncio e Nonato.

FOTÓGRAFOS:

Domingos Cop. Jr., Lucrécio Jr., Mário Paiva Jr.

ARCHIVO E PRODUÇÃO

Luiz Carlos Guerrero.

Administração: **ARMINDO MACHADO**
Publicidade: **PAULA PLANK**

COLABORADORES:

Alexander Solnik, Percival de Souza, João Antônio, Moisés Rabinovich, Cyntia de Almeida Prado, Lúcia Villar, Teresa Caldeira, Vilmã Grysinski, Mariangela Quintela Medeiros, Vitor Vieira, Pharaó, Luis H. Maia Fruet, Paulo Moreira Leite, José Antônio Severo, Edinilton Lampião, Nelson Blecher, Polé, Delfim Fujiwara, Sandra Nitrini, Edgar Vasques, Marcel Faerman, Marli Salvino de Araújo.

Ex-Editora Ltda., r. Santo Antonio, 1043 — SP NENHUM DIREITO RESERVADO Ex- está assentado no Cadastro da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DFF, sob n.º 1.341 — P. 209/73. Distribuição nacional: Superbancas Ltda. (Rua Guaianazes, 248, SP). Tiragem: 17 mil exemplares. Impresso nas Oficinas do Jornal Paulista, r. Oscar Cintra Gordinho, 46 — SP.

Por Jim Hougam

ESPIÕES ALUGA-SE



Temos longa tradição no ramo. Entre nossos clientes, contamos com firmas importantes como a ITT. Chame a Intertel, nas Bahamas, Londres, Toronto ou Washington. Principalmente Washington.

INTERTEL



Pg.
6

HERMES BABY.

Washington transformou-se numa cidade paranóica. Se alguém ouvir com atenção, poderá perceber os acordos da "Danse Macabre" pairando sobre as casas e acima da sede da CIA em Virginia. O clima é surrealista. Nunca houve tantas sombras por aqui, tantos espões e contra-espões, analistas clandestinos, agitadores, manipuladores, especialistas em interceptação, investigadores e detetives. A comunidade da inteligência, outrora mero subúrbio do governo, cresceu até atingir dimensões de metrópole. Uma cidade secreta entre nós. Impossível determinar seu tamanho exato — para não falarmos em sua influência. Tudo é secreto em relação a ela.

Também é difícil avaliar o número de pessoas que trabalha em atividades de inteligência, mas o senador William Proxmire calculou, em 1973, que o governo emprega pelo menos 148 mil funcionários nesses serviços, cifra que, não obstante, é muito baixa, pois inclui apenas os empregados nas organizações englobadas pela U.S. Intelligence Advisory Dia, Seção de Inteligência do Departamento do Board: CIA, Agência de Segurança Nacional, Estado e as divisões de inteligência do Exército, Marinha, Força Aérea, FBI e Departamento do Tesouro. Não estão incluídos os agentes em tempo parcial e o grande número de agentes e investigadores distribuídos por todo o governo em instituições supostamente "abertas", como o Serviço de Imposto de Renda e o Departamento da Justiça.

Seja qual for seu tamanho exato, a comunidade da inteligência é ampla e cresce cada vez mais. No mínimo, seu guarda-roupa é suficientemente espaçoso para acomodar 148 mil capas e, talvez, igual número de espadas. Seus serviços especiais — infiltração, subversão, vigilância e espionagem — têm demanda crescente. Embora ainda existam muitas fontes diferentes de poder nos Estados Unidos, tudo indica que a tendência do país para a tecnocracia impõe uma equivalência mais completa entre informação e poder. Mais que nunca, a força política e econômica advém para aqueles que possuem acesso especial ou controle sobre linhas de comunicação e informação fora do alcance do público.

Um segundo motivo para a emergência das organizações privadas de serviços de inteligência é o fenômeno das multinacionais. Alguns destes conglomerados foram descritos como "Estados soberanos". A metáfora é mais que adequada e está ficando cada vez mais aparente que o que é bom para as multinacionais não é necessariamente bom para os Estados Unidos — como a Marinha descobriu, durante a última guerra no Oriente Médio, quando não pôde abastecer seus navios diante da recusa de uma companhia petrolífera supostamente "norte-americana", cujos diretores temiam ofender seus sócios e anfitriões árabes.

SIGILOSO

Estou a perigo, man.
Cartas para "Mancha Negra", redação deste jornal.

Os objetivos a longo prazo da política externa norte-americana nem sempre coincidem com os planos das multinacionais, mesmo quando seus interesses são mútuos. A CIA, como percebeu o diretor da ITT, John McCone, ao tentar sabotar a economia e manipular as eleições no Chile, não faz suas operações na dependência da disponibilidade dos milhões de dólares oferecidos pela indústria privada — embora McCone devesse saber disso, pois foi diretor da agência de 61 a 65.

Quando se trata de guardar "informações patenteadas" dentro dos Estados Unidos, codificar os meios de comunicações, infiltrar governos no Oriente Médio ou financiar contra-revoluções na América Latina, as multinacionais precisam se virar sózinhas, criando seus próprios serviços de inteligência ou contratando os serviços de firmas cuja lealdade está a venda. Mas, de forma geral, o capitalismo de canhoneira seguiu o mesmo caminho da diplomacia de canhoneira: nos altos negócios, tal como na política internacional, hoje em dia é preciso uma estratégia mais sutil. Trata-se, porém, de uma estratégia basicamente antidemocrática, uma vez que depende da manipulação sub-reptícia de instituições, informações e da opinião pública. Afinal, a comunidade da inteligência lida com habilidades características da guerra. Ao recorrerem a estas habilidades, as multinacionais mostram que re-

conhecem a natureza eventualmente bélica de seu relacionamento com outros países, com os controles governamentais por estes impostos e com o público.

EXEMPLO COM NIXON

O melhor exemplo desse tipo de organização privada, provavelmente é a International Intelligence Inc. — Intertel —, misteriosa firma cujas atividades tiveram relação com os negócios de Howard Hughes, Robert Vesco, os "encanadores", a ITT, Bebe Rebozo e até a Mafia. De fato, existe uma relevância particular na constatação de que sua própria existência parece ter lançado uma sombra de paranóia sobre Richard Nixon — e, pelo menos indiretamente, contribuído para a destruição política do ex-presidente.

Em 1971, Jack Caulfield, um agente da Casa Branca, estava tão preocupado com a Intertel que recomendou uma campanha de contrainteligência para neutralizar esta empresa. O que alarmou Caulfield foi a explosiva mistura de associações políticas e econômicas que cercava a Intertel. Muitos agentes da firma a serviço de Howard Hughes tinham uma profunda afeição pela família Kennedy. As controvertidas relações da família Nixon com Hughes, combinadas com as simpatias políticas dos agentes da Intertel, sugeriam a possibilidade de revelações embaraçosas para o presidente, no ano vital da campanha para sua reeleição. Em parte para combater a organização privada, Caulfield tramou a Operação Sand Wedge, plano que incluía a criação do que ele descreveu como "uma Intertel republicana". Incapaz de decidir quem deveria chefiar a empresa — Caulfield nomeou a si mesmo, enquanto outros insistiam no irmão de Rose Mary Woods, a fiel secretária de Nixon —, a Casa Branca expandiu as atividades de sua unidade interna de "encanadores" — com os resultados conhecidos.

O plano de Caulfield ilustra bem uma característica das organizações privadas: elas alimentam mutuamente suas paranóias. A proposta tende também a confirmar aquilo em que muitos jornalistas acabaram por acreditar: os microfones instalados na sede do Partido Democrata em Watergate parecem ter sido um exercício de contrainteligência.

A Intertel é uma rede de agentes cujas especialidades incluem os campos da coleta de informações, economia, processamento de dados, contabilidade, engenharia de sistemas e ciências do comportamento. A firma tem seu quartel-general no segundo andar do edifício Hill em Washington, além de filiais em Londres, nas Bahamas, Toronto, Detroit, Nova York e Los Angeles. A empresa não fornece sua lista de clientes, mas sabe-se que oferece consultoria a bolsas de valores, bancos de investimentos, jornais, aeroportos, companhias de seguros, bilionários, governos, estabelecimentos de jogos e corporações multinacionais. Tom McKeon, vice-presidente executivo e conselheiro geral da Intertel, diz que a organização aceita clientes americanos e estrangeiros, mas seu alvo básico em matéria de marketing é o grupo dos 1.000 mais ricos, publicado pela revista Fortune.

A Intertel protege informações secretas, quer estejam gravadas, impressas ou na cabeça de um empregado, investiga antecedentes e avalia a "atitude dos funcionários"; cria "sistemas de inteligência" industrial contra a espionagem neste ramo, fornece "investigações eletrônicas defensivas" para saber se o seu cliente tem microfones ocultos no telefone ou escritório, autentica ou desabona documentos, realiza "análises de integridade das comunicações" para ver se o cliente precisa de equipamento criptográfico, promove campanhas para melhorar a imagem de organizações ou indivíduos, aconselha em relação às oportunidades geo-políticas em matéria de "switch-trade" (transações internacionais em que o vendedor é pago com favores e não em dinheiro), identifica letras e ações roubadas, evita o roubo de valores e faz "pesquisas industriais de campo", uma espécie de análise econômica e político-social que lhe dirá, entre outras coisas, se o lugar onde você vai instalar sua indústria tem estradas de ferro em número suficiente ou muitos comunistas. E faz mais, muito mais, tudo envolto numa linguagem extremamente misteriosa.

Em outras palavras, a Intertel é uma firma de "consultoria administrativa", especializada em serviços confidenciais no setor de inteligência. Para que ninguém vá pensar que a Intertel é apenas um grupo de detetives decadentes, estes são, alguns dos cargos que seus agentes

AGENTE SECRETO OFERECE-SE

Branco, americano, culto, bonitão, vasta experiência e bons contatos. Referências: "J. EDGAR HOOVER", Washington DC.

já ocuparam: chefe da Seção de Planos Especiais da Agência de Segurança Nacional, diretor da Divisão de Segurança Interna e Inteligência do Serviço de Imposto de Renda, vice-diretor de segurança da Agência de Segurança Nacional, vice-diretor de segurança do Departamento do Estado, supervisor de Atividades de Inteligência do FBI.

Contudo, não é a motivação da Intertel que merece ser questionada, mas a de seus clientes. Uma "análise de integridade de comunicações" soa muito bem — e esta é a intenção —, mas e se o equipamento do códigos e criptogramas resultante for usado para arruinar a economia ou subverter as instituições políticas de outro país? Os "analistas" são responsáveis?

CONFUSÃO NO PARAÍSO

A Intertel nasceu no fértil solo geopolítico das Bahamas, um arquipélago de mais de 2.500 ilhas e recifes que se estende na altura do litoral sul da Flórida. Lugar ideal para o aparecimento de uma agência tipo "missão impossível", frequentado por vigaristas, playboys, cafetões, bilionários, ingleses das colônias e pretos miseráveis. Durante grande parte de sua história recente, as Bahamas foram controladas por um grupo de negociantes brancos conhecidos como os Bay Street Boys, dos quais um dos mais poderosos era sir Stafford Sands, advogado cujas atividades particulares nada sofriam com seu serviço público como ministro das Finanças e do Turismo. Um de seus clientes, o ex-convicto Wallace Groves, pagou-lhe quase dois milhões de dólares em "honorários".

Groves tinha condições para isto. Graças a leis escritas por sir Stafford, Groves comprou uma área de 550 quilômetros quadrados na principal ilha do arquipélago por 2,50 dólares o acre, revendendo-a alguns anos depois por 50 mil dólares o acre. Sands também conseguiu as licenças para que fosse permitido o jogo em Freeport, ponto-chave do império financeiro de Groves.

Por volta de 1964, as propriedades de Groves valiam muitos milhões de dólares. Ele contava com muita ajuda, não apenas de Sands, mas também de seu sócio Lou Chesler, um financista canadense que pediu dinheiro aos bancos e conselhos a Meyer Lansky, o famoso gangster da Mafia. Não se sabe se Lansky os deu, mas certamente tinha motivos para fazê-lo. Desde que Fidel Castro nacionalizara as propriedades da quadrilha em Cuba, o crime organizado procurava uma nova base para seus cassinos. As Bahamas eram uma alternativa razoável para substituir Havana.



Enquanto estes acontecimentos ocorriam em Freeport, Huntington Hartford, o excêntrico magnata dos secos e molhados, empenhava-se em transformar uma ilha chamada Hog no Mônaco do Caribe. Batizou a ilha de Paradise e aplicou milhões em seu desenvolvimento, mas faltavam duas coisas essenciais para o sucesso: uma ponte ligando ao continente e uma licença para o jogo. Hartford não conseguiu nenhuma delas, possivelmente porque o seu cassino competiria com o de Groves e possivelmente porque cometeu a asneira de contribuir ao Partido Liberal Progressista, rival dos Bay Street Boys. Para salvar sua posição, Hartford vendeu quase todos os interesses de Paradise Island à Mary Carter Paint Company — a firma que se tornaria a Resorts International, fundadora da Intertel. O novo sócio de Hartford, James Crosby, não perdeu tempo para entrar em acordo com Groves, adquirindo os serviços de sir Stafford, e logo depois conseguiu a licença para o jogo e a ponte. O cassino de

Paradise Island só deveria ser aberto em janeiro de 1969, mas já chamara a atenção do homem que se tornaria presidente da Intertel: Robert Peloquin, na época chefe da primeira Força de Ataque contra o Crime Organizado do Departamento da Justiça, um dos principais responsáveis pela popularização do conceito de uma conspiração criminosa nacional chamada La Cosa Nostra.

James Crosby foi visitar Peloquin no Departamento da Justiça, pedindo ajuda em relação a dois problemas. Primeiro, queria o nome de uma firma que cuidasse da segurança e fiscalizasse os empregados de seu novo cassino. Peloquin respondeu que não podia recomendar nenhuma empresa no gênero. Segundo, Crosby estava apavorado com um jogador chamado Mike McLaney que, juntamente com outros, queria um pouco de ação em Paradise Island.

Peloquin providenciou uma investigação, introduziu matérias na imprensa sobre a influência do "crime organizado" nas Bahamas e negociou a expulsão de várias pessoas da ilha. Meses depois, demitiu-se do Departamento da Justiça e pôde então se encarregar do outro problema de Crosby: a segurança do cassino e a vigilância de seus empregados.

A Resorts International é um produto da Mary Carter Paint Company. Depois de construído o cassino em Paradise Island, Crosby desligou as propriedades nas Bahamas do resto da Mary Carter e criou a nova empresa, cujas perspectivas pareciam grandiosas. Peloquin saiu do Departamento da Justiça e abriu o escritório de advocacia Hundley and Peloquin, que admitiu a Resorts como cliente. A companhia prosperou de maneira impressionante. Amigo íntimo e sócio comercial de Bebe Rebozo, Crosby doou 100 mil dólares à campanha de Richard Nixon em 1968.

O encontro entre Nixon e Crosby parece ter sido um caso de amor à primeira vista. Crosby chegou até a colocar o iate da companhia à disposição do candidato e, posteriormente, tornou-se um dos convidados ocasionais da Casa Branca.

claro. O que é certo é que a Intertel teve uma grande participação em sua expatriação.

Na véspera do Dia de Ação de Graças em 1970, Hughes foi tirado de seu quartel-general em Las Vegas e embarcado num avião com destino a Paradise Island. Agindo sob ordens de altos executivos da Hughes Tool Company, a Intertel assumiu o controle dos cassinos de Hughes. Robert Maheu, confidente e chargé d'affaires do bilionário, foi sumariamente despedido, tal como outros empregados de confiança. Maheu afirmou que seu patrão fora "raptado", citando entre outros motivos seu estado de saúde extremamente impróprio para uma viagem. Que Hughes fosse para as Bahamas — diante do estudo secreto desfavorável, de sua doença e de sua raiva aos negros parecia muito excêntrico.

Tom McKeon, conselheiro-geral da Intertel, até hoje fica suscetível quando se fala na Operação Hughes, mas insiste em frisar que a companhia agiu segundo as ordens expressas do bilionário. De qualquer forma, o caso foi muito lucrativo para a Intertel, que começava assim suas atividades com uma operação espetacular.

SENTE-SE ESPIONADO ??

Oferecemos esquema seguro de contra-espionagem.
Cartas para Crazy.

SPY x SPY

Por volta do final do primeiro ano de existência, a Intertel estava envolvida num tenso e eventualmente cômico jogo de espião - versus - contraespião. Enquanto a companhia investigava Maheu, e vice-versa, o espião da Casa Branca Jack Caulfield investigava a Intertel, convencido de que a empresa era uma CIA particular trabalhando em nome dos interesses da família Kennedy. O que levou Caulfield a esta conclusão não é difícil de se imaginar. Menos de um mês antes do assassinato do senador Robert Kennedy, Hughes ordenou a Maheu que contratasse Larry O'Brien e "quatro ou cinco homens-chave da turma de Kennedy". Conseguindo isto, a agência de publicidade de O'Brien começou a fazer um "trabalho de relações públicas" para Hughes, que nunca foi esclarecido. Após o "golpe do Dia de Ação de Graças", em 1970, Hughes encerrou suas relações com O'Brien, e transferiu a conta de relações públicas para a Robert Mullen & Company, agência estreitamente ligada ao Partido Republicano e à CIA.

Neste ponto, a situação fica de uma complexidade bizantina e agentes secretos começam a pulular por toda parte.

Enquanto Caulfield e Maheu vigiavam a Intertel, a Intertel e o Serviço de Imposto de Renda investigavam Maheu. (A Intertel também estava trabalhando para a ITT e investigando Jack Anderson, bem como Clifford Irving, neste caso agindo para Hughes). Mais ou menos ao mesmo tempo, E. Howard Hunt, funcionário de Mullen e da Casa Branca (que pode ou não ter sido também um agente coberto da CIA) planejava instalar microfones nos escritórios de um editor de Las Vegas, a fim de roubar um maço de memorandos secretos de Hughes. Nestas negociações, Hunt conferenciou com agentes de segurança de Hughes que não eram nem da Intertel nem do Serviço de Segurança da Hughes Tool Company, mas de uma terceira rede chefiada por um cara chamado Ralph Winte.

Quem é Ralph Winte? Realmente, chega uma hora em que é preciso parar de fazer perguntas, se não vamos precisar conhecer metade da população norte-americana.

Mas enquanto esses acontecimentos se desenrolavam, ainda outra dimensão foi acrescentada a toda a intriga: Robert Vesco.

Durante o ano de 1972, Vesco negociou com James Crosby a compra de quase todos os seus bens em Paradise Island, incluindo o cassino, apesar da possibilidade de nacionalização de que este poderia ser alvo. Mas Vesco também estava sofrendo uma intensa investigação por parte da Comissão de Valores e Ações, que finalmente o acusou de uma das maiores fraudes da história do dinheiro: uma soma avaliada em 224 milhões de dólares fora supostamente desviada da Investors Overseas Service, dirigida por Vesco, para os bolsos do financista e seus cupinchas.

Ao mesmo tempo, Vesco também era alvo de uma investigação da Intertel e, embora a companhia certamente tivesse conhecimento das acusações contra o financista, Crosby só interrompeu as negociações com ele quando o caso estourou.

A intriga continuava. Enquanto suas atividades eram investigadas pela Comissão de Valores e Ações e pela Intertel, agentes do Departamento de Narcóticos e Drogas Perigosas foram contratados por um sócio de Vesco a fim de revistarem os escritórios do financista em busca de aparelhos de escuta. Posteriormente, Vesco pagou o organizador da busca com três mil dólares em fichas de jogo de um cassino das Bahamas.

SERVIÇO GARANTIDO

Muitos anos de prática.
Homens treinados em alijar do mercado aquela empresa concorrente no tráfico de drogas.
Fale conosco!

Apenas um ano depois de receber ajuda de agentes do Departamento de Narcóticos, Vesco foi acusado de ter financiado uma transação internacional de heroína.

Numa série de acontecimentos aparentemente não relacionados, a própria Intertel foi envolvida com agentes de narcóticos em 1973. Funcionários do Departamento de Narcóticos entraram em contato com a Intertel em fevereiro daquele ano, com uma proposta chamada Operação Dólar de Prata, uma conspiração destinada a pegar em flagrante um hóspede indesejado do Frontier Hotel, pertencente a Hughes — um hóspede que se acreditava ser traficante de drogas. O Departamento de Narcóticos prometeu infiltrar-se no grupo do homem se a Intertel induzir a organização de Hughes a financiar a operação. Ficou tudo acertado, mas no final o homem não mordeu a isca.

A esas alturas, os leitores já devem estar bem zonzos com esta rede intrincada de caminhos cruzados — acidentalmente ou não — entre Hunt, Hughes, Intertel, Vesco e assim por diante. O labirinto é realmente confuso e o objetivo aqui foi apenas mostrar até que ponto os Estados Unidos alimentaram fantasmas que continuam a assombrar os seus cantos escuros.
(Adaptação de Vilma Gryzinski)

Pg.
8

VEJA ILUSTRE PASSAGEIRO

Será que o belo tipo faceiro que está sentado ao seu lado não é um espião?

Contra-ataque: prevenir é melhor que remediar.

Contratar-nos. Cartas para Ron Merino.
Sigilo total.

OPERAÇÃO HUGHES

Depois de anos de existência de fato, a longa gestação da Intertel terminou. Em janeiro de 1970, a Resorts providenciou o financiamento necessário a fim de formar uma sociedade como "organização consultiva criada especificamente para salvaguardar atividades comerciais dos riscos ocultos da vulnerabilidade a elementos criminosos e dar assistência a estados e cidades no desenvolvimento de amplos mecanismos de controle ao crime".

Durante a década de 60, os Estados Unidos sofreram uma reviravolta moral que resultou na redefinição de muitas opiniões convencionais. Deu-se grande atenção à legalização da pornografia, mas muito mais importante, economicamente, foi a nova atitude em relação ao jogo. O que era uma falcatura dirigida por quadrilhas virou, no final, da última década, uma indústria administrada por burocratas do governo e corporações como a Hughes Tool, Pan Am e ITT. O pioneiro foi Howard Hughes que, em 1966, com 546 milhões de dólares em dinheiro provenientes da venda forçada da Trans World Airlines, foi para Las Vegas sob guarda armada e começou a fazer ofertas que ninguém poderia recusar.

Hughes continuou procurando novas propriedades e um dos lugares que o interessavam mais era as Bahamas. Primeiro, encomendou um estudo secreto, cujos resultados não foram nada satisfatórios, citando as instabilidades políticas do arquipélago, a probabilidade de distúrbios raciais e de um eventual cataclisma social. Não obstante, Hughes mora atualmente nas Bahamas. O que fez com que o bilionário não seguisse os conselhos que pedira não está



Ex-entrevista Crisis, com provas de muita simpatia

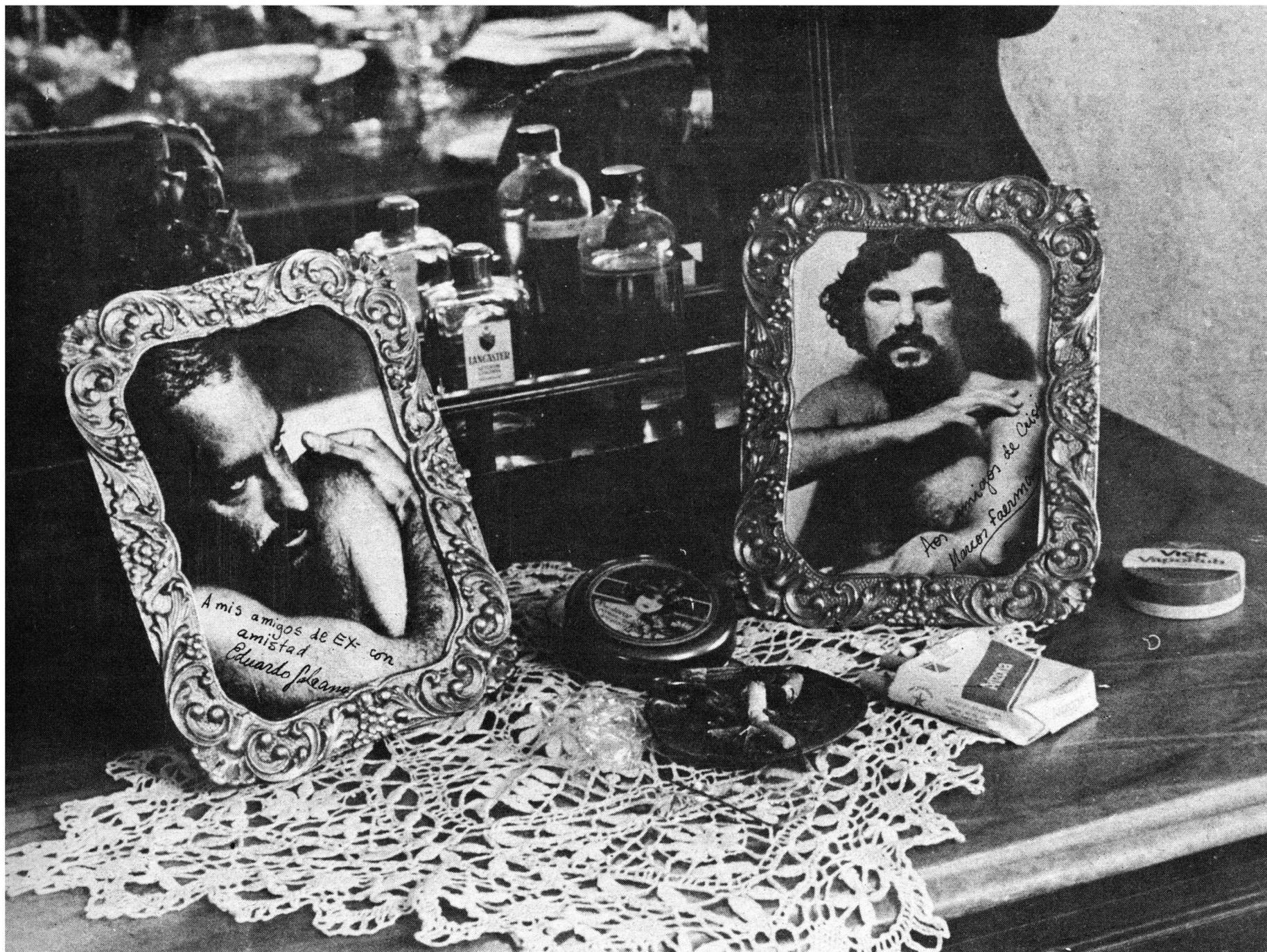


foto Luércio Jr. e Domingos Cop Jr. Joca Pereira

Duas vezes, estando em Buenos Aires, tentei entrevistar Eduardo Galeano. Mas ele estava sempre viajando. Galeano é o repórter e escritor latino-americano que mais conhece o continente. Finalmente, há algumas semanas, recebi recado de Eric Nepomuceno, jornalista brasileiro que morou algum tempo na Argentina, informando que Galeano estava

em São Paulo. Conversamos 4 horas, numa noite chuvosa. Ele contou aventuras vividas nos países latino-americanos que visitou; contou como foi que escreveu o mais belo livro sobre nossa terra ("Veias Abertas da América Latina"); falou da tragédia de seu país, o Uruguai; e contou histórias íntimas de escritores latino-americanos com quem conviveu.

Depoimento a Marcos Faerman

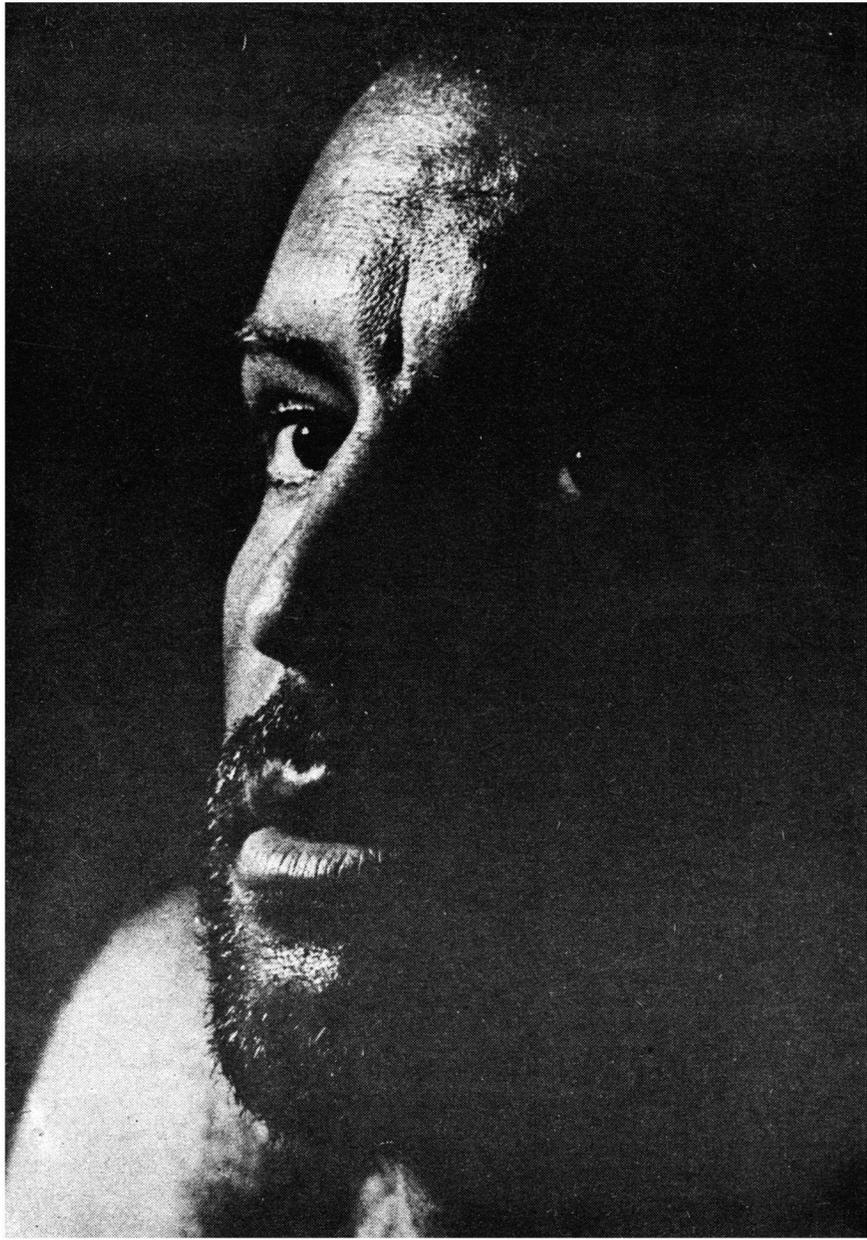


foto: Claudio Favere

Pg
10

Marcos - Galeano, você é o autor de uma das mais belas reportagens escritas sobre a nossa América Latina; ela se passa num trem boliviano cheio de índios, de contrabandistas, de tiras... Como é que você foi parar neste trem?

Galeano — Eu acho que fiz esta viagem em 1970, quando estava trabalhando meu livro "Veias Abertas da América Latina". Fui de trem, num vagão da terceira classe, simplesmente porque estava duro, duríssimo. Mas nesta viagem de quatro dias, infinitamente longa, conheci aquele povo, vi aquele monte de contrabandistas e índios muito pobres que vivem do contrabando-formiga. Há uma infundável briga entre os caras das alfândegas internas da Bolívia, que vem dos tempos da colônia, e os pequenos contrabandistas. Em cada alfândega há um cara que entra no trem e todo mundo fica apavorado. E o cara vai passando, gritando, querendo arrancar a lata de azeite do índio, que precisa dela para sobreviver; e vem aquele papo horrível, aqueles gritos...

M — Como é que você vivia na época em que fez o livro?

G — Vivia como podia; vivia muito mal. Trabalhava no Departamento de Publicações da Universidade de Montevidéu e tinha de me virar para sobreviver. Durante quatro anos fui recolhendo material aqui e ali, nas bibliotecas, com os amigos, mas precisava de muita experiência direta, e o livro seria, afinal de contas, bem melhor se eu tivesse dinheiro para fazer algumas viagens que não foram feitas, na condição de jornalista *free-lancer*. Eu estive na Venezuela, por exemplo, só depois de ter escrito meu livro... e estava com medo de que as coisas não fossem bem como eu tinha dito! Mas eram.

M — Mas seu livro virou um verdadeiro best-seller do gênero

G — Pois nunca imaginei que isto pudesse acontecer. Na verdade, eu queria fazer uma espécie de manual de divulgação de algumas idéias que estão escritas, em "código" pelos economistas e sociólogos; queria converter tudo isto numa história de aventuras, num romance, numa história de pirataria, de amor, de traição, de tudo. E tem tudo isto, como se sabe, na história da América Latina. Bem, seis meses depois do lançamento, recebo uma cartinha da Editora Siglo XX dizendo... "seu livro teve uma recepção discreta... mas isto é o máximo que se pode esperar diante de um tema tão explorado". "Mas a venda não é má... 546 exemplares". Agora já está em 126 mil.

M — A linguagem funcionou.

Jogador de futebol lê Galeano.

G — A minha vocação é a novela, o conto, a narração. Mas naquela época eu fiquei quatro anos sem escrever ou ler uma linha de narrativa, sempre às voltas com os chatíssimos informes dos economistas da ALALC, da OEA e não sei mais o quê... o dia inteiro com aqueles tijolos, aqueles cientistas-sociais, aqueles historiadores que escrevem para a minoria da minoria. Enfim: peguei uma bruta alergia do café que tomava para não dormir — trabalhava das 11 da noite às 5 da manhã — e uma alergia mais forte ainda a livros de ciências-sociais etc. Há

quatro anos não toco em nada disto. Em compensação fiquei satisfeito por ter escrito um livro que é lido até por porteiros de edifícios, jogadores de futebol, como o Ramos Delgado, que disse à revista "Gente", de Buenos Aires, ter aproveitado as folgas da concentração do Santos para ler "Veias Abertas da América Latina"! Acho que a importância do livro está numa linguagem que rompe com os chavões habituais da literatura progressista na América Latina. O que importa é dizer a coisa e não o nome da coisa, o palavreado. Além disso, é um livro indefinível: não é novela, não é ciências-sociais, não é história; é um pouco de tudo, tentando captar as caras de nosso continente.

M — E você tem mais percepção do Brasil do que a maioria dos autores dos demais países da América Latina.

G — Você sabe, eu sou uruguaio, e o Uruguai é um país muito ligado ao Brasil, tem toda aquela faixa da fronteira que fala o português, e tal. Para mim o Brasil é sempre uma injeção de vida, apesar dos pesares, apesar de você. (E cantarola a música de Chico). Quando começamos a fazer *Crisis*, tivemos a clara percepção de que era preciso falar de toda a cultura importante da AL, que é uma verdadeira contracultura. E que para isto deveríamos olhar muito para o Brasil. Pois a partir do seis, sete da revista, começaram a chegar cartas dizendo que estávamos fazendo o jogo do "subimperialismo brasileiro".

M — Carlos Drummond de Andrade agente do subimperialismo!

G — É... aquela confusão toda que alguns sacanas e babacas fazem entre o sistema de um país e seu povo.

M — Mas vamos falar um pouquinho de sua vida, tá? Certa vez li que você desenhava, quando garoto.

G — E ainda desenho alguma coisa. Mas isto é raro, hoje em dia, porque a literatura é muito possessiva.

M — Você foi uma espécie de garoto prodígio de Montevidéu, não?

G — Bem, com 14 anos comecei no jornalismo, como desenhista, diagramador, e aos vinte era chefe da redação do *Marcha*, de Montevidéu, um ótimo jornal semanário que não morreu de morte natural, foi assassinado. Aos 24 anos, era diretor de outro jornal de Montevidéu, o *Época*. Fiz muitos jornais. Uns foram fechados pelos credores, outros pelo governo. Depois fui para a Argentina, onde faço *Crisis*.

Eric — O Galeano podia falar das histórias que ele viveu pela América afora, pelo mundo, como repórter.

G — Eu trabalhava num banco. Um dia fiquei com o saco chelo demais. Fui ao gerente e pedi que me pagasse o que devia, que eu ia embora. Naquela noite fui para Buenos Aires, trabalhar numa revista que foi, naturalmente, fechada pelo governo. Voltei para Montevidéu... e de lá parti para a China. Então, o meu conhecimento do mundo era... Montevidéu, Buenos Aires e Pequim — isto é, Marte. Fiz umas 400 entrevistas e depois de dois meses fui para Moscou. Era o ano de 1963, e os chineses me avisaram que eu podia ir à URSS, tá legal, mas que a passagem de volta, quem ia pagar era a URSS, o que mostra que as coisas não estavam muito idílicas entre eles, que não eram relações de foto-novela. Mesmo assim muita gente me chamou de agente da reação por escrever sobre o conflito sino-soviético... Depois da URSS, voltei para o Uruguai e parti para a Europa, Estados Unidos, Guatemala. Em 67, fiz um livro sobre a Guatemala. Foi um ano terrível lá, com sete mil mortos pelo Esquadrão da Morte deles, a Mano Blanca e outras orga-

nizações parecidas. Estive com os guerrilheiros nas montanhas e escrevi um livro sobre isso. Mas em Montevidéu, nos cafés, falavam muito da triste morte de Eduardo Galeano nas montanhas da Guatemala. Quando voltei, uns caras desmaiavam ao me ver... "Mas che, você não morreu, che?" Lá por '71,72, quase morro de verdade nas minas de diamante da Venezuela, onde peguei malária duas vezes. Esta região mineira é uma mistura da pré-história com o ano 2 mil. Tem diamante, mas é de quem pegar primeiro, e tem aquelas caras dormindo nas árvores que só bebem *Balantines* e só fumam *Marlboro*, e se ganham 40 mil dólares numa semana... na outra estão mais pobres do que uma barata. Bom, eu estava na praia com dois amigos quando elcs começaram a falar das tais minas. Não tinha nada para fazer em Caracas, e falei: "ora, vamos para lá". E fomos. Pegamos um carro e com ele chegamos a um pequeno povoado indígena. A partir daí, de avião, chegamos às minas. Havia muitos equívocos. Por exemplo: cada um de nós achava que o outro tinha dinheiro. Chegamos lá e descobrimos que nenhum de nós tinha. Era uma viagem prevista para três dias, mas passaram-se quinze porque nos tornamos prisioneiros da chuva e da pobreza, e assim ficamos esperando o primo de um deles chegar. No meio da selva, não tinha jeito da gente sair, a não ser por uns aviõezinhos caríssimos. É uma zona estranha, onde as prostitutas podem ganhar 400 dólares por uma noite, até 600. No meio do mato, existem povoados para 400, 500 pessoas, que vivem enquanto há diamantes, depois somem e aparecem outras. Quando voltamos para Caracas, estávamos os três com malária... e se a primeira foi benigna, coisa parecida com uma gripe forte, a segunda foi violentíssima. Estava num hospital e só me lembro que quando melhorei um pouco disse ao médico que queria pagar. Ele me disse: mas por que pagar? este hospital é da universidade. Mas não, eu falei, eu ouvi falar em problemas econômicos... mas não — disse ele — você ouviu outra coisa, você escutou um dos caras que o trouxe aqui dizer: "este aí pegou a econômica". Mas que econômica?, perguntei. "Econômica é o nome da febre que você pegou. Ela mata num dia, e a gente nem gasta remédio". Histórias como esta eu levei para meus livros, "Veias Abertas", "Vagamundo" e outros. Em "Vagamundo", livro de contos, eu escrevo a história real de um enorme negro nascido numa ilha britânica do Caribe e que estava na Venezuela atrás de diamantes. Acontece que o cara roubou um diamante e foi cercado pelos mineiros, que queriam matá-lo. Mas ninguém falava a língua dele, o inglês, e eu fiquei de intérprete do cara, apavoradíssimo, mas que não queria dizer onde o diamante estava. Os caras já estavam preparando as facas para liquidá-lo; ali não tem polícia, não tem nada, só tem uns tiras que aparecem de vez em quando para arrecadar "impostos". No fim, o cara tirou o diamante que tinha escondido debaixo da língua. Achei esta história muito linda para contar, e contei. Depois tem uma outra história muito simples mas muito dramática do Alto Paraná, onde estive há dois, três anos. Uma mulher tem nos braços um menino lindíssimo chamado Noel, que está morto, que morreu ao longo da viagem de caminhão, ao longo das matas. É uma região recentemente ganha para a chamada civilização, fronteira do Paraguai, mas cheia de brasileiros. A mulher está viajando de caminhão, ao meu lado, e o menino morreu no curso da viagem. Acontece que ela não podia dizer que o menino estava morto, porque nenhum caminhão iria levá-la. É uma região cheia

de superstições, e sempre se fala por lá que transportar cadáver dá azar, e o único que sabia do menino morto era eu. Esta é a matéria-prima de uma história de "Vagamundo".

A história é esta: Noel.

La lluvia nos había sorprendido a mitad de camino; se había descargado, rabiosa, durante dos días y dos noches.

Ya hacía unas horas que había vuelto el sol y los niños andaban por las orillas del monte buscando el yacaré caído del cielo. El sol atacaba los barriales de los sombrados y la espesura cercana, arrancandoles nubes de vapor y aromas vegetales limpios y maderados.

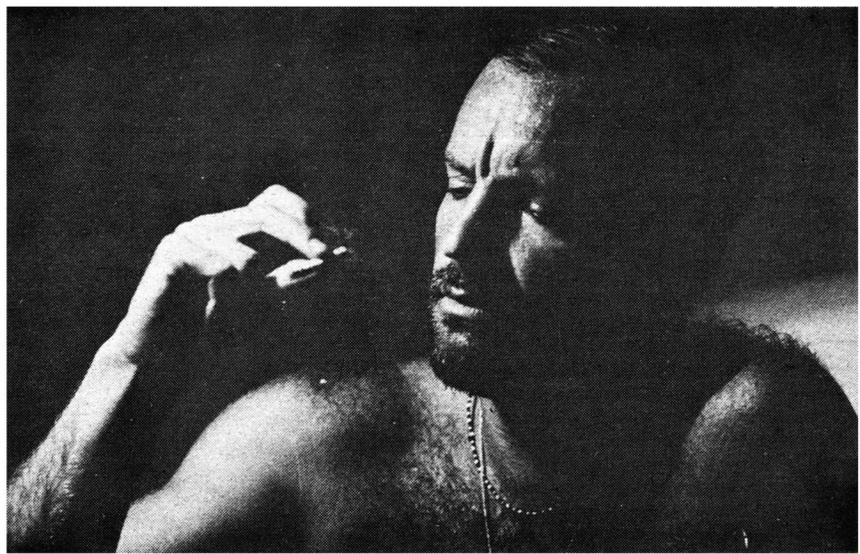


Foto: Claudio Faviere

Nosotros estábamos esperando que un ruido de motores nos anunciara la continuación del viaje, y dejábamos pasar el tiempo, entre bostezos, sentados de espaldas contra el frente de madera del almacén e echados sobre bolsas de azúcar o maíz molido.

De los brazos de una mujer, a mi lado, brotaba un débil gemido continuo. Envuelto en trapos, Noel gemía. Tenía fiebre; un mal se le había metido por la oreja y le había ganado la cabeza.

Mas allá de los campos amarillos de soja, se extendía un vasto espacio de cenizas y muñones de árboles talados y carbonizados. Pronto volverían a alzarse, por detrás de esos eriales, las espesas columnas de humo de las hoquegras que es abrian paso hacia el fondo de la maleza invicta, donde florecían, porque era época, las campanillas moradas de los lapachos. Esperando, esperando, me dormí.

Me despertó mucho después, la agitación de la gente que gritaba y alzaba bultos, bolsas y valijas. El camión, rojo de barro seco, había llegado. Yo estaba estirando los brazos cuando escuché, junto de mí, la voz de la mujer:

— Aydane a subir.

La miré, miré al niño.

— Noel no se queja — dije.

Ella inclinó suavemente la cabeza y luego continuó con la vista clavada, sin expresión, en las altas arboledas donde se rompían las últimas luces de la tarde.

Noel tenía la piel transparente, color sebo de veia; la madre ya le había cerrado los párpados. Subitamente sentí que me retorcián las tripas y sentí la ciega necesidad de pelearme a puñetazos contra Dios o contra alguien.

— Culpa de la lluvia — murmuró ella —. La lluvia, que cierra dos caminos.

Mas que tristeza, era el miedo el que le apagaba la voz. Qualquier camionero sabe que dá mala suerte atravesar la selva con un muerto.

Nos trepamos a la caja. Los contrabandistas, los hacheros y los campesinos celebraban con caña brasileña la aparición del camión. Algunos cantaban. El camión arrancó y se callaron después de los primeros sacudones.

— Ya ahora, por qué vas?

Fué la primera vez que ella me miró, y parecía asombrada:

— Adonde?

— Esto lleva hasta Corpus Christi.

— Alla voy. Voy hasta Corpus a rezar para que venga el cura. El cura tiene que bautizar. Noel no está bautizado y yo voy a esperar al cura hasta que él venga con las aguas sagradas.

El viaje se hizo largo. Ibamos a los tumbos por la picada abierta en la selva. Ya era noche cerrada y por aquellas comarcas también vagaban disfrazadas de bichos espantosos, las almas en pena.

A máquina de destruir gente.

M — E agora, Galeano?

G — Eu tenho escrito muito sobre o Uruguai. Sofro muito com a situação de meu país, onde se instalou uma máquina de destruir o homem. Narrei isto numa história que ganhou o concurso da Casa das Américas, e que também será publicada no Brasil. É a máquina da opressão em funcionamento na vida cotidiana, a perseguição e o assassinato em todas as suas formas, o escravizamento de um destino. É aquela coisa de você se sentir sem futuro, sem nada, e a falta de liberdade até nos planos em que ela não é clara. O jovem é visto como um inimigo e vai embora. Setecentos mil uruguaios vivem hoje na Argentina e o Uruguai é um país de dois milhões e meio de habitantes! Imagine estas coisas. Isso dói muito em mim e em todos os uruguaios.

E — É importante se lembrar que o Uruguai tinha três milhões de habitantes em 1969.

G — Individualmente, podemos até viver bem no exterior, porque o nível cultural do Uruguai é bom, é uma mão-de-obra boa, especializada... Dá pra se viver bem melhor do que no Uruguai. Mas há um problema gravíssimo: a perda da nacionalidade. Você vira um cara sem raízes, no ar; sofre a gangrena do país que está se esvaziando... todos os sistemas opressivos são inimigos da vida. E há tentativa de não deixar o jovem ser jovem.

M — Por isto mesmo um jornal humanista como **Marcha** não podia sobreviver. **Marcha** que foi, talvez, o melhor semanário que já tivemos na América Latina.

G — E, eles fecharam o **Marcha** porque era um jornal importante, um jornal que conseguiu viver 35 anos. Colaboravam, por exemplo, o Neruda, o Octavio Paz, o Benedetto, que foi um dos editores, o Onetti, que foi chefe de redação, e o Cortázar, todo mundo, o Asturias... **Marcha** é a mãe de **Crisis**. Trabalhei quatro anos lá, me formei junto com Carlos Quijano, um velho jornalista sensacional, muito digno, um Dom Quixote, um cavalheiro-fidalgo, um economista com um charme incrível para dizer as coisas. Em todos os sentidos, ele foi o meu mestre no jornalismo. Onetti foi o primeiro chefe-de-redação, lá no ano de 39, quando **Marcha** nasceu. Eu sei que ele até morou no **Marcha**, em 39, mas como nasci em 40, só sei disto por certas referências. Quijano pagava Onetti com almoços, ovos fritos, vinho. **Marcha** foi sempre muito bom e muito pobre.

M — Claro que não tão pobre como nosso jornal. Mas como é que o **Marcha** viveu tanto tempo?

G — A situação do país dava para isto. Já não dá mais; nem do ponto de vista econômico, nem do ponto de vista político. **Marcha** chegou a ter 35 mil leitores, o que num país pequeno é um milagre. Mas isto era explicado pelo alto nível cultural do país e pela amplíssima margem de liberdades; você podia dizer o que quisesse ou quase isto. O pessoal trabalhava por fora para ganhar algum dinheiro, e no **Marcha** "por amor a la camiseta". Depois disto eu dirigi durante dois anos um tabloide diário de 32 páginas sem ganhar nada!

Bichas dançavam nuas nas mesas.

M — Galeano, você não quer vir trabalhar no EX-?

G — (Risos) Este jornal chama-se **Época**, e eu o dirigi de 64 a 66. Nesta época eu tinha 24 anos e era um dos mais velhos da redação... uma redação onde ninguém ganhava nada, e que se às vezes tinha 50 colaboradores, às vezes não tinha nenhum. Olha, chegou um dia em que não tínhamos nem jornalistas, nem máquinas de escrever, nem teletipos, porque as agências tinham carregado os teletipos, nem telefone, que foi cortado porque não pagamos a conta, e o único rádio tinha caído no chão e quebrado. Eu e os outros quatro caras que tinham aparecido na redação ficamos nos olhando, e concluímos que só havia uma coisa a fazer: ir para a janela ver se acontecia alguma coisa na rua.

E — Um dos personagens famosos deste jornal era o cronista do turfe.

G — Ele era um sujeito sensacional, filho de família ilustre, um gordo leninista que adorava cavalos. Era um especialista em coisas estranhas, um cara que conhecia profundamente o mundo das drogas, o mundo dos cavalos de corridas... Então, ele acertava todas. **Época** era um jornal lidíssimo pelos progressistas e pelos fanáticos de cavalos. Todo o dinheiro da venda avulsa era, às vezes, jogado nas corridas. Todos os loucos de Montevideú iam à redação de **Época**. Um deles tinha mania de roubar anjos, esses anjos de mármore que ficam fazendo xixi nas praças; pois ele roubava um anjo e corria para a redação. "Esse jornal não se vende — gritava o cara — é o refúgio dos perseguidos". Quem frequen-

tava muito a redação era a raça dos gigolôs. Cada vez que uma menina era presa, aparecia um gigolô na redação protestando contra a prepotência da polícia. A redação estava cheia de loucos, de perseguidos pelas formigas, de inventores, como um cara que enchia o saco de todo mundo falando de uma nova invenção para apagar fogo sem água disparando um tiro de canhão com areia. E tinha as bichas que iam dançar nuas em cima das mesas da redação... Um dia, o jornal pegou fogo. Fui para lá caminhando, muito triste, e no meio dos policiais, da fumaça, eu vi um cara que tínhamos mandado embora porque só fazia papalão, só dizia besteira, e o cara estava numa bicicleta de circo, daquelas que têm uma roda enorme e a outra pequenina... olhando para o incêndio e rindo, dando gargalhadas. Era a vingança. Lembro até de uma frase que o Alberto Carbone, um jornalista muito importante lá dos nossos lados, disse a ele: "que lindo abuerto se perdeu tu vieja"...

— Hoje em dia, todo mundo de **Época** está no estrangeiro... alguns foram mortos. Que história sensacional se a gente reunisse todo mundo para relembrar aquele tempo... daria um lindo livro.

Matou a galinha que xingou a mãe

E — Montevideú tem histórias incríveis, personagens incríveis, como Paco Spinola.

G — Paco Spinola é um escritor quase tão bom como Onetti mas muito pouco conhecido fora do Uruguai. Ele conta histórias dos subúrbios das pequenas cidades do interior enquanto Onetti fala do drama da urbe grande, aquela coisa do cara que fica olhando para o teto, que não tem coisa alguma dentro de si, esse é o personagem de Onetti. Paco foi um cara importante, que recolheu lindas histórias do interior e as contou numa linguagem sensacional. Uma delas é a famosa história da galinha, que seus amigos gostam de repetir. Paco era um tipo muito guloso, e gostava de comer galinha. Ele tinha uma irmã, dona Vitória, proprietária de uma chacinha no interior; era uma chacinha muito pobre, com gente muito generosa e muito fraternal. Dona Vitória fazia sempre bons almoços com arroz, batatas, muita coisa, mas ela proibiu que se tocassem nas galinhas. Um domingo, meio dia, Paco foi convidado para um destes almoços. De repente, ele desaparece; mais ou menos uma hora depois, eis o Paco vindo, de longe, com um "vulto" na mão. A medida que ele vai chegando perto, se descobre que ele tem na mão uma galinha morta. Mas vem com tanta tristeza, vem tão abatido, com a cabeça baixa, assim, bamboleando aquela galinha na mão, que ninguém o reprova. A irmã aproxima-se e pergunta: "Mas o que é que tu tens, Paquito?" Ele falava de um jeito muito particular, tinha o queixo muito pronunciado... "Nada", diz ele, nada. Bem, aconteceu uma coisa importante... "Mas o que foi, Paquito?" "Bem, eu estava tomando um solzinho quando vem uma galinha, aí eu peguei e lhe dei uns grãos de milho... ela vem, come e se retira. Depois veio uma galinha vermelha e eu também lhe dei uns milhinhos; ela come, ela se serve, ela se vai. Depois, depois chegou esta aí — e levanta a defunta — chegou e me olhou assim ó. Eu lhe digo: "você não come, filha minha?" E ela me diz: "vá para a p... que p...". Então ele diz chorando para a irmã: "Percebes o que ela disse, mani-

nha, percebes... é a nossa mãe!" Ela diz: "sim, está bem, me dá a galinha que eu vou depenar e botar ela no fogo". Ai o Paco fica sozinho com os amigos. Chama o pessoal e lhes diz: "vou dizer a verdade pra vocês: a galinha não disse nada". Mas o Paco tem mil histórias. Uma vez ele foi nomeado delegado do Uruguai na Unesco. Ele foi à sua cidadezinha de trem, para receber as homenagens de seu povo. Mas na cidadezinha ninguém sabia o que era Unesco. Ele chega lá e conta assim: "Estavam todos, todos: o prefeito, os doutores, até as putas com suas peles... era um dia de verão, imaginem, e tinha um sol. Estava toda a cidadezinha reunida e eu tinha que explicar-lhes o que era a Unesco para que soubessem a importância que tinha o fato de um filho de San José chegar à Unesco como delegado do Uruguai, delegado da Pátria! Tinha que ir ai explicar como fazia, né? Então me ocorreu o seguinte e lhes disse: "vamos supor, fazer de conta que estamos todos aqui reunidos e comecemos a tomar vinho. Tomamos uma garrafa, duas, três, cem garrafas de vinho. Ao final, estamos todos bêbados, e brigamos uns com os outros, a gente faz um barulho grande de verdade. Ai vem a polícia leva todo mundo preso... menos a mim... ah, a mim ela não prende!" Esse foi o jeito que ele achou melhor para contar aos caras como era importante a Unesco! Assim são as histórias de Francisco Spinola, Paco Spinola, um cara legal que morreu no dia do golpe de Estado no Uruguai, em julho de 1973.

Somos íntimos da Coca-Cola.

M — E aquela interminável discussão a respeito dos escritores latino-americanos que vivem na Europa? Ouvindo você, pensei com mais clareza na posição do uruguaio Mário Benedetti intransigente crítico dos "exilados de Paris". E o que pensei é que para um uruguaio é difícil entender que alguém vá deixar sua terra sem a coação da fome ou da polícia.

G — É verdade que muita gente pensa que o Uruguai não tem destino nem sentido como país, e que deve desaparecer. Estamos vivendo agora uma diáspora pior que a dos judeus, porque não temos raízes sólidas comuns. O que une um uruguaio ao outro no exílio? Mas eu acho que não se deve ter uma posição radical diante dos escritores do "exílio". Há muita coisa mais importante do que o boom, que não passa de um problema transitório de sucesso comercial de alguns autores. Em primeiro lugar, seria preciso definir com clareza o que é nacional e o que é estrangeiro. A literatura que conhecemos na América Latina é a cultura com a bênção pública e oficial, quer dizer, uma cultura que se produz, gera e consome num círculo muito limitado e num raio muito pequeno da população total de cada um de nossos países. O escritor provém de uma elite consumidora e trabalha para ela porque é essa elite consumidora que compra livros; isso é claríssimo. Mas as grandes massas da América Latina têm outra cultura. E a grande verdade é que as centrais norte-americanas de TV, os anúncios da Coca-Cola, têm uma relação mais íntima com a cultura latino-americana tal qual ela é, do que as melhores novelas de Onetti e Juan Rulfo. A cultura que o povo consome não é a cultura latino-americana do mais alto nível, a que tem a ver com a conquista de nosso destino, mas aquela que nos é induzida de fora pelos

meios de comunicação que respondem às necessidades dos interesses econômicos dominantes. Isto determina que esta minoria consumidora que os intelectuais integram nos países latino-americanos seja um grupo que vive uma vida importada. Vive às custas da tradição, da história, das características reais do país que habita, porque o seu nível de consumo lhe permite ascender — eu me refiro à classe média alta, à classe média e à classe alta — a padrões de vida e de consumo que são padrões europeus e norte-americanos: automóveis, livros, cinema, teatro, e revista Crisis também. Enfim: gostaria que o que eu faço chegasse além dos limites a que chega normalmente um livro na América Latina, mas eu não me engano diante do fato de que as massas do continente são totalmente alheias ao que podemos dizer. Mas eu me pergunto, conhecendo muitos intelectuais latino-americanos, se não há tipos que são mais alheios à nossa vida, vivendo em nossos países, do que no estrangeiro? Temos que ter muito cuidado com estas coisas: não é a geografia que determina o maior ou menor vínculo que um homem pode ter com sua pátria, com o destino de seu povo. A melhor pintura uruguaia de todos os tempos foi feita em Paris por um velho pintor de meu país. Mas, por outro lado, tem que se levar em conta que esta terra vive tão cheia de aventura e violência, e que muda, cotidianamente, com tal velocidade e intensidade, que estas experiências não poderiam ser vividas em outro lugar. Um homem que não está convivendo com essa tensão diária pode perdê-la de vista. E depois de algum tempo a boa vida na Europa pode introduzir mudanças não desejadas por um criador naquilo que escreve. Tudo isso não quer dizer, como falei, que um tipo que viva numa cidade latino-americana esteja vacinado contra a alienação.

M — E como é que Cortázar fica nesta?

G — O Cortázar, coitado, é o mais atacado, porque vive em Paris. Mas creio que é um homem sincero, muito honesto, que não faz trapaças, que escreveu coisas importantes para toda a América Latina. Lamentavelmente, ele tem imitadores que confundem a literatura de Cortázar com um vazio exercício de estilo, uma pirotécnica para deslumbrar incautos; são os tais caras que estripam palavras, estrangulam frases, jogam com a linguagem, como se ela não fosse uma ferramenta, um digno instrumento de trabalho.

E — Você acha que os 24 anos de "exílio profissional" do Cortázar em Paris são os responsáveis pelos equívocos do "Livro de Manuel"? (O último livro de Cortázar, que tem como tema a violência na Argentina).

G — Bem, isto pesa, sobretudo quando ele quer reproduzir a realidade argentina em seus aspectos mais dolorosos e violentos. A tensão é uma coisa que a gente respira. Ou não. A vida está aqui,

Lamúrias de Vargas Llosa.

M — Mario Vargas Llosa construiu boa parte de sua obra no exterior, e quem duvida de sua importância?

G — Eu gosto muito das primeiras novelas dele. "La Ciudad y los Perros" (Batismo de Fogo) é a grande novela da violência na América Latina — e foi escrita na Europa. Já "Conversación en la Catedral" me pareceu uma espécie de demonstração de habilidade

técnica, afinal Vargas Llosa é um cara incrível capaz de fazer um diálogo com 60 vozes. Mas é uma novela que não tem o fogo interior de "La Ciudad y los Perros". Eu prefiro a literatura da experiência sofrida ou gozada.

E — Ele anda dizendo muita bobagem hoje em dia.

G — Mas eu prefiro o equívoco à hipocrisia. Falo isto do ponto de vista pessoal, mas politicamente eu acho muito equivocadas as opiniões de Vargas Llosa. A sua crítica à expropriação dos jornais peruanos não é a expressão de um socialismo aberto mas apenas a lamúria da velha anclã liberal. A verdade é que muita gente estava esperando um Solgenitzen peruano. Um homem tem de ser sincero mas deve medir cuidadosamente o que faz e diz, porque as opiniões de um escritor importante como ele pesam na sociedade.

M — E pessoalmente, como ele é?

G — É um cara que tem uma disciplina incrível: tem horário de escritório para escrever. O Onetti costuma dizer que a diferença entre ele e o Vargas Llosa é que o Vargas Llosa tem com a literatura a relação de um esposo, e ele tem uma relação de amante. Tem uma vida muito ordenada, acorda todos os dias à mesma hora, sabe hoje o que lhe acontecerá dentro de um ano.

Onetti, o homem está perdido.

E — "Pantaleão e as Visitadoras" faz muito sucesso no Brasil, atualmente.

G — É um péssimo livro. Porque ele não tem senso de humor, logo não pode fazer um livro de humor. É aquele tipo de sujeito que só ri de uma piada depois de uma explicação.

Mas vou falar, agora, alguma coisa sobre o Onetti, uma história que mostra melhor do que qualquer coisa o seu caráter e a sua literatura. Uma vez, faz dois anos, Onetti foi a Buenos Aires como jurado do concurso de Literatura da Editorial Sud-Americana e do jornal "La Opinión". Então ele me chama pra jantarmos juntos. Bem, ele estava meio doente, como sempre. É um cara muito fraco, um homem envelhecido, bebe muito, não come nunca, mistura pilulas de diversas cores e tamanhos. Toma pilulas para se tranquilizar, para regular, para acordar, para dormir, e mistura todas elas com uísque, com vinho... é essa a sua alimentação. Consome de sólido as pilulas e de líquido o álcool. Fraco, alto, muito silencioso e muito digno, uma concepção muito negra do homem e de seu destino. Muito negra: ele acha que o homem não pode ser redimido. O homem é uma merda e continuará uma merda, com capitalismo ou sem capitalismo. Mas ele faz uma grande literatura, muito sincera e muito delicada; áspera, seca, verdadeira, como poucas, com grande beleza de estilo, é um homem com a capacidade da beleza para dizer uma coisa como poucos escritores da AL. Mas com uma concepção muito negra do que é a condição humana. Então ele se defende o tempo todo de sua própria ternura. Então, aquela noite fomos comer com sua mulher. Comiamos, e ele estava calado. Falávamos de muitas coisas, de Buenos Aires, onde tinha vivido... bem, ele não falava quase nada, até que um momento disse à sua mulher: "Você quer ir ao banheiro, não?" Ela disse: "não, não". "Ah", ele disse, e continuou comendo. Um pouco depois ele insiste: "Você

não quer ir ao banheiro? Juro que tens vontade de ir ao banheiro". "Não, não", disse ela — é muito ingênua. "Não tenho vontade de ir ao banheiro". Pouco depois, com o garfo no ar ele disse: "Estás com o nariz brilhando, convém que vás ao banheiro e ponhas um pouco de pó-de-arroz". Ela tira o espelhinho da bolsa e lhe responde: "Não, não está brilhando". Guarda o espelhinho e fica. Isso quatro, cinco vezes, até que ele insiste na coisa e ela reage pela primeira vez. Diz: "Ah, você quer ficar sózinho com ele. Mas devia ter me dito isso, assim eu ia embora". Então ela começa a chorar e se levanta para ir embora. Ele diz: "Não, de maneira nenhuma, sente-se, fique aqui, vamos comer a sobremesa". Foi a pior sobremesa de minha vida, imagina a situação, os três comendo a sobremesa em silêncio. Ela terminou a sobremesa e foi embora. Ai pedimos café. Passa uns 20 minutos e ele me diz: "O que são as coisas, o que é a vida. Eu queria estar sózinho com você, sabe pra que? Para te dizer que eu estou muito bem com ela, que sinto como numa primavera da vida, que me sinto como que renascido com ela, que fazia anos que isto não acontecia... e que aqui em Buenos Aires eu volto a amá-la loucamente. Era isto que eu queria te dizer, que coisa, não?" Acho que essa história o retrata como nenhuma outra.

As mentirinhas de Juan Rulfo.

E — Você é um especialista nestas histórias, Galeano. Isto me lembra o seu encontro com Rulfo, em Buenos Aires. Ligaram várias vezes para a Crisis dizendo que Juan Rulfo estava em Buenos Aires e que ia ficar um dia apenas, mas queria ver o Galeano. Galeano não acreditou mas marcou um encontro no Hotel Plaza, só para ver quem estava dando o trote. Chega lá — e encontra o Rulfo.

G — Eu não conhecia o Rulfo, fiquei um pouco assim... acho que ele é o escritor mais importante da América Latina. Estava um pouco inibido e ele falava muito. Ele é muito mentiroso, mas muito mesmo. Faz vinte anos que não escreve, desde o "Pedro Paramo"; tudo que ele escreve, queima. Queimou um romance, coisas assim. E todo mundo sabe que ele não escreve. Mas ele mente e diz que tem um livro de contos pronto, mas que não tem tempo para revisá-lo. Mas como não tem tempo lhe perguntei? "Porque trabalho muito no Instituto Indianista do México". Mas podias conseguir uma licença. "Não, além do mais meus nervos estão em estado de miséria". Mas por que não pede uma licença médica? "Não, eu não creio nos medicamentos, além do mais não gosto dos médicos... meu único amigo médico é cardiologista e meu coração está bom". Mas vá a um médico e diga qualquer coisa. "Não posso. Não posso... como vou chegar num médico e dizer: estou doente, doutor; sabe o que acontece doutor? estou triste. Ah, ele não me dá licença".

Aventuras de G. Marquez na Europa.

M — Você esteve há pouco tempo com o Garcia Marquez, não? E o tal novo livro dele?

G — Ele está com essa novela que acabou, mas está corrigindo muito, duvidando muito. É uma responsabilidade imensa ter escrito "Cem Anos de Solidão". Então ele está com medo, com muito medo do que possa acontecer com o novo livro. Ele mandou para Crisis duas páginas do original. É um texto à máquina, muito corrigido. Parece que é uma novela muito diferente de "Cem Anos de Solidão". Ele me disse que pretende publicar depois um livro de contos reunindo cem histórias que tem num bloco onde ele anota coisas que lhe acontecem na Europa. Seriam as aventuras de um latino-americano na Europa. Ele me contou que da primeira vez que chegou à Europa, foi a Roma e haviam lhe recomendado uma dessas pensões que existem por lá... são várias pensões num mesmo edifício. São hotéisinhos muito simpáticos, em prédios velhos; cada andar tem um albergue diferente. Disse que haviam recomendado um... ele pegou o elevador para ir pra lá — ficava no quarto andar — e viu um monte de ingleses de shorts, tomando chá na entrada. Ele ficou tão apavorado com aquele monte de ingleses — ele, um colombiano com cara de argentino — que fugiu para o quinto andar, onde tinha um outro albergue, e ficou aí. Na manhã seguinte, encontra um amigo que lhe perguntou como ia, e tal. "Estou no albergue tal", falou. "Ah, sim, bem em cima do outro albergue?" "Sim", respondeu. "Você não viu o jornal de hoje? Morreram mais ou menos 17 ingleses de intoxicação!"... Mas isto aí deve ser mentira, porque ele inventa muita coisa... mente muitíssimo. Inventou uma biografia totalmente falsa, mas muito divertida.

M — Aquela do bordel? A vida dele num bordel? Pois o Ex-público. Jamais perdoremos o senhor Gabriel Garcia Marquez... É a primeira mentira... ahhhh... que noso jornal publica.

G — Pois é tudo mentira. Ele tem a vida mais chata que você imaginar. Mas ele tem uma fantasia enorme, então ele cria mentiras sensacionais. Eu acho legal um cara inventar uma vida, é isso que ele faz. Eu acho perfeito. Ele inventa as coisas mais absurdas. Tem mil mentiras excelentes... uma imaginação! Toda biografia dele é inventada. Há uma única mulher na vida dele. Mas ele inventa uma biografia sensacional... Casou com uma namoradinha de adolescência. Mas ele gosta de dizer que viveu muito tempo num bordel, aquela coisa toda.

Um fantástico reacionário

M — E o velho Borges?

G — Borges é um sujeito muito acessível, sabe? Mas é um reacionário fantástico; ao lado dele o Ronald Reagan é um Fidel Castro. A Maria Ester Grillo fez uma entrevista maravilhosa com ele, mas tive que cortar a metade porque ele dizia coisas que não fariam nada bem a ele. Ester disse: "Borges, eu te admiro tanto... gosto tanto do que você escreve... mas você brinca com os entrevistadores e as entrevistas... diz brincadeiras que eles levam a sério". "Que coisas?" "Como os negros... você diz que são inferiores aos brancos..." "E são", diz o Borges. "Você nunca olhou, nunca sentiu o cheiro deles?" E daí para frente, como: "Os índios morreram e estão bem mortos".

E — Você chega a Buenos Aires, telefona para ele, diz que quer entrevistá-lo... é na hora.

G — Por exemplo, um uruguaio

queria conhecer Borges... não é ninguém, ninguém conhece este uruguaio. Ele se chama Felipe Moreira. Telefonou pra mim e disse "eu quero conhecer o Borges". "Procura na lista telefônica o telefone dele, vê o endereço e vai lá". O cara foi pra casa do Borges, tocou a campainha, perguntaram quem é, e ele disse: "Felipe Moreira do Uruguai, quero ver Borges". Mandaram entrar, ele entrou e viu o Borges numa mesa enorme comendo sozinho, aquelas mesas enormes, para muitos convidados, e o Borges sozinho, no meio das toalhas brancas, bordadas, com os candelabros, e um omelete de batatas no prato. Ele é cego, completamente cego. Chega o Moreira e ele diz: "ah, do Uruguai", pois minha avó é do Uruguai. Sente-se, sente-se. E o cara assistiu durante meia hora a guerra entre o Borges e o omelete, porque como ele é cego, tentava pegar o omelete com o garfo e ele escapava; o omelete fugindo e ele perseguindo pela mesa, com o garfo. Afinal, pegou e pôs inteiro na boca.

O coronel que amava Evita.

M — Esta história do velho Borges nesta situação é tão estranha quanto os contos que ele mesmo escreve. Mas o que você me diz de Rodolfo Walsh, este magnífico jornalista, autor de "Operação Massacre", um trabalho muito melhor do que muita coisa que virou moda entre os repórteres brasileiros — e no entanto absolutamente desconhecido.

G — Walsh é o cara que melhor demonstra o quanto é importante o jornalismo para um escritor. Eu acho que o jornalismo é importantíssimo para um cara que pretende escrever, porque te ensina a dizer as coisas diretamente, a ser claro, a ser sintético e a ter a coragem necessária para entrar na vida dos outros. Walsh foi um grande jornalista e um grande escritor. Tem contos incríveis. Uma de suas histórias é um conto-reportagem, um conto-real, uma entrevista com um coronel do exército argentino, um dos homens que teve a seu cargo a tarefa de fazer o corpo de Evita sumir. Antes do corpo aparecer num cemitério da Itália, houve na Argentina um mistério muito grande em torno do destino do cadáver de Evita, inclusive a versão aceita hoje em dia propõe que a equipe dirigente da Revolução Libertadora em 1955 entregou, em missão secreta, sete ataúdes diferentes a sete pessoas, para que os fizessem desaparecer. Um dos sete ataúdes continha o cadáver e os outros seis estavam vazios. Então, Walsh vai e entrevista um dos coronéis que havia recebido um ataúde, e que era um homem encurralado pelas ameaças, um acoçado. O diálogo desta entrevista converte-se num conto magnífico chamado "Esa Mujer". O autor está no conto o tempo todo, tentando tirar informações do cara que se defende. E o coronel limita-se a dar algumas informações para que a curiosidade do jornalista não morra, mas não diz tudo porque quer tê-lo preso, como tem presa na memória a recordação da mulher que fez desaparecer. Aí entra a conversa a respeito de um caudilho do interior da Argentina, da guerra civil dos montoneros do passado, que foi enterrado de pé. "E lhe enterramos de pé porque era um macho", diz o coronel. E quando o jornalista abandona o coronel, porque não há nenhuma possibilidade de lhe arrancar a verdade — porque ele já tentou de tudo, simpatia, suborno, extorsão,

ameaça, cordialidade, tudo, e tudo fracassou, então ele vai embora, vai descendo a escada, e o coronel que está muito tenso com o que aconteceu e transpira (ele é um gordo frenético), o alcança na boca da escada e grita: — "você jamais vai ter esta mulher... esta mulher é minha!, é minha!"

Coragem vamos morrer.

M — É uma história fantástica. Mas jamais permitiria que esta sagrada inquisição sobre a América Latina e seus escritores terminasse sem um toque a respeito da figura e da obra de José María Arguedas, o índio peruano.

G — E você tem razão. De imediato penso em dois dos seus livros, "Los Rios Profundos", que considero o melhor, e "El Zorro de Arriba y El Zorro de Abajo", um romance-testamento. Ele decidiu escrever este livro a partir do momento em que decidiu matar-se. Havia feito várias tentativas de suicídio, mas todas haviam falhado. Mas um dia ele decidiu matar-se com arma de fogo, e essa tentativa não falha, é pra valer. Ele conseguiu a arma e a guardou durante um ano... durante esse ano, ele escreveu a última novela de sua vida, que é o testamento onde ele diz tudo o que pensa sobre todo mundo, porque ele vai morrer, e não tem nenhum problema, pode falar com toda a sinceridade. Sim, eu penso que o que está no fundo da coragem é a consciência da morte; se alguém sabe que vai morrer, tudo passa a ter um valor muito relativo, e isto faz com que se conquiste uma temeridade e um valor muito maior do que o de outra pessoa ainda ligada a uma ficção de imortalidade. Ganha-se a coragem de um Arguedas. Esta novela de que falei é ao mesmo tempo a história de Chimbote, uma aldeia de pescadores, e o testamento literário e humano de Arguedas, onde ele, de capítulo em capítulo, vai dizendo tudo o que pensa dos

outros escritores e de todo mundo. Ele divide os escritores em profissionais e não profissionais, que são aqueles que escrevem com as vísceras. Entre os profissionais, ele inclui o Carlos Fuentes e o Cortázar, que ele odiava. O livro foi publicado depois que ele morreu. Ele suicidou-se — e eu li o livro na Venezuela. Quando fui a Montevideu, depois disto, visitei o Onetti e lhe falei do livro, que ele ainda não tinha lido. Arguedas diz no livro uma das coisas mais bonitas que se pode dizer sobre uma pessoa — "Estou em Santiago do Chile e gostaria de ir a Montevideu para ver Onetti e apertar a mão com que ele escreve." Conte isto a Onetti — e ele começou a chorar. Pobre Onetti, que tanto fabrica culpas.

Esquadrão da morte dos poetas.

M — Você falou coisas muito verdadeiras sobre a morte e sobre a coragem. No meio da violência em que vive a Argentina, Crisis, apesar de ser "apenas" uma revista de cultura, não é ameaçada? Não recebe aqueles famosos telefonemas anônimos?

G — Crisis já recebeu várias ameaças por telefone, mas você não pode dar crédito a estas coisas. Pode ser um cara furioso porque você pegou a mulher dele; pode ser um amigo brincando; pode ser um cara que está indignado porque a revista não publicou um poema dele. Sabe, tem o esquadrão da morte dos poetas que é o pior de todos... Sim, os poetas unidos são uma força. É desse esquadrão que eu tenho medo.

"A divisão internacional do trabalho consiste em que uns países se especializaram em ganhar e outros em perder. Nossa comarca do mundo, que hoje chamamos América, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus lançaram-se através do mar e cravaram os dentes na garganta."

NOVO LIVRO DE GARCIA MARQUEZ

— Está pronto "El Otono del Patriarca?"

— Foi entregue ao editor. Sai no mes de abril. São quatrocentas e cinquenta páginas a máquina; muito mais curto do que "Cem Anos", que tinha mais de setecentas.

— Depois do trabalho de fôlego de "Cem Anos de Solidão", o livro seguinte não deve ser nada fácil...

— Para meu próprio processo, "Cem Anos" não é um passo mais largo que os demais. "Ninguém escreve ao coronel" me deu tanto trabalho quanto "Cem Anos de Solidão". Eu não coloco um livro em termos de melhor ou pior que o anterior: quero dar o passo.

— Vamos ao tema deste, então...

— Diz-se muito que Cem Anos de Solidão é uma síntese simbólica de toda a história da América Latina. Se se aceita essa premissa, seria uma história incompleta porque falta uma reflexão sobre o problema do poder. Esse é o tema de "El Patriarca". E ponto

final: não falemos mais nisso porque vão ver o livro pronto. — Somente uma coisa: o que descobriu sobre o poder, escrevendo o livro?

— Muitas coisas: é que enquanto você escreve um livro, você passa o dia todo pensando nisso. E eu escrevo meus livros para poder lê-los. Meu ditador diz que "o poder é um peixe vivo"; nunca chega a saber que poder tem, todos os dias o está conquistando e por final diz: "Carajo, a falha deste País é que quase nunca tem feito algo por mim".

— Que espera de "El Patriarca" em relação aos leitores?

— "Cem Anos" é a vida cotidiana, creio que por isso interessou tanto. Não sei quem disse que em "Cem Anos" pela primeira vez se havia tratado da vida íntima, a cama, dos latinoamericanos, essa é a coisa que mais agarrou o leitor. É possível que "El Otono del Patriarca" terá menos leitores porque o problema do poder, ao nível que eu trato, não interessa a tanta gente. Ninguém sabe se será assim, porque fixando-se no problema do poder, você se refere à casa, ao trabalho, num táxi, em qualquer lugar que vá.

— Qual é a idéia central sobre o poder, no livro?

— O desastre do poder individual; se o poder individual não funciona, não restará outra opção que o contrário: o poder coletivo real. Mas que o digam os leitores. Já falei demais.

Tradução de
Marli Savino de Araujo

No curso dos últimos anos, presídios de todo o mundo, revoltaram-se. Seus objetivos, suas palavras-de-ordem, seu desenvolvimento tinham alguma coisa de paradoxal.

Eram revoltas contra toda uma miséria física que data de mais de um século: contra o frio, o sufocamento, os muros solenes, a fome, as pancadas. Mas eram, também, revoltas contra as prisões-modelo, os tranquilizantes, o isolamento, contra o serviço médico ou educativo. Os objetivos destas revoltas não eram materiais, então? Revoltas contraditórias, contra a perda de direitos, mas contra o conforto, os guardas e também contra os psiquiatras?

De fato, eram corpos e coisas materiais que estavam em questão em todos estes movimentos, como estão em questão em inumeráveis discussões que a prisão produziu desde o começo do século XIX. O que gerou as discussões e revoltas, estas lembranças e ataques, são pequenas, ínfimas materialidades. Cada um pode ver o que quiser: reinvidicações cegas ou estratégias estranhas. Mas o fundo de tudo é a revolta. Uma revolta ao nível dos corpos, contra o próprio corpo da prisão.

O que está em jogo não é o quadro mais ou menos sujo ou mais ou menos ascético, mais rudimentar ou mais aperfeiçoado da prisão: é a sua materialidade na medida em que ela é instrumento ou vetor do poder; é toda a tecnologia do poder sobre o corpo, que a tecnologia da "alma" — a dos educadores, psiquiatras e psicólogos — não chegam nem a mascarar nem a compensar, pela simples razão de que ela não é mais do que um instrumento. É desta prisão, com todos os seus bloqueios políticos do corpo que ela procura imitar em sua arquitetura fechada, que eu procurei fazer a história. Por puro anacronismo? Não, se entendemos que eu procuro fazer a história do passado nos termos do presente. Sim, se procuramos fazer a história do presente.

Vamos ao passado. A passagem do suplício — com seus rituais luminosos, sua arte confundida com uma cerimônia do sofrimento — para penas em prisões encerradas em arquiteturas maciças e guardadas por segredo das de administração, não é a passagem a uma penalidade indiferenciada, abstrata e confusa; é a passagem de uma arte de punir a outra, não menos sábia. Mutação técnica. Desta passagem, um sintoma: a substituição da procissão dos forçados pelo carro de presos, em 1837.

O grilhão, tradição que vinha da época das galeras, subsistia ainda sob a Monarquia de Julho na França. A importância que parece ter assumido como espetáculo, no fim do século XIX, é ligada, talvez, ao fato de que assumia em uma só manifestação os dois modos de castigo: o caminho para a prisão se desenrolava como um cerimonial de suplício.

As narrativas do "último grilhão" — que de fato muito marcou a França no verão de 1846 — e dos escândalos a ele ligados, fazem reviver este funcionamento bem estranho às regras da "ciência penitenciária".

De saída, um ritual de aquecimento: é a chumbagem das coleiras de ferro e dos grilhões, no pátio de Bicêtre: o prisioneiro tem a nuca tombada sobre uma bigorna, como contra um cepo; mas desta vez a arte do verdugo, martelando, não é a de esmagar a cabeça, habilidade invertida que não provoca a morte.

O grande pátio de Bicêtre expõe os instrumentos de suplício: fileiras de grilhões com suas coleiras de ferro. Os chefes dos guardas, ferreiros temporários, dispõem da bigorna e do martelo. Nas grades do caminho da patrulha, estão fixadas todas essas cabeças, com uma expressão morna ou audaciosa, que o operador vai revirar. Acima, em todos os estágios da prisão, percebem-se pernas e braços pendentes através das cabines, como se fosse um bazar de carne humana: são os presos que vêm assistir à preparação de seus companheiros da véspera...

Ei-los aqui, numa atitude de sacrifício. Sentados no chão, agrupados ao acaso, e, segundo a sua estatura, as grilhetas que cada um

deve carregar pesa sobre os joelhos. O operador os passa em revista, tomando a medida das cabeças e adaptando as enormes coleiras de uma polegada de espessura. Para fechar uma, é necessária a cooperação de três verdugos; um sustenta a bigorna, o outro sustenta, reunidas, as duas divisões da coleira de ferro e mantém segura, com os dois braços estendidos, a cabeça do paciente; o terceiro bate com golpes redobrados e achata a haste metálica sob o martelo compacto. Cada golpe sacode a cabeça e o corpo... De resto, não se pensa no perigo que a vítima poderia correr se o martelo desviasse o rumo; esta impressão se anula, ou antes se apaga, diante da profunda sensação de horror que se experimenta ao contemplar um ser humano tão humilhado.

Pois é esta a dimensão do espetáculo público: segundo a "Gazeta dos Tribunais", mais de cem mil pessoas visitam os grilhões partidos

sempre pronto a transformar em piedade ou em admiração a vergonha que era imposta ao supliciado.

Doravante, o escândalo e a luz vão se separar de outra maneira, é a própria condenação que admitiu marcar o delinquente como signo negativo e unívoco: publicidade portanto do processo e da sentença, e a execução é como uma humilhação suplementar que a justiça tem vergonha de impor ao condenado, ela se mantém à distância, tendendo sempre a confiá-la a outros, e sob o sinal do segredo. É desagradável ser punido, mas pouco glorioso punir. Eis o duplo sistema

A sociedade em que vivemos é mais humana do que as anteriores diante dos homens que a

PRISÃO

de Paris, em 19 de julho.

A ordem e a riqueza vêm ver passar de longe a grande tribo nômade que se encadeia? esta é outra espécie que povoa as prisões. Os espectadores populares, como no tempo do suplício, prosseguem com os condenados, em suas ambíguas trocas de injúrias, de ameaças, de encorajamento, de golpes, de raiva ou de cumplicidade.

Uma onda de violência se espalha e não cessa de correr durante todo o processo.

Dessa maneira, a justiça não se furta mais de acusar publicamente a parte da violência que está ligada ao seu exercício. A morte não é mais a glorificação de sua força, mas um elemento que ela é obrigada a tolerar, e que é difícil ignorar. As marcas da infâmia se redistribuem nos castigos-espetáculos, um estranho horror jorrava do patíbulo falso, envolvendo de uma vez o carrasco e o condenado: e se estava

de proteção que a justiça estabeleceu entre ela e as penas que impõe.

A execução da pena tende a tornar-se um setor autônomo cujo mecanismo administrativo dispensa a justiça; ela se isenta desse mal por um enterramento burocrático da pena. E, enquanto havia esta distinção administrativa, operava-se a negação teórica: o essencial da pena que, nós juizes, nos infligimos, não creia que consiste em punir: procura corrigir, reformar, "curar", uma técnica de aprimoramento afasta, na pena, a estreita expiação do mal e libera os magistrados do papel vilão de castigar.

Há na justiça moderna, e nos que a distribuem, uma vergonha de punir que não exclui o zelo — sobre esta ferida a psicologia fervilha. O desaparecimento do suplício é pois o espetáculo que se apaga, mas é também a prisão sobre o corpo que se rompe.

Não mais tocar o corpo, ou em todo o caso,



Suplemento Literário



Um intelectual, ainda mais brasileiro, pode se chamar de Cassandra Rios a Jorge Amado, de Plínio Marcos a Guimarães Rosa, de Carlos Zéfiro a Hermilo Borba Filho, Autran Dourado ou Osman Lins. Entra muita gente. Inclusive Willan Parkson, Paul Demougart e Jean Floubert, que não passam de uma única pessoa, três em um. Trata-se do sergipano Felisbello da Silva, 45 anos de idade, 23 de São Paulo, investigador de Polícia no 9.º Distrito (Santana).

Porém nas horas que ele considera de folga torna-se um misto de romancista-filólogo-poeta-desenhista-músico. Felisbello publicou quinze livros, dos quais vendeu mais do que a maioria junta dos escritores nacionais (com exceção daqueles grandes campeões). Vendeu nada mais nada menos do que 300.000 exemplares, durante quinze anos de carreira literária. Além disso gravou 18 músicas de todos os gêneros populares, do iê-iê-iê à valsa e até mesmo um ritmo novo no Nordeste muito pouco conhecido, o Carimbó, gravado por um conjunto que leva o mesmo nome. Um experimentalista?

Numa diferente

Felisbello ou "Belinho", como é conhecido na delegacia pelos colegas ou na rua esburacada da Vila Gustavo onde mora, não inventou aqueles nomes explosivos porque achou que o seu era um nome ruim, desexxabido, excessivamente brasileiro. Pode ter certeza: ele não tem vergonha do seu nome. Inclusive, nos seus dois últimos livros ("Explosão Sexual" e "A Gíria Sensual") ele aparece como Felisbello da Silva e como Belinho mesmo, "sem nome de judeu".

Quando muito pode-se ver insegurança na adoção dos pseudônimos, mas é difícil passar daí. Insegurança causada também pelo fato consumado de que um nome gringoso vende mais do que José da Silva ou Antonio Batista. Sua explicação é outra. Como nunca teve preconceito em matéria de arte, o que está claro pela diversidade dos gêneros que pratica, achou que deveria entrar numa diferente também com isso de nomes.

— Já sacou amizade, em matéria de arte e literatura eu faço de tudo.

Belinho é polígrafo.

Sua obra divide-se em duas partes. Na primeira encontram-se livros de "Utilidade Pública". Foram os primeiros que escreveu e que também levam seu nome por extenso. Inclusive "Utilidade Pública" é o título de um deles, onde o autor, numa linguagem que só poderia ser classificada como própria, conta ao leitor muita coisa "útil", emitindo ao mesmo tempo seus conceitos morais e policiais. Seu assunto, por fatalidade e obrigação, é a marginalia. Um exemplo pode dar a medida da coisa. É do capítulo "A Operação":

"Outra "mania" que os patifes têm, é a de pedir dinheiro para operar um filho, esposa, etc. Novamente as maldosas listas são postas em circulação, e o povo — menos esclarecido — dá o seu dinheiro sacrificado àqueles que preferem viver da fraude."

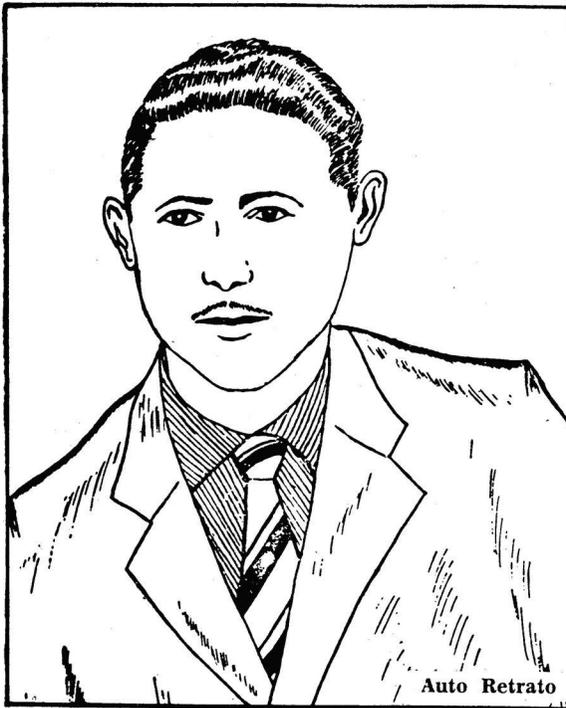
Nesses livros encontra-se de tudo. Todos os tipos de malandragem vêm descritos mais ou menos na forma de crônicas — o autor nunca deixa de estar presente com seu corpo e sua alma. Outro exemplo. "O Manual Prático — Social — Médico — Policial" abre-se com um artigo sobre "O Desarmamento Infantil", passa por provérbios populares ou do Belinho mesmo, por assuntos como a "Cura do Câncer", "Remédios Caseiros", como se faz um requerimento, etc.

Esta parte da sua obra não fez com que Belinho ficasse conhecido apenas de certa faixa do povo. Os livros de "Utilidade Pública" são usados nas escolas de polícia e há traduções deles em alguns países. Na Argentina, a Interpol faz bom uso deles e há pouco a editora Luzeiro recebeu um pedido completo para a África do Sul. Belinho chega longe.

E há o filólogo do "Dicionário de Gíria" dos marginais na 7.ª edição, com milhares de verbetes, que, segundo ele, foi o livro que mais deu trabalho. Não é prá menos. O "Dicionário" é estudado por gente especializada na área da universidade. Além disso este livro pode servir como vocabulário auxiliar para os leitores do autor que estejam por fora.

FELISBELO

escritor da silva



O bem acima de tudo

Estatura baixa, cabelos crespos, jeito lembrando o Teixeira (Churrasco de Mãe), bem humorado, Belinho fala de boca cheia e sem papas na língua que começou a escrever livros porque, como bom cristão, achou que deveria fazer o bem ao próximo. Nas suas palavras, "ajudar os menos favorecidos da sorte, que são as vítimas dos meliantes, dos espertalhões".

Enquanto o papo fica nos livros de "Utilidade Pública" a coisa é bastante óbvia. Mas quando se passa para os romances e contos de William Parkson, Paul Demougart e Jean Floubert, surge alguma complicação. A começar pelos títulos: "Kenny, o furor sexual"; "Paris, Sexo, Prazeres e Crimes"; "Sexo, Delírios e Tormentos". Ainda os assinados com o nome verdadeiro e com o apelido: "Explosão Sexual" e a "Gíria Sensual" (contos), respectivamente. Este último por sinal tem uma chamada a caráter, que nem mesmo o Rabbath do Teatro Natal conseguiria bolar:

"Seguinte, bicho, se tu estás por fora das transas do sexo, desliga deste, que a barra é pesada; mas, se estás entrosado nessa onda legal, tu vais te esbaldar, porque tem mina pacas... a) o escriba".

Viva o sexo!

Estes são os livros "Eróticos". Quem é Kenny? A julgar pela loira da capa deve ser um daqueles materiais de primeira, de endoidecer São Pedro em dia de mau humor. Mas é isto mesmo. Kenny nasceu em lugar incerto e não sabido na Europa Central — o autor dá algumas dicas mas não todo o serviço. Detalhes sem importância. O que realmente nos interessa é que ela era uma mulher sensual, uma mulher sexual, erótica. E sobretudo universal. Vai de Paris ao Rio de Janeiro transando com a mesma facilidade e competência. Uma beleza. Lembre-se que ele nunca saiu do Brasil, mas essa vidração na Europa não é exclusiva dele.

Numa dessas de erotismo não se pode ver muita chance para o tal bom cristão que Belinho afirma ser batendo no peito. Pior ainda, para o bom católico que ele é, chegando mesmo a assistir missa. De vez em quando, é natural.

— Como é, seu Belinho?

Acontece que ele é mais coerente do que um louco. Por isso ele não é louco, está na cara. Sua trama semi-consciente é bem urdida. Sem pestanejar, com a boca sempre cheia do queijo que come temperado com cerveja, debruçado sobre a mesa do botequim no Arouche onde conversamos, ele manda:

— Eu faço um erotismo elevado, bacana, como se diz na gíria. Fazer como aquele francês... não, não cite o nome, é bom a gente evitar nomes comprometedores, ah! é norte-americano? É mesmo? Pois eu pensava que era francês. É um judeu aí... Como não é judeu? É gringo e gringo é tudo judeu! Não, não cite o nome dele por favor, nos meus livros sobre vigarice jamais citei um nome sequer. Eu não faço como esse autor aí e outros estrangeiros que se prevalecem da imoralidade para faturar com maior rapidez, com maior segurança. Meus livros, altamente eróticos, não são pornográficos. Eu apresento todas as permissões sexuais mas de maneira decente, de forma que o homem pode ler e uma moça também pode ler, porque os meus livros eróticos, além de despertar o interesse pelo sexo, que é salutar e muito normal, muito natural, uma mulher por exemplo, uma moça deve saber o que é o lesbianismo, o sadismo, a necrofilia, a necrolatria, o narcisismo, que é também uma tara sexual, a pessoa fica se olhando, a palavra vem de Narciso, acho que era grego, o exibicionismo, que existe tanto em mulher como em homem.

Então ele se prepara para deitar cátedra:

— Mas você sabe o que é necrolatria?

— Não.

— É a pessoa que não tem relações mas gosta de ficar se esfregando em cadáver.

102 anos

Belinho nasceu em Propriá, Sergipe, limite com Alagoas, em novembro de 1928. Não era pobre, o pai fazendeiro chegou a mandá-lo estudar em Recife.

— Até os dezesseis anos vivi com meu pai, já falecido. Meu pai morreu de velhice com 102 anos, sabe por que? Porque caiu e quebrou a perna e não dá pra encanar a perna de um homem de 102 anos. Do primeiro consórcio do meu pai nasceram dezenove. Do segundo nasceram mais três, inclusive eu. No segundo consórcio meu pai contava 59 anos e minha mãe quinze. Naquele tempo... Tenho irmãos espalhados por todo o Brasil, inclusive uma irmã que é freira em Juazeiro, Minas Gerais. Aqui em São Paulo tenho irmão com mais de oitenta anos!

Aos vinte e dois anos resolveu vir prá São Paulo, porque alguns dos seus muitos irmãos viviam aqui.

— Foi depois do exército, vim para a casa dos irmãos. Lá no Nordeste eu era negociante de tecidos, não vim na pior não, vim de avião pela Real, paguei um conto e seiscentos e pouco. Não vim na pior não. Uma semana depois comprei casa em São Paulo.

A razão da mudança é bastante simples:

— Muitos nordestinos que vêm pra cá estão bem de vida lá, seguindo o lema de que não há bom profeta em sua terra, como diziam os escritores no tempo de Cristo. Vem por aventura. Mas a maioria vem por necessidade, outros com o espírito de luta e muitos deles conseguem vencer no grande centro, São Paulo e Rio. Daí o fato de se dizer que as faculdades estão repletas de nordestinos, gente do Norte e Nordeste. As repartições públicas estão cheias de chefes nordestinos, os militares em todas as partes. O nordestino é como português, português é que nem cavalo, luta mesmo. Nordestino em geral é um cara que é jogado, é atirado, vem sem dinheiro ou com dinheiro, de avião ou pau-de-arara, não liga pra isso. Comprei logo uma casa no Tucuruvi, hoje possuo três casas, automóvel e telefone, sim, os livros ajudam bastante... pode-se dizer que venci. Tive uma lojinha na Senador Feijó, miudezas em geral, para não dizer bugigangas e roupas. Quinquilharias. Fechei porque em São Paulo se não for um negócio muito grande, há muita despesa e dá prejuízo. Aí entrei para a polícia e depois, com a prática da vida e a minha vocação, comecei a escrever levado pelo princípio básico de que se deve fazer o bem ao próximo acima de todas as coisas e na medida das nossas forças.

Nos últimos anos Felisbello tem se desviado um pouco das atividades literárias para se dedicar mais à música, ao curso de madureza completo já concluído e ao curso de direito em Pouso Alegre, que deverá terminar neste 1975. Mas não sabe ao certo o que fazer depois. (Entrevista com o escritor na última página deste suplemento.)

Moacir Amâncio

Livros

13 PONTOS



13 pontos: o primeiro romance brasileiro sobre loteria esportiva. Epopéia do Gilberto, empregado no escritório de financeira paulistana até ganhar o maior prêmio. O personagem é fictício mas anda pela realidade de todos os outros ganhadores, cruza com o Ibraim Sued, tem mãe que gosta da Hebe e se assusta com a polícia.

O autor assina Mauro de Mack mas é o crítico de música Maurício Kubrusly (Jornal da Tarde): "Eu quero concorrer com o Zé Mauro de Vasconcellos, sem ser canalha e piégas como ele é. A intenção foi fazer um livro direto, um cordel urbano. O livro é popular, não quero nada que chamem de literatura." Edições Ilha Deserta, Editora Mu. São Paulo.

Camisa de Força, romance de Wladyr Nader, jornalista, começa com brevírio do autor: "Para que tanta desculpa? Sou covarde, portanto praticamente incapaz de iniciativas. Meu destino é fazer parte da massa subjugada e importante. Como ela, só reajo com a corda no pescoço", por exemplo. Editora Vertente, Belo Horizonte.



Louvo a coragem dos que dizem não não não louvo a humildade dos que dizem sim sim sim existem homens fortes e homens fracos ambos são castigados os fortes porque dizem não os fracos porque dizem sim a rotação do poder continua e sempre haverá os que dizem sim

e os que dizem não louvo a vontade dos que dizem não e a humildade dos que dizem sim choro ao saber que os que dizem não continuarão a dizer não quando a situação for sua e os que dizem sim continuarão a dizer sim sim sim e sonho o dia em que tirarem dos dicionários e dos corações os pronomes possessivos O poema é do livro Havia um Caminho no Meio das Pedras, de José Julio de Azevedo.

Zé Julio é de Cambé, cidade norte-paranaense.

Seu livro foi lançado em São Paulo em abril; é ilustrado por artistas cambesenses: Manuel Yepes Frota e Claudio Cambé (autor da capa). Edições Digital, Curitiba.

A VOLTA DE "MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO"

Esses três senhores de vida nada respeitável — os três malandros de João Antônio — estão de volta em grande estilo e prometem arrepiar de novo, como diria o autor. Enquanto aparecerá em junho uma segunda edição do livro, a TV GLOBO vai transformar no mesmo mês "MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO" num Caso Especial — horário nobre das quartas-feiras — dirigido por Maurice Sapovilla com diálogos de João Antônio. O autor esteve em São Paulo para localizar todos os salões de sinuca, muquinhos e bocas onde se passa o conto e "MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO" será filmado nas bocas de inferno originais da história, nos subúrbios e no centro da cidade.

Maurice Capovilla está realizando um velho sonho de quinze anos: conhecendo a história original, já pretendia filmá-la mesmo antes de editada. O livro de contos, hoje considerado um clássico da literatura brasileira contemporânea, fez grande carreira — está incluído em 3 antologias nacionais (inclusive escolares e para-didáticas), ganhou todos os prêmios do gênero no ano de lançamento (1963) e tem traduções esparsas na Argentina, Espanha, Alemanha Ocidental, Venezuela

e Tchecoslováquia. Em Madrid publicou-se um estudo de Pilar Gomez Bedate com o título: "João Antônio e la Picaresca Paulista". Mas entre as opiniões sobre a obra, a de Marques Rebelo ficou famosa. Além de considerar "MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO" um dos livros mais importantes da moderna ficção brasileira, deu ao autor o maior de todos os elogios que João Antônio diz já ter recebido em vida: "— Você é autor de boas histórias velhacas".

MEMORIAS DE CARRASCO

Vinte e cinco anos depois de escolher sua profissão, Vicente e Antonio publicaram suas memórias em um livro: Los Verdugos Españoles.

Antonio e Vicente são especialistas em garrote vil, método de execução instituído na Espanha no final do século XIX pelo rei Fernando VII, para acabar com "as degradantes práticas da força e da tortura". A lei declara que o número de verdugos para o país ibérico não deve ser superior a três. O cargo é vitalício. As condições exigidas para o cargo: ser maior de idade, ter menos de 50 anos, e possuir "aptidões físicas". Desde que iniciaram o ofício, Antonio e Vicente realizaram um total de 39 execuções e declaram: "temos aprendido com a prática."

Antonio se encarregou de cumprir a sentença de morte do jovem anarquista Salvador Puig Antich em Barcelona, no dia 2 de março de 74. Mas, a mais penosa de suas memórias, foi a execução de José Maria Jarabo, em 1959, na prisão de Carabanchel.

Jarabo havia bebido várias doses de conhaque durante a noite, para ter coragem de ver girar a manivela", afirma Antonio. "E, quando comprovei, depois de sete minutos, que o homem não aguentava mais, pedi aos médicos que lhe examinassem o pulso. Os médicos responderam: Continue, ainda não terminou. Jarabo resistiu à morte mais do que o previsto (25 minutos) porque estava excitado pelo álcool ou porque era de forte musculatura."

Atualmente, Antonio e Vicente declaram: "Bem executado, o garrote

vil faz sofrer menos que a cadeira elétrica ou a câmara de gás. Cada vez que o governo os convoca para cumprir uma execução, lhes envia também os sinceros votos para que: "Deus os guarde por muitos anos..."



Teatro

REVEILLON

Alienação diante da morte: esta é a história de "Reveillon", comédia de Flávio Márcio montada no palco pela direção de Paulo José e cenário de Flávio Império no Teatro Anchieta. Quando se pensa e como se escreveu nos jornais que é uma situação familiar, num apartamento, no último dia do ano não se está dizendo nada ou melhor, está se dizendo tudo para deixar a surpresa para a hora de ver a peça, pois o que acontece não se assemelha a nada do que se viu por aqui ultimamente. "Reveillon" é uma surpresa porque não pretende nada de novo: é o próprio novo não como máximo, que se pode obter em criatividade no gênero humano; a peça é nova porque atrai o espectador da classe média e o envolve numa trama sinistra delicadamente. Regina Duarte fazendo a filha montada em tamancos, depois vestida como Marilyn Monroe, praticando ao mesmo tempo sexo e auto-repressão sexual, trágica, vulgar, desinformada parece sintetizar criticamente todas as personagens que fez nas telenovelas, pois sua Janete tem as mesmas características embora seja mais esculhambada. No cenário forrado em partes com jornais, Sergio Mamberti, o pai, senta numa escrivaninha cercado de pilhas de jornais. Seu personagem, Murilo, manifesta-se pelo conformismo de completar uma extensa lista de personalidades às quais dedica sua biografia quase pronta: só falta o final que ele só vai poder escrever no fim. Só

uma vez ele discute com a mulher, Yara Amaral, dona-de-casa destruída pela falta de compreensão das regras do sistema em que vive, pianista caseira, esperando o filho Guima para a festa de Reveillon: o poeta, o sem-rumo, sem emprego. Nem a reparação de Fernando (Enio Gonçalves), antigo amor, reacende a vida em Janete. Tudo está perdido pela família, mas acima de sua morte há uma conta de luz a pagar. (Alexandre Solnik).

Cartas

NO TEMPO DE CAETANO

Portugal. Lindo país. Cabral. Brasil. A exploração detestável. A colônia. Que m... aquela época. A escravidão. Aquelas p... todas. E o português ficou na história como idiota de piadinhas de humor negro, branco, azul. Pra p... que p... a decadência do coração português. Se eu pudesse eu ia até aquele País, batia um papo com um monte de gente, e fazia o respeito (não aquele vindo do medo da grande nação, mas aquele nascido da admiração, do amor) retornar. A língua portuguesa é linda quando bem usada. FERNANDO PESOIA! P... que p... Que maravilha. Até o nome é lindo. Marcel

Agradeço cordialmente aos editores do Ex a publicação de "Você já olhou pro céu?", uma criação conjunta de dois artistas novos: Marcel Faerman (texto) e Sandra Abdalla (desenho). Não sou especialista em crítica de obras literárias ou artísticas. Tenho apenas a sensibilidade de um repórter, que é minha profissão. Foi com essa sensibilidade de repórter que reagi favoravelmente aos estímulos da bela obra de Marcel e Sandra. Há muito tempo, venho sentindo falta desse tipo de estímulos, em órgãos da imprensa nacional de grande penetração na massa de leitores, cada vez mais robotizados. Obrigado a Marcel e Sandra que me ajudaram a olhar pro céu. Demócrito Oliveira Moura — Central Parque da Lapa — São Paulo (SP).

Gregory Corso tradução de Marcello Corção.



Flávio Império



WAKONDA! Talako! peru alcoolizado para a morte fazendo giugluglu na noite de passos macios!

Penas de pontas azuis amarelas vermelhas tingidas com arando balançam na dança louca do fogo hahaha homens mortos homens de pele vermelha homens-com-penas-na-cabeça na noite!

Fúria animal de carne no osso no terreiro quente de fumo!

Cantos de réquiem para a confederação dos índios do sudeste norte-americano! Ah, a morte dos Creeks, dos Choctaws,

Do guerreiro Brave, transbordante de juventude e pranto, segurando uma truta na sua mão moribunda, uma truta orgulhosa apanhada com sabedoria,

O mais leve dos pés, o mais veloz, ah lamento da América, ô América dos noruegueses e suecos, do tabaco de mascar, dos crimes, saques e massacres, de Deus e dos tratados desfeitos,

Ah relincho dos cavalos pampas!

Ah canto fúnebre do trenó indígena pranteando o chefe moribundo!

Morangos silvestres, abeto, uva-do-monte, milho caboclo, trigo do mato — oh escassez de homens!

Mulher pele-vermelha de pescoço comprido, irmã guerreira, moça de tenda, amante de cicatrizes, não despedaces mais o rato almiscarado com tua mão carnuda, mas desespera-te, con-

torce-te e esmurra tuadígena com o último do amor do amor, Oh América, oh cantos quem —

O tropel nas planícies dos nhos fantasmas de animais comidos apodrecendo a

Perseguido o espírito do terra pelas planícies afon na eternamente, a in tribo Kiwago devastada tranquilos Dakotas, oh ca —

América ô América de mi casso oh América petrificada do que já foi outro a grande e adorável conf

das tribos do Golfo, oh sugadora de petróleo de disso, petróleo de dias r

lebres para caçar, pei fisgar, pés velozes co tribos dali sobrepujada para comer para am

morrer ah cantos fúnebres, o de há muito profetizou V Trombetas heráldicas

branco afinadas segundo lodia coite para lam morte do sol poente a pa

trenó de cada moribundo e exangue, o tremor mens, de cada um do morrendo lentamente,

lho e quente na sua r de couro — Balancem lentamente lho, os dentes do falcã nos de casca, entoem le te o lamento, ô réqu

Poema do índio na moto



terra in-
formento

de ré-

os reba-
mais não
o reliento
a Ingla-
xas eter-
mpotente
ndo os
améri-

mério es-
cada oh
ora

ederação
américa
em vez
melhores,
xes para
orrem as
a terra
ar para

us Hator
Wakonda,
de sisal
lo a me-
mentar a
rtida em
do, triste
dos ho-
chefes
verme-
oupagem

o choca-
o, os si-
ntamen-
tem sa-

ucdam lentamente o vento dos ventos, ah as penas murchas levadas pelas brisas da tarde, Lamentem o último trenó arrastado pelo cavalo pampa, o triste rei perplexo e ferido dos Montanhas, Emudeçam os caçadores franceses de peles que zombam nas suas embarcações fluviais, que não se ouça nenhum canto de guerreiro perante uma tal abundância de ratos almiscarados e castores, desprezem-nos, Que a histeria da mulher pele-vermelha abata-se sobre a américa, a américa carroça coberta de pioneiros, as carroças da conquista incendiadas por flechas, a última resistência dos quakers, antes de perecerem, das bruxas de capuz branco nas cabeças, dos orgulhosos conquistadores, jovens e mortos, Ó Jerônimo! Washington Bolivar de rosto duro como níquel de uma cidade moribunda que nunca existiu, esse monstro-morto, que os demônios se reuniram para pilhar e pilharam, Ó Touro Sentado! homem cor-de-ameixa Jefferson Lênine Lincoln homem pele-vermelha morto, obrigue teu espírito a bater asas, encubra a terra de nuvens, ah o condor, o abutre, o falcão os dias da abundância passaram e tu também, oh américa, oh cantos de réquiem, Vales secos, marcos de caveiras, territórios Apache, terra de sol vermelho, trenó indígena,

O relincho chorado dos cavalos, a noite das éguas e dos potros, o lento chefe da morte, enrugado, triste e sem vigor, sem horizonte, sem fumaça, triste e orgulhoso morrendo — Em direção ao território coite da montanha e da lua, a algazarra exultante, o riso orgulhoso de homens sem conta, Pé-negros, Mohawks, Algonquianos, Senecas, todos homens, oh americano, homens reunidos no alto que inclinam Suas cabeças brancas cobertas de palha e morrem à maneira dos cavalos pampas com a lua nascente, na noite quente, perdida, vazia, nunca vista, sem música, indiferente; sem vento — Na luz sombria e terrível do Terreno da Caça Feliz Três gerações de chefes exibem seus troféus inúmeros de cabeças humanas, batendo as tranças louras de uma criança contra o pano sujo, encardido e áspero da tenda; Ela desaba em meio a uma montoeira de coisas espelhadas, destruída, acabada, devastada, as costas livres do cais, transforma-se na carcaça vazia dos crâneos sem cabelos dos mortos que procuram na sepultura dos brancos a criança de cabelos arrancados; Ah a tristeza inelutável nessa eternidade indígena, Ela justifica, oh américa, teus urros, teus brados, teus gritos, teus relinchos e explosões de

choro!
Calamidade indiana! não foi a cabeleira arrancada dos homens a primeira faca que penetrou no coração de uma idade selvagem, devastadora de terras virgens, oh cantos fúnebres,
Oh nuvem de tempestade, trovoadas provocadas por pássaros fantásticos, chuva-no-rostos, grito nas trevas, morte,
E mantas e plantações de milho, e pegadas tranquilas do homem à procura de Kiwago, américa Kiwago, américa, américa milho, canção singela de um triste menino pele-vermelha canção na noite sob o olhar da cabeça que espia com curiosidade de cabeça intrusa de Zeus trovante e zombeteiro, ah essa angústia, essa morte, essa noite,
Réquiem, américa, entoe um lamento fúnebre que faça o trigo preto e branco tremular altivamente em louvor do índio que nunca mais haverá de nascer, desaparecido, desolado, extinto:
Ouça as planícies, as grandes cordilheiras de montanhas, ouça o vento desta noite raça de Oklahoma primeira a chorar no lamento das monanhas, das correntezas, das árvores, dos pássaros, do dia e da noite, do brilhante e contudo desaparecido trenó fantástico,
A cabeça curvada de um índio é suficiente para curvar a cabeça de um cavalo e os dois juntos morrem morrem morrem e nunca mais morrem definitivamente, a noite devora os moribundos, devora o sofrimento e não há mais sofrimento para o índio, não há mais nenhuma índia grávida, não há mais meninos cobertos de brancos ornamentos de couro, exalando o aroma úmido de tabaco e coisas doces, ah américa américa —
Todos os anos Kiwago vê seus bezerras emagrecerem, vê sem franzir o cenho seus matadores mortos, os novos atiradores, de pontaria certa, com suas espingardas e balas, atiram e derubam o mais velho dos touros, o rei, o Kiwago da planície remanescente —
Todos os anos Kiwago vê o deserto imóvel, o deserto seco sem lágrimas e sem filhos, o deserto sem fumaça, o deserto triste e sem índios —
Todos os anos Talako vê o pássaro voar sem flecha perseguindo-o na sua paz do céu, na sua liberdade de devorar tudo que existe da velha américa, da américa virgem calma selvagem,
Ah américa, ah canto de réquiem, oh navegação fasteira, ó céu do Oeste, cada ano é um outro ano, não se perde uma partida de bola, o braço delgado e musculoso que segura a lança não se levanta mais, o sábio conselho dos reis reunidos não está mais quente com vida, com peles, umidade, calor, milho assado e carne seca, agora a índia não trocará mais sorrisinhos com sem bem amado, não conversará mais de amor difícil e da necessidade do homem e da mulher viverem juntos, da necessidade dos filhos, filhos, não haverá mais filhos nos anos vindouros, não haverá mais aparência de vida, de vida aprazível, não, não mais, américa, mas em lugar disso as pedras mortas, as árvores secas, as nuvens de poeira percorrendo a terra de uma extremidade à outra — réquiem.
Os bacamartes dos pioneiros, as fivelas largas que usavam, os chapéus altos, holandeses, ingleses, sapatos de couro patenteados, Bíblias, rezam, esfriam os ânimos, são circunspectos, circunspectos, nada lhes comove a não ser festas, perus assados, milho, frutas saborosas, doces e geléias que saboreiam rodeados de uma multidão de convidados felizes e surpresos, os Iroqueses, os Mohawks, os

Oneidas, os Onondagas, que lhes dão graças!
Oh alegria! oh anjos! oh paz! oh terra! terra terra terra, oh morte Ah as balas, as flechas, o chumbo grosso, o uisque, o rum, a morte e a terra,
Ah feiteiras, tavernas, homens quakers, Salem e Nova Amsterdã, as plantações de milho,
E a noite, pés ligeiros, morte, massacre, massacre, oh américa, oh réquiem —
Casas de madeira, fortes, postos avançados, entrepostos de comércio, lugares distantes, nuvens,
Poças, hordas, tribos, morte, morte, jovens louras que morrem, vestidos que queimam, homens de jaquetas vermelhas e de jaquetas azuis que morrem, jovens que rufam os tambores, que tocam os pífaros, que praguejam, gritam e morrem, cavalos... que morrem, crianças pequenas... que morrem;

Iiiiiiiuuuuuuuu ! Hhhhhaaaaaa!
EEEEEEeeeeeeEEEEEEaaaaaa!

Morrer morrer morrer morrer morrer morrer... américa, réquiem.
Rude, desajeitado, molenga, lá vai o índio na sua roupa de sacristão, desengonçado, risível, bêbado,
Cansado, desleixado as antigas indumentárias e as botas brancas se perdem, a alegria das festas e das danças terminou, acabou, o índio Seneca dorme, sem trenó, sem cavalo pampa, sem fim, dorme apenas, e uma nova era, um novo dia, uma nova luz, o milho nasce com fartura e a noite é eterna, assim como o dia;
O avião a jato risca velozmente o céu do Texas,
Réquiem

A noite o motociclista índio Pé-negro com um cinturão largo passado na cintura mais selvagem do que os olhos luminosos do falcão senta em sua possante motocicleta preta ajeita-se no assento e arregala os olhos na esperança de loucas aventuras saindo numa disparada pela rua abaixo mais veloz do que a correria de seus antepassados a cavalo pelos desfiladeiros cobertos de fumaça e pelas cabanas embandeiradas Ah a tímida sombra de Kiwago agora! o ronco louco do cano de escapamento de sua moto Indian ecoa nas ruas como o ruído ensurdecedor de ferro e lata explodindo brrrrrummmmm não há apenas no seu capacete oleoso Ah ele é uma máquina veloz a vapor correndo na disparada sem banda de música para o receber é uma pena ele ser estúpido a ponto de sentar-se no Horn & Hardart em sua visita à Nova Iorque e sentir-se feliz na companhia de garotas de faces rosadas e cabelos louros que conversam sobre a sua enorme moto e a moto enorme delas, Ah ele se comporta como um anjo no meio delas embora sua aparência citadina seja sinistra sinistra quando fuma à noite um cigarro numa ruela deserta, esperando, américa, esperando o fim, o último índio louco sem peixe nem pés descalços nem caça na floresta alta, louco nos joelhos que cavalgam a motocicleta, é dele o último canto de réquiem a última américa A FESTA TANÇA DO FUNERAL ESTA SAINDO os votos de boa sorte são acenados, os pneus são cheios, os óculos de corrida já foram colocados, o motor, a gasolina, os freios — está tudo em ordem! Índios de 1958, vestidos da cabeça aos pés com roupas de couro — AR-RANCAM na disparada pela estrada cor de terra da Morte, o pequeno Richard ouve a trombeta prodigiosa e no desastre ocorrido a toda velocidade seu blusão de couro, chço de ar, relincha como nos velhos tempos!

O Pensamento Vivo de Belinho

Pergunta — Você gosta de Sexo?

Belinho — É claro que gosto. Sexo a meu ver é o troço mais bacana, mais palpitante do mundo, é lógico, se tirar todas as mulheres do mundo vai ficar o que, homem? Sexo é a coisa mais linda, mais apreciável que existe sobre a face da terra. Primeiro o amor a Deus, depois o amor à mulher, que começa no amor fraternal pela minha mãe, pela sua irmã, depois vem os outros.

Pergunta — E você pratica muito sexo?

Belinho — É claro que pratico bastante, onde tem mulher estou aí. Eu já decantei a mulher em verso, prosa e música. Todas minhas obras são sobre a mulher.

Pergunta — O que você pensa da vida sexual de hoje?

Belinho — A vida sexual das pessoas em geral, atualmente, o mundo de hoje, que é muito diferente do mundo de ontem, se faz sexo como nunca, há uma evolução muito grande, não é como dantes, quer dizer, antigamente, quando as mulheres não podiam nem aparecer na janela. Hoje é a mini-sáia, a tanga e isso não é imoral, é lindo. A mulher realmente é a flor mais bela que a natureza criou. O casamento é um negócio sério, o homem e a mulher devem se casar, não condeno o casamento. Mas não me casei ainda. Sabe por que? Porque aqui pra nós casamento é pra trouxa.

Pergunta — Você se importa com o que pensarem ou digam dos seus livros?

Belinho — Com 15 livros publicados, fatalmente eles tem que me reconhecer um dia como escritor e mais 18 músicas gravadas, eles tem que me reconhecer um dia como compositor.

Pergunta — Quais os gêneros literários que você pratica?

Belinho — No gênero literário faço todo gênero, prosa e poesia (clássica), pois não considero poesia a moderna, que nunca foi poesia. O mais difícil na literatura e o mais ingrato, porque o povo pouco entende de poesia. A poesia tem que ter rima e métrica, é a arte maior na literatura. Veja esse verso, por exemplo, do meu livro esgotado "Vozes D'Alma", do poema "Exaltação a São Paulo":

"Ilustre e grande terra bandeirante,
Majestade suprema do Brasil!

Ostentas, pois, tal honra mui pujante,
Ó meu São Paulo de grandezas mil!
Acolhes com bondade o mundo inteiro,
E és o orgulho do povo brasileiro!"

E vai por aí. Essa é a poesia que você fica um mês, um ano burilando e às vezes não consegue e o povo não dá valor, é por isso que é a arte ingrata, a mais difícil. A prosa é muito mais fácil que a poética.

Pergunta — O que você acha que é preciso para a pessoa se tornar escritor?

Belinho — Primeiramente, para a pessoa escrever, se considerar escritor, tem que saber dominar completamente a língua, tem que saber português para poder depois se jogar a campo. E a prosa não é difícil como a poesia, pois não exige métrica nem rima. No entanto o escritor tem que saber concentrar muito bem o assunto e ser o mais simples possível e não ser prolixo. Meus livros são assim. Porque o autor deve fazer tudo para não antipatizar com o público, para ser agradável para que o povo goste e não o antipatize e esse é o maior tormento do artista da pena — é ser capaz de agradar ao público com seus escritos. Para se escrever é preciso ter alguma vocação, como é preciso vocação para se ser mecânico, para fazer mesa, para aviador, pedreiro não, porque vão dizer que tenho medo do pesado, para ser desenhista... Eu sou desenhista diplomado pela Escola D. Bosco e não tenho vocação para a engenharia. Sabe por que? Porque não gosto de matemática, daria um péssimo engenheiro.

Pergunta — Como você descobriu sua vocação?

Belinho — Bem, comecei fazendo versinhos lá na minha terra, Propriá, gostava muito de declamar e sempre gostei de estudar a língua portuguesa. Depois fui me aperfeiçoando, estudei no Colégio Salesiano do Recife e lá sempre tive boas notas em português. Os livros são resultado da prática de vida, sacou amizade? Numa cidade cosmopolita como é São Paulo eu tive a oportunidade de pesquisar os vários setores da malandragem, enfim, alguma coisa que beneficia o público, sim, beneficia o público contar as arremetidas dos marginais, sobretudo dos estelionatários. Todo indivíduo tem

obrigação de fazer algo pelos seus semelhantes, é dever sagrado pelos menos favorecidos pela sorte, que são as vítimas dos espertalhões.

Pergunta — O que você pensa do marginal?

Belinho — O bandido geralmente, o delinquente, não é que nasce delinquente, é fruto primeiramente da educação dos pais, excesso de mimo por exemplo. Se você diz para o seu filho não pegar este objeto, ele pega, etc. Tem filho que bate na cara do pai, pobre ou rico. Todos devem fazer o possível para educar o filho. Todos devem se valer da excessiva boa vontade do governo para educar o povo, os favelados também. Hoje há escolas para todo mundo, não estuda quem não quer mesmo. Eu mesmo estou estudando direito na Faculdade do Sul de Minas (Pouso Alegre), 40. ano. Você sabe para que? Para me formar advogado. Quando estiver com o canudo, bem, não sei o que fazer, ouviu? E fiz madureza ginásial e colegial, meus diplomas tem assinaturas de diretores de uma porção de cidades, não é diploma comprado não. Penei pra burro, não pensa que caiu do céu.

Pergunta — E sobre suas músicas?

Belinho — Gosto mais de ser compositor do que escritor, mas quem não gosta? Primeira música foi a marcha-rancho "Hino à Primavera", gravada pelo Duo Glacial há mais ou menos oito anos. Eu sou compositor de orelhada, não leio música nem toco nenhum instrumento, estou aprendendo agora a tocar violão. Mas faço a letra e a melodia e todos os gêneros musicais, do iê-iê-iê à valsa. Minha canção mais bonita, "Noite de Natal", ganhou o primeiro lugar no Concurso de Músicas Natalinas organizado pela Secretaria de Turismo de SP em 1971, que ainda não foi gravada. Atenção, alô para as editoras. Em 74 gravei dois boleros com o Duo Siriema, dois boleros com o Roberto Nunes, uma marcha-rancho-frevo com o Germano Matias pela Fermata, marcha-rancho com o José Américo e um frevo com o Jin Castro, estas últimas para o recente carnaval de 1975. Gravei também com os Carimbós, do Nordeste.

Pergunta — O que você acha da vida de investigador de polícia?

Belinho — É um trabalho suado, sacou amizade?

IV

Dois Delírios do Sexo



1 — O homem descomunal

Kenny era o sexo enaltecido, ou o pecado sublimado. Inconstante, todavia, era o seu gênio, porque às vezes ela era meiga, angelical. Outras vezes surgia exótica, agressivamente sexual, incansável, capaz de acolher no ato impudente, um exército completo.

Pela ponta de uma praia, caminhava sozinha, procurando ausentar-se da irrequieta multidão de banhistas. Súbito, divisa um moço que caminhava em sua direção.

Ao perceber a beleza sem-par de Kenny, o jovem sente um reflexo misterioso, percorrer-lhe todo o corpo, refletindo-se-lhe no rosto enrubescido.

Kenny nota o transe pelo qual passava aquele rapagão. Diminui os passos. Pára.

O cavalheiro, descontrolado, saúda-lhe:

— Encantado, senhorita...

Maliciosa qual serpe, a donairosa criatura lança da boca de coral o delicioso veneno e responde:

— Obrigada. Sua presença me alegra. Como se chama?

— Volmey. E você?

— Não importa. Vamos ao banho.

O moço já estava mais à vontade, livre, portanto, do nervosismo que o acometera.

Tomou pela mão a encantadora mulher e a levou às águas.

O mar estava bravio. As ondas se agigantavam a cada instante, mas Kenny estava protegida, pelo braço vigoroso de Volmey, o moço de elevada estatura e bem delineada constituição física.

A praia estava maravilhosa, mas os dois jovens tinham nas mentes, formidáveis planos.

Deixam aquele aprazível local e em poucos minutos já se encontravam em um belo apartamento.

Kenny se despiu, mostrando ao amigo a sua plástica perfeita.

Volmey, fitando o olhar naquele monumento de beleza, tremeu de voluptuosidade. Sem hesitar também se despe.

Kenny, a megera do sexo, igualmente passa diante da beleza máscula de seu parceiro, mas sobretudo sente medo, porque o moço era do tipo descomunal.

Carinhosamente, apavorada, ela o chamou de **cavalo**.

Ele a tomou nos braços. Beijou-a. Sorveu de sua boca palpitante, o mais suave perfume...

Erótica e muito mais encantadora que se possa imaginar, a flor-mulher delira nos potentes braços do amigo e a ele franquia o seu corpo mimoso.

E a bela sofreu sob os vioentíssimos impulsos do mancebo anormal; entre o prazer e o sofrimento, ela chorou copiosamente; fora rijamente castigada, mas não condenou o seu verdugo, pelo contrário, somente o elogiou, dizendo-lhe também da simpatia que o mesmo lhe despertou.

Após, estavam exaustos. Volmey, todavia, ainda se mostrava afrodisíaco e pretendeu bisar a dose de prazer.

Kenny, a máquina do sexo, não se sabe como, pediu paz ao seu considerado. Confessou que não mais seria possível, em razão de ele ser dono de um físico terrivelmente exagerado e brutal.

O programa foi encerrado, forçosamente, na primeira etapa, devido à violência que ocorreu durante o ato.

Kenny teve de repousar a fim de se refazer da surra que tomou do seu colossal simpaticante.

2 — Tarado

Por inacreditável que seja, nossa protagonista pediu complacência ao mancebo Volmey, machão que a deixou em precário estado, após os débeis momentos.

Não obstante, a sedutora mulher, em uma só tarde, mantivera relações com diversos indivíduos.

Mas ela estava exausta. O mocetão a prejudicou bastante, porque, na verdade, ele mereceu o título de **cavalo**, conferido por ela própria.

Buscou, então, algum divertimento a fim de se libertar de um doentio tédio que lhe envolveu o âmago. Tomou um táxi e ordenou ao profissional que a levasse a determinado bairro, aonde se encontrava uma grande casa de diversões, ambiente de luxúria e sensualidade.

O motorista era um crioulo alto e forte, o qual não titubeou em cumprir-lhe a ordem.

Durante o trajeto, entretanto, o homem do volante entorpeceu a beldade com alguma droga poderosa, que a fez perder os sentidos.

Horas depois, a infeliz voltou a si, mas constatou que se achava em um bosque, aonde mil vozes de pássaros anunciavam o despertar de um novo dia. Constatou ainda que estava sem as suas vestes íntimas e sentia dores insuportáveis.

Pobre Kenny! Tinha sido barbaramente estuprada pelo chofer que era um perverso maniaco sexual.

Suas tentadoras entranhas estavam em lastimável estado, contudo, por sobre as primorosas nádegas, escorria uma listra de sangue. Certo. Estava comprovado. O bestial mulato — de proporções anormais, sem dúvida alguma — praticara com ela todas as perversões, e isto, note-se, de maneira brusca.

Sofria muito a infelicidade Kenny. Fora vítima de um violento atentado sexual. Tinha as partes pudibundas em precário estado. Ademais estava sob forte emoção. Sofria, sem u'a mão amiga para ampará-la.

Caminhou até encontrar o asfalto. Tomou um ônibus e, em seguida, um táxi que a conduziu a um hospital.

Pobre criatura! Pagava ao mundo, com um sofrer imenso, o tributo de sua excepcional formosura.

o menos possível, e para atingir qualquer coisa que não é o próprio corpo. Pode-se dizer: a prisão, a reclusão, os trabalhos forçados, a interdição da residência, a deportação — que ocupa um lugar tão importante nos sistemas penais modernos — são mais penas físicas: diferentes das multas, incidem diretamente sobre o corpo.

Mas a relação castigo-corpo não se identifica com a dos suplicios. O corpo se encontra em posição de instrumento ou intermediário: se há ação sobre ele com ferimentos ou fazendo-o trabalhar, é para privar o indivíduo de uma liberdade considerada às vezes como um direito e um bem. O corpo, segundo esta penalidade, é tomado como um sistema de violência e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo, não são elementos constituintes da pena. O castigo passou de uma arte de sensações insuportáveis

Quando o momento da execução se aproxima, dá-se aos pacientes picadas de tranquilizantes. Utopia do poder judiciário: tirar a existência evitando deixar de sentir o mal, privar de todos os direitos sem sofrimento, impor penas despojadas de dor.



Deste duplo processo — retraimento do espetáculo, anulação da dor — os rituais modernos trazem testemunho. Um mesmo movimento arrastou, cada qual com ritmo próprio, as legislações européias: para todos, uma mesma morte, sem que esta leve a marca específica do crime ou seu status social: uma morte que não dura mais que um instante, que nenhuma animosidade deve multiplicar de antemão ou se prolongar

ou como uma multa desapropria os bens. Ela considerou aplicar a lei menos ao corpo real suscetível de dor que a um sujeito jurídico, detentor, entre outros direitos, daquele de existir. Ela deve ser a abstração da própria lei.

Apaga-se então, no início do século XIX, o grande espetáculo da punição física, descartados os corpos supliciados, exclui-se de castigos a representação do sofrimento. Entra-se na era da sobriedade punitiva.

A atenuação da severidade penal no curso dos últimos séculos é um fenômeno bem conhecido dos historiadores do direito. Mas, há longo tempo, foi visto como um fenômeno quantitativo: menos de crueldade, menos de sofrimento, mais de doçura, mais de "humanidade". Na realidade, essas modificações foram acompanhadas de uma mudança no objeto mesmo da operação punitiva. Diminuição de intensidade? Talvez. Mudança de objetivo, certamente.

Se não é mais ao corpo que se dirige a penalidade sob suas formas mais severas, sobre o que estabelece ela suas presas? A resposta dos teóricos — aqueles que abrem por volta de 1760 um período que ainda não se fechou — é simples, quase evidente. Ela parece inscrita na própria questão: desde que não é mais corpo, é a alma. A expiação que atinge o corpo, deve suceder um castigo que aja diretamente sobre o coração, o pensamento, a vontade, as disposições.

a justiça condena?

Não, respondeu Michael Foucault.

DOES



Momento importante. Os velhos parceiros do fausto punitivo, o corpo e o sangue, cedem o lugar. Um novo personagem entra em cena, mascarado. Acaba certa tragédia: começa uma comédia com silhuetas de sombra, vozes sem rosto, entidades impalpáveis. O aparelho da justiça punitiva deve atacar esta realidade sem corpo.

Sob o nome de crime ou delito, julga-se sempre objetos jurídicos definidos pelo Código, mas julga-se ao mesmo tempo paixões, instintos, anomalias, enfermidades, inaptações, efeitos do meio ou hereditários; pune-se agressões mas, através delas, agressividades; violações, mas ao mesmo tempo perversões, mortes, que são também paixões e desejos. Pode-se dizer: não são eles que são julgados, sua invocação é para explicar os fatos que serão julgados e determinar até que ponto estava implicado no crime a vontade do sujeito. Resposta insuficiente. Porque são elas, as sombras de trás, os elementos da causa, que são belamente julgados e punidos.

Resumindo: desde que funciona o sistema penal — o definido pelos grandes códigos dos séculos XVIII e XIX — um processo global conduziu os juizes a julgar outra coisa além do crime; foram induzidos em suas sentenças a fazer outra coisa além de julgar e o poder de julgar foi, em parte, transferido a outras instâncias, que são os juizes da infração. A operação penal toda está carregada de elementos e de personagens extra-jurídicos.

Diremos que não há nada de extraordinário, que é do destino do direito absorver pouco a pouco os elementos que lhe são estranhos. Mas uma coisa é singular na justiça criminal moderna: se ela se carrega de tantos elementos extra-jurídicos não é para poder qualificá-los juridicamente e os integrar pouco a pouco ao estrito poder de punir: é, ao contrário, para poder fazê-los funcionar no interior da operação penal como elementos não jurídicos; é para evitar essa operação de ser pura e simplesmente uma punição legal; é para desculpar o juiz de ser pura e simplesmente aquele que castiga.

A justiça criminal, hoje, não funciona e não se justifica a não ser por esta referência a outra coisa que não ela, por esta incessante reinscrição nos sistemas não jurídicos.

Sob a doçura acre dos castigos, pode-se reparar um deslocamento de seu ponto de aplicação, e, através desse deslocamento, todo um campo de objetivos recente, todo um novo regime da verdade e uma imensidão de dramas quase inéditos no exercício da justiça criminal. Um saber, técnicas, discursos científicos, se formam e se entrelaçam com a prática do poder de punir.

Objetivo desse livro: uma história correlata da alma moderna e de um novo poder de julgar, uma genealogia do atual complexo científico — judiciário onde o poder de punir encontra seu apoio, onde é justificado e de onde recebe suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade.

a uma economia de direitos suspensos.

Se é preciso ainda à justiça manipular e agir sobre o corpo dos justicados, isto se faz de longe, adequadamente, segundo as regras áusteras e visando um objetivo mais "elevado". Para o efeito dessa nova moderação, toda uma brigada de técnicos veio tomar o lugar do carrasco, anatomista imediato do sofrimento: os vigilantes, os psicólogos, os educadores, os médicos, os psiquiatras, os capelães; por sua presença ao lado dos condenados, eles cantam à justiça a linguagem da qual ela necessita, eles lhe garantem que o corpo e a dor não são os objetos últimos de sua ação punitiva.

É preciso refletir sobre isso: um médico, hoje, deve velar sobre os condenados à morte, e até o último momento, se justapondo assim como encarregado do bem-estar, como agente do não-sofrimento, aos pacientes cuja vida eles são encarregados de suprimir.

sobre o cadáver, uma execução que atinja mais a vida que o corpo.

Não há mais suplicios onde o condenado é humilhado, onde seu ventre é aberto, suas entranhas arrancadas às pressas, para que ele tenha tempo de ver, por seus olhos, que as lanças ao fogo; onde ele é decapitado enfim e seu corpo dividido em partes. A redução dessas "mil mortes", a estrita execução capital, define toda uma nova moral própria ao ato de punir.

A guilhotina utilizada a partir de março de 1792, é o mecanismo adequado a esses princípios. A morte é reduzida a um acontecimento visível, mas instantâneo. Entre a lei, ou os que a põem em execução, e o corpo do criminoso, o contato é reduzido ao tempo de um raio. Sem mais afrontas físicas: o carrasco não tem que ser mais que um relojoeiro meticuloso.

Quase sem tocar o corpo, a guilhotina suprime a vida, como a prisão tira a liberdade

Estas duas crônicas que Graciliano Ramos publicou em datas esparças no Jornal de Alagoas nunca foram publicadas em livro.

GRACILIANO INÉDITO

Comandantes de Burros

Quando Lampeão esteve no município de Palmeira dos Índios, onde se demorou alguns dias mandando bilhetes para a cidade e sem poder entrar nela, trazia mais de cem homens que não se escondiam na capoeira nem transitavam em veredas. Corriam pela estrada real, bem montados, espalhafatosos, pimpões, chapéus, de couros enfeitados de argolas e moedas, cartucheiros enormes, alpercatas que eram uma complicação de correias, ilhós e fivelas, rifles em bandoleira, lixados, azeitados, alumiando.

O Major José Lucena, chefe do destacamento que perseguia bandidos, notando a pequena eficiência da sua tropa de peões, entendeu-se com os proprietários sertanejos, que lhes ofereceram cavalos e burros para o restabelecimento da ordem. Houve algumas escaramuças e Lampeão deixou Alagoas, tomou rumo para o Rio Grande do Norte, entrou em Mossoro, onde Jararaca morreu e a cabroeira se espalhou.

Os burros se tornaram inúteis.

O Major Lucena separou-os em dois lotes, mandou um deles para um engenho de Viçosa, e o outro para uma povoação de Palmeira dos Índios.

Neste tempo o Sr. Alvaro Paes, que projetou e iniciou trabalhos excelentes de organização municipal, viajava todas as semanas pelo interior do Estado. Foi um viajante incansável e chegou a conhecer perfeitamente as árvores e os homens do sertão.

Um dia parou num povoado com o intuito de ensinar aos matutos a cultura da pinha, da mamona e de outros vegetais que se desenvolviam bastante na Imprensa da época. Estava tratando de convencer o maiorial da localidade quando se aproximou dele um soldado com duas fitas, um botão fora da casa, chapéu embicado, faca de ponta à cinta. Continência e apresentação:

— Pronto seu Governador, cabo fulano, comandante dos burros do Major Lucena.

Era o encarregado de tomar conta dos animais que tinham servido para afugentar Lampeão.

Esta história podia findar aqui, mas não serão talvez excessivas algumas palavras sobre a classe a que pertencia esse extraordinário comandante. Horrível. Sujeitos insolentes, provocadores, preguiçosos.

A parte mais forte da nossa população rural está com Lampeão — os indivíduos que dormem montados a cavalo, os que suportam as secas alimentados com raiz de imbu e caroços de mucunã, os que não trabalham porque não têm onde trabalhar, vivem nas brenhas, como bichos, ignorados pela gente do litoral.

Os que não têm coração mole encontram-se, quando o verão queimar a caatinga, numa situação medonha. Três saídas: morrer de fome, assentar praça na polícia, emigrar para o Sul. Antes da morte, da emigração ou da farda, essas criaturas são maltratadas pelas diligências, que não querem saber quem é bom nem quem é ruim: espangam tudo.

O cabloco apanha bordoadas sempre: apanha do pai, da mãe, dos tios, dos irmãos mais velhos, apanha do proprietário que lhe toma a casa e abre a cerca da roça para o gado estragar as plantações, apanha do cangaço que lhe raspa o osso da canela a punhal e lhe deita espeques nas pálpebras, para ver a mulher, a filha, a irmã serem possuídas. E se um inimigo vai à rua e o acusa, o delegado manda prendê-lo e ele aguenta uma surra de facão no corpo da guarda, outra de cipó de boi no xadrez aplicada pelo preso mais antigo, que recebe quinhentos réis do torno e é o juiz da cadeia.

Suporta esses últimos tormentos resignado, quase com indiferença porque enfim prisão se fez para homem e apanhar do governo não é desfeita. Às vezes morre das sovas. Outras vezes atira-se para São Paulo, para o Espírito Santo, para algum lugar onde haja café. Ou espera que a lagarta coma o algodão e as cacimbas se esgotem.

Nesse ponto tem ódio a Deus e aos homens que o tratam mal, tem vontade de vingar-se. Pede um cartão ao doutor juiz de direito, vende o cavalo, arranja o malote e marcha para a capital, donde volta alguns meses depois, transformado, calçando perneiras, vestindo uniforme caqui, falando difícil, terrivelmente besta, desconhecendo os amigos e perguntando o nome das coisas mais vulgares.

Abre as vogais escandalosamente, diz. Exército, serviço.

Anda a peneirar-se, todo pachola, com o quepi à banda, a grenha aparecendo por baixo da pala.

Bebe, não trabalha, dorme demais!

A noite mete-se nos botequins dos bairros safados ou

deruba as portas das meretrizes. É mais ou menos casado com uma sujeita que lhe prepara a comida, lava a roupa e possui um baú de folha, um saquin e um papagaio.

Vai aos batuques de ponta de rua, sem ser convidado, e é bem recebido. Muita consideração. Mas quer dançar com todas as damas, e se alguma lhe mostrar má cara, faz um barulho feio: apaga-se a luz e a festa acaba em pancadaria.

É vaidoso, cheio de susceptibilidades. Importância imensa. Em horas de aborrecimentos sai à calçada do quartel, nú da cintura pra cima e grita:

— Esta terra não tem homem!

Como nenhum responde, torna a gritar:

— Apareça um.

Ninguém aparece.

Vai para as encruzilhadas tomar as facas dos matutos. Os matutos que têm facas levam murros porque são desordeiros, os que não têm facas levam murros porque são mofinos.

Levam murros e sentem, como é natural, o desejo de ser soldados, o desejo de cochilar horas e horas, de papo pra cima, sem obrigações, sem exercícios, sem a botina quarenta e quatro a apertar-lhes os calos, o desejo de beber vinho branco na feira e pisar os pés dos pobrezinhos que só têm armas fracas: o buranhem e a quicé de picar fumo, o desejo de comer massa, o desejo de tomar as mulheres dos outros, o desejo de comprar fiado nas bodegas sem intenção de pagar.

Um cartão do doutor juiz de direito, do promotor público, do Coronel chefe político tem muito valor!!!

Entouxam a roupa e embarcam.

Quando voltarem dormirão tranquilos, baterão nas prostitutas, beberã cachaça nas toldas, em companhias do inspetor e do sub-delegado.

E serão com a ajuda de Deus, alguma coisa grande. Comandante de burros por exemplo.

Jornal de Alagoas, Maceió, 27 de maio de 1933.

Antonio Silvino

O automóvel deixou a cidade, atravessou arrabaldes de pequena importância, rodou aos solavancos numa estrada que marginam casas decreptas, miudas e descascadas. Moleques de cabelos de fogo, tranquilidade, silêncio, tudo morno e brasileiro. A agitação e o cosmopolitismo

ficaram atrás, sumiram-se na poeirada; agora parece que as coisas em redor se imobilizaram. O carro que nos transporta avança rápido, inutilmente. Há meia hora tínhamos pressa contagiosa, mas isto desapareceu. Seria, melhor subirmos a cavalo esta ladeira empinada e cheia de buracos, onde as rodas se enterram. Com dificuldade, lá nos vamos sacolejando, dobramos um cotovelo, entramos numa rua esquisita, a máquina cançada geme e pára.

Desço, bocejando. Para bem dizer, não sinto curiosidade. Cheguei até ali porque tive preguiça de resistir e porque me era agradável a companhia de dois amigos. Conversando com eles, teria ido a um museu ou a qualquer outro lugar.

O homem que desejam ver gastou anos correndo os sertões do Nordeste, numa horrível existência fecunda em histórias que povoaram a infância, com certeza enfeitadas pela imaginação dos cantadores. Depois uma emboscada e o cárcere provavelmente o desmantelaram. Talvez as marchas, as lutas, a fome, a sede, a fuga constante e as fadigas das travessias não o tenham abalado: mas a bóia da cadeia, as grades, a esteira suja na pedra, os mesmos gestos repetidos, as mesmas palavras largadas em horas certas, infinitas miserias e porcarias, inutilizaram o velho herói de encruzilhadas. É quase certo irmos encontrar um indivíduo sombrio e cabisbaixo, embrutecido pela desgraça, indiferente às façanhas antigas, hoje atenuadas, esparsas. Está ali perto um fantasma triste e desmemoriado, mostrando vago sinais de vida em movimentos de autômato.

Penso assim, olhando o pátio duma habitação coletiva. Alguém foi anunciar a nossa visita. E, enquanto espero, vejo com desgosto à entrada uma enorme criatura que se achata, que se derrama, gorda, parálitica, medonha. Essa figura monstruosa perturba-me, fixa-me a idéia de que ali vive outro ser doente, com deformações invisíveis, piores que as que agora me surgem. Desejo não ser recebido, receio tornar a ver um daqueles rostos, pavorosos que há tempo me cercavam.

Recebem-nos. Dois minutos de espera. E estamos na presença de Antonio, Silvino, um velho que me desnorteia, afugenta a imagem que eu havia criado, tipo convencional, símbolo idiota, cabloco ou mulato que, medido por um dos médicos encarregados de provar que os infelizes são

degenerados, servisse bem: testa diminuta, dentes acavallados, cabelo pichaim, olhos parados e sem brilho, enfim um desses pobres diabos que morrem morrem no eito e não fazem grande falta, aguentam facão de soldado nas feiras das vilas e não se queixam.

Enganei-me, estupidamente. Antonio Silvino é um homem branco. Seria mais razoável que fosse um representante das raças inferiores, que, no Nordeste e em outros lugares, constituem a maioria da classe inferior. Mas é um branco, e se for examinado convenientemente, não dá para bandido. Não dá e não quer ser bandido. Por isso malquistou-se com alguns repórteres desastrados que o ofenderam.

Conosco é amável em demasia. A hospitalidade sertaneja revela-se em apertos de mãos, em abraços, num largo sorriso que lhe mostra dentes claros e são. Esse pé de mandacará, transplantado para um subúrbio remoto do Rio, deita raízes na pedra do morro e esconde cuidadosamente os seus espinhos. Antes de refletir, aperto a garra poderosa. Antigamente essa aproximação teria sido impossível: fui, como outros, um sujeito muito besta e convencido de não sei que superioridade. Felizmente esqueci isso. Dou razão a Antonio Silvino, que não quer ser bandido, não porque os bandidos sejam muitos piores que os outros homens, mas

porque a palavra odiosa se tornou um estigma.

Um dos meus companheiros é o escritor José Lins do Rêgo, que em menino conheceu o sertanejo temível no engenho do coronel José Paulino, hoje famoso por ter figurado em vários romances notáveis. José Lins em poucas palavras, reata o conhecimento antigo, e Antonio Silvino logo se torna íntimo dele, conta histórias do cangaço, brigas, visitas que fez a outros personagens de romances. Ultimamente, ao sair da prisão, parece que andou nas terras do velho Trombone e, com sisudez e prudência, espalhou conselhos úteis que resolveram certas dificuldades de família.

Conversando, narrando as suas aventuras numa linguagem pitoresca, ri alto, mexe-se, os olhos miudos atizam-se, uma bela cor de saúde tinge-lhe o rosto enérgico, vincado pelo sofrimento. Apesar das rugas, tem uma vivacidade de rapaz; um tiro no pulmão e vinte anos de cadeia não demoliram essa organização vigorosa. Os cabelos estão inteiramente brancos, mas a espinha não se curva, a voz não hesita. É o mais robusto dos que se acham na sala acanhada, em torno duma pequena mesa.

Lembro-me dos seus antigos subordinados, viventes mesquinhos que ele submetia a uma disciplina rude. Nas visitas ao velho José Paulino, ficavam no alpendre, en-

colhidos, silenciosos como colegiais tímidos, enquanto lá dentro o chefe conferenciava com o proprietário. Certamente esses pobres seres, anônimos, sem menção nas cantigas dos violeiros, desfizeram-se na poeira social, mas o seu comandante está rijo, palestrando com um neto do coronel, não muito diferente do que era há trinta anos. Penso na distância enorme que os separava do patrão.

Antonio Silvino dirigiu-se com altivez, não ombreou com eles. Teve amigos poderosos, combateu longamente inimigos poderosos também. Os oficiais das tropas volantes eram seus adversários, o que teve a sorte de ferir-lo e vencê-lo foi, segundo ele afirma, um adversário leal. Na caatinga imensa, perseguido, queimado pela seca, Antonio Silvino teve sempre os modos dum grande senhor, muitas vezes mostrou-se generoso e caprichou em aparecer como uma espécie de cavaleiro andante, protetor dos pobres e das moças desencaminhadas. Na prisão desviou-se com soberba dos criminosos vulgares e, não obstante ter vivido em Fernando de Noronha, nunca se misturou com eles. A convicção que manteve do próprio valor manifesta-se em todos os seus atos.

Não parece que o regime penitenciário seja bom para endireitar os condenados. Os guardas da correção sabem

perfeitamente como é difícil um indivíduo conservar-se ali sem se degradar. De alguma forma a degradação justifica a pena: ordinariamente o que volta do cárcere é um farrapo.

Antonio Silvino isolou-se, achou meio de não se contaminar. Foi um preso muito bem comportado, tanto que lhe permitiram esta coisa estranha: alojar os filhos no cubículo onde vivia. Criou-os, dividiu com eles a ração magra, conseguiu, fabricando botões de punhos, obter os recursos necessários para educá-los. E educou-os de maneira espantosa. Na situação em que se achava, seria natural que lhes incutisse idéias de vingança. Nada disso. Ensinou-lhes o respeito à lei, à lei que os afastava do mundo, cultivou neles sentimentos, religiosos e patriotismo. Orçulha-se de os ter formado assim, de os ver hoje servidores fiéis do exército e da marinha.

O trabalho desse sertanejo verdade é que ele não se transformou para realizá-lo. Homem de ordem, indispsse com outros homens de ordem, fez tropelias no sertão, deve ter sido enorme, mas a caiu numa cilada e penou vinte anos para lá das grades. Continuou, porém, a ser o que era, apesar da cadeia: homem de ordem, membro da classe média, com todas as virtudes da classe média. **Jornal de Alagoas, Maceió, 18 de setembro de 1938.**

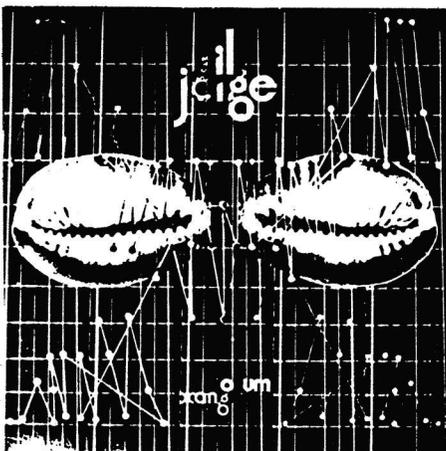
ANÚNCIOS FUNEBRES



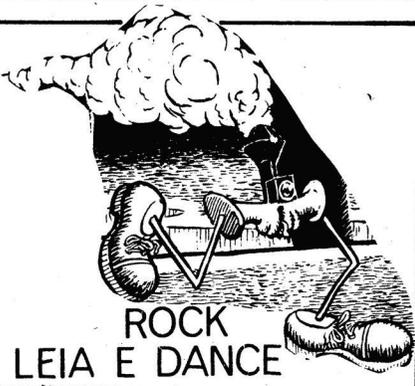
H. Kissinger

Os Editores e Funcionários do EX-cumprem o doloroso dever de participar o falecimento.

ISSO É COISA DE PRETO



A VENDA
EM QUALQUER
LOJA DE BRANCO



OBICHO que ia
pegar já pegou.

E você já pegou no
BICHO?

É Cr\$4,00
(ce vai pegar ou não
vai? heim?)

POEIRA

179

O EXAME OBRIGATORIO DEU UM ABANCO ASSINADO página 2

TODO MUNDO TEM OPINIAO página 3

O REITOR FALA! página 11

NOVO ITINERARIO DAS CHAVEIRAS DA VULVA página 5

A UNIVERSIDADE SEM PROFESSOR E SEM MAIS NADA página 16, 17, 18

UNS RECADOS MUITO IMPORTANTES página 22

PROCURE CONHECER

RUA ANTONINA Nº 1777
D.C.E. - LONDRINA - PR.

LAVE & SEC'S
em 2 horas
4 kg de roupa por Cr\$11,000
(enquanto as máquinas trabalham
você lê as revistas que te
até 1/2 noite
Major Bertório, 318 (entre Rego
Freitas e Amaral Gurgel)

NÃO FAZEMOS LAVAGEM CEREBRAL

O BALÃO
vai mudar

PARA ASSINAR O EX.

EX-EDITORA LTDA.

RUA STO. ANTONIO, 1043

NOME _____

ENDEREÇO _____

ANEXO CHEQUE VISADO OU DINHEIRO

Cr\$30,00
6 edições

Cr\$60,00
12 edições

Cr\$40,00

PARA O EXTERIOR

Cr\$80,00

BAIXA SOCIEDADE
Percival de Souza

Te entrega Cristino! Ninguém vai te fazer mal.



Se reuniam os três irmãos
Cada qual mais animado
Disse eu ao pai já velho
Bote a questão pra meu lado
E deixe estar que o meu rifle
É um bom advogado.
(Virgulino-Lampião - Ferreira)

Cansado das podridões do sul, sumi por 15 dias em direção a Salvador e Recife, e às caatingas baianas e pernambucanas, para aprender muito da vida — aprender de sabedoria, sofrimento e dor — com a boa gente do sertão. Gozado: em Jeremoabo, a 400 km de Salvador, muita gente metida a fazer história de cangaço nunca botou os pés. Dai, um monte de personagens e fatos ainda inéditos para nós, cá do sul.

Procurador — Meu já considerado Gaudêncio Gonçalves, escritor sherlock de Jeremoabo, reuniu mais de 90 volantes, aquela gente que andava atrás de Lampião — entre eles muito bandidão pior que cangaceiro. Gaudêncio virou procurador dessas peças, para ver se eles arrancam algum do Inps, pois estão a perigo. Eu sempre achei que essa sigla significa "infelizmente não posso servi-lo"; daí, os volantes vão é ficar chupando os dedos calejados com o manejo da enxada. Mas já que os pesquisadores de cangaço acharam que para ir a Jeremoabo é preciso comer muita poeira e não vale a pena tanto sacrifício, deixem-me revelar coisas novas (eu fui lá!) para a história.

Corisco — Severiano Ramos Cruz, o Bentevi, ex-contratado, macaco aposentado, o bom para achar rastro, foi o cara que mais contribuiu para fazer a fama do finado Zé Rufino comandante de volante. Pois é: os dois se apartaram, mesmo objetivo, cada um com sua patota para um lado, até que Bentevi cruzou Rufino, levando Dadá (mulher de Corisco) com um teco no pé, e a cabeça do Diabo Loiro de Lampião dentro de uma lata de querosene. Dadá olhou para o rastreador e disse: "você é Bentevi, te conheço: não batia em ninguém, não espancava ninguém. A gente sabia de tudo, sabia que você era um cabra bom, apesar de ser macaco". Ai, então, Bentevi entrevistou Rufino que lhe contou...

— Cheguei no sítio onde Corisco estava acoitado, cerquei a casa e ataquei. Quando pulei na varanda, de metralhadora na mão, tinha uns tropeiros sentados des-cansado. Gritaram assustados: "não atire, os homens que o senhor procura estão dentro da casa".

Dadá viu Rufino e gritou: "Corisco, olha os macacos" e saiu de casa dando tiro. Recebeu um no pé e caiu. Rufino disse que ela

ficasse tranquila, que ninguém lhe faria mal e entrou na casa. Mas Corisco tinha fugido pelos fundos e ele saiu atrás, até encontrar. O Diabo Louro estava apenas com um parabellum na mão, e Zé Rufino gritou: "Te entrega, Cristino! Ninguém vai te fazer mal".

Atenção, historiadores: o grito foi "te entrega, Cristino", e não "te entrega Corisco", como faju-tam por aí. Mas deixemos que o insuspeito Bentevi conte o resto. (De fato, é um cabra bom: Dadá, a mulher do falecido Corisco, foi visitá-lo duas vezes em Jeremoabo. Visita de cortesia, já viu, né?)

— Corisco deve ter pensado: "é melhor morrer de atrevido que de esmorecido". E fez fogo. Zé Rufino também atirou, mas Diabo Louro caiu de um tiro disparado pelo soldado Murundu. Ele foi preso ainda com vida e só morreu na estrada. (Aposto que vocês nunca tinham ouvido falar nesse Murundu...)

E o tutu, hein? Bentevi dá um sorriso maroto:

— Na bagagem que Corisco carregava havia muito ouro. Eu mesmo vi uma sacola cheia. Teve um soldado que pediu a Zé Rufino: me dê esse anel do homem". E Rufino disse que não, que ia levar pra o comando (grupo!). Mas ele era muito vivo, deve ter tirado o melhor e entregado apenas umas bobagens. Zé Rufino sempre foi muito vivo"...

Volante — Bandido — Dica para os sociólogos e historiadores ainda interessados no Cangaço. Façam um sacrifíciozinho e cheguem a Jeremoabo. Lá vocês podem encontrar, entre outros, o considerado Porfírio Amâncio da Conceição, irmão positivo de Pau Ferro, um dos muitos cabras de Lampião — Porfírio lhes contará, como me contou, que...

— O Capitão Virgulino e seus homens não faziam mal aos moradores da Caatinga. Todo mundo respeitava eles. As volantes é que faziam mal, pois já chegavam batendo em todo mundo, dizendo que era coiteiros de cangaceiro. Por causa de meu irmão, Pau Ferro, toda minha família sofreu na mão das volantes. Eu mesmo tive preso três meses e cinco dias, amarrado, apanhando e passando fome e sede, para dizer onde é que meu irmão se escondia. Como se eu soubesse...

Porfírio conseguiu dar o pinote, mãos amarradas, e passou três dias no mato, até topar João Mariano e sua patota de cangaceiros: botei o chapéu dele na cabeça, pendurei o embornal e os armamentos". Mariano disse que Porfírio havia ficado um cangaceiro muito bonito, e chegou a convidá-lo para entrar no bando:

"eu estava com raiva, disposto a tudo, mas não fui — meu destino era outro..."

Lampião desde esse dia jurou vingar-se também dizendo: foi inimigo, mato, não pergunto a quem... Só respeito neste mundo Padre Cico e mais ninguém!

Volante Bom — Manoel Ribeiro, primo legítimo de Maria Bonita, diz que é tudo cascata esse negócio de "amor proibido" entre ela e Lampa. Mas o meu considerado Manoel, bom papo, muita sensibilidade, fabricava alpercatas. Os Volantes viviam tirando o couro do pobre Manoel e ele, cansado de tanto lhe tirarem o couro, assaltarem mesmo, parou um dia para pensar, fazer uma opção na vida: ser boi ou ser ferão? Cangaceiro ou volante? Decidiu-se pela volante e saiu atrás de Lampa e sua prima, para cabreiragem geral dos macacos, em troca da diária de alguns contos de réis... Meu considerado Gaudêncio, na delegacia local, vibra todo quando fala de Virgulino, "o maior comandante do mundo, pois com apenas algumas dezenas de homens enfrentou durante anos forças policiais de sete Estados". E faz uma análise inédita de Virgulino:

— Quem mandou Lampião foi Deus, para acabar com o coronelismo que assolava o sertão. Quem mais ele perseguia eram os coronéis, donos de engenho, que possuíam muitos cabras e praticavam desmandos sem receber castigo. Depois da morte de Lampião, morreu o cabra e nasceu o pistoleiro, que finalmente está desaparecendo...

Serra Talhada, barra pesada

Lampião nasceu aqui, lugar onde, atualmente, uma peça de nome Vilmar Gaia tá botando a canalha pra jambar. Família Gaia de um lado, família Ferraz de outro, macacos entre as duas... não é fácil. Os macacos pilantras foram retirados da Serra, aprazível lugar onde a população assistiu a copa de 70 instalando antena e aparelho de TV na serra. Qualquer paspanata tem 38 (o berro) no mínimo; e fuzil belga, modelo 1908, é a maior sopa por aqui. Tanto que, em mais um capítulo da guerra familiar, apagaram o Alvaro Gaia, dono de sortida mercearia no Alto de Bom Jesus, a tiros de fuzil. Ele morreu ali no chão, balaço na cabeça, a mulher e os quatro filhos em volta. Já viu esses meninos, principalmente o de 15 anos, quando crescer mais um pouco, né?

David Jurubeba, ex-chefe das volantes pernambucanas, machão de araque, outro caçador de Lampião, ficou na lista negra desse Vilmar — (por sinal, o jornal da

condessa carioca e a agência noticiosa France Press cozinharam violentamente minhas matérias about). Jurubeba deu uma de machão: "se eu andei atrás de Lampião, vou ter medo desse moleque"? Entretanto, por via das dúvidas, Jurubeba e sua valentia toda deram o pinote de fina, até as coisas se acalmarem...

Mas o meu maior lance de Serra Talhada foi o seguinte: eu precisava conversar com o meretíssimo capa preta. Cujo, dias antes, andava de carro e o Vilmar mandou-lhe dois arrebitos, chumbo grosso — ficaram dois tremendos buracos na caranga. Fui no Forum, o meretíssimo tinha saído para o cartório. Fui ao cartório, meretíssimo estava na Prefeitura. Dai em diante, levei dois dias para localizar a peça, cuja achava que, no mínimo, eu seria o Vilmar, desbaratinando, andando na cola dele. Percebendo a cabreiragem do meretíssimo, pedi ao meu considerado Pilão, dono da hospedaria Planalto, para explicar as coisas ao juiz — cujo, aliás, tirou a venda de Têmis e colocou nos seus próprios olhos...

Pilão, o inocente — Por falar no hoteleiro da terra de Lampião: ele me contou que já esteve muito melhor de vida, mas precisou ficar enrustido 6 anos no Maranhão. Ele, seu caso e as razões de sua inocência:

— Minha filha namorava um cabra, e eu não topava. Fiz oposição, minha filha nem ligou. Daí, o cabra apareceu morto, e não sei por que acharam que tinha sido logo eu que havia feito a pele do moço.

É, Pilão, o mundo vive cheio de injustiças...

Ah, os antiqüários... A Delegacia de Furtos e Roubos sacou que o sumiço de obras de arte das Igrejas baianas revela a existência de muito pilantra desbaratinado em apreciador de obras de arte. Mas, também, teve padre paca vendendo obras a preço de banana. Um monte de batina preta se enrolou com a Polícia. Seu bispo virou jararaca...

E, por falar em Delegacia de Furtos e Roubos, nada menos do que 26 tiras sifu através de inquéritos policiais e administrativos. Dando uma de Nelson Duarte, eles estavam enroscados paca em corrupção, uso de tráfico de entorpecentes. Bola preta para eles, e bola superbranca para a cúpula dos sherloques baianos, que soube sentar a pua nesses pilantras.

Para a bicharada da imensa fauna paulista, preocupada ainda com festas e rebus, despeço-me deixando um pensamento de Shakespeare: "nada há de mau ou de bom, se o pensamento não o torna tal". Pensem, não dói!

Sra. Corisco



A entrevista foi feita em janeiro de 1974, em Salvador, por Carlos Doria e Arthur Eid. Ela faz parte de um estudo mais amplo, do qual participa

também Carlos Alberto Ricardo.

Dadá mora em Salvador, numa velha casa que divide com filhos, netos e seu segundo marido, que se

refere a Corisco como "o marido da Dadá".

Hoje, costureira de 60 e tantos anos, ela ainda desafia a vida na linha que corre na ponta da agulha.

Fui levada.

Eu ouvia falar em cangaceiro, mas nunca liguei, não tinha medo não. Não sabia. Não ligava aquilo não. Ouvia falar horrores que se davam, que tinha Lampião, que dava aquilo tudo. Mas cangaceiro mesmo eu vim a conhecer em 28.

Vim conhecer direito o que é cangaceiro. Menino, quando Lampião travessou com o pessoal prá esse lado aqui da Bahia, daí que eu vi as forças se danar, gente correndo, escondida. Corisco ficou tendo tiroteio com as volantes... eu era pequena.

Nós não tinha medo do cangaceiro, nós tinha medo das volantes, eram uns danados. Eu era pequena, ia saber o que é medo? Criança não sabe que a guerra é aquele horror do mundo, aquele pega fogo, aquele horror. Mas eu era viva, não era acanhada, costurava muito, dinheiro do meu pai era na minha mão, vida bacana.

Ele, o Corisco, não era cangaceiro não... Ai deixou o bando e veio prá esses lados aqui... Ai ficou escondido aqui, ia prá todo canto prá ver se livrava disso e sempre as persigas com ele... Deixou Lampião e veio prá esse lado, quando chegou aqui do lado baiano, veio a per-

seguição atrás dele... Foi tudo coisa de política... Corisco tinha uma tia que era uma pessoa muito cheia de confusão... E os filhos dela, se deu uma confusão, umas questão por causa dos revoltosos... e por intermédio disso, eles ficaram perseguidos... Ficaram perseguidos pelas volantes... e não era brincadeira não... Teve um deles que era meio pancada. E ficou nos matos, arranchando no mato, e pegando o criatório de quem encontrava. Resultado: o dono do criatório era gente acostada na polícia. Denunciaram esse indivíduo, um tal de João Alencar. A polícia veio, abafou o lugar que ele tava, pegou, bateram muito, cortaram cabelo, deram com o sebo prá ele correr, fizeram mesmo tortura com ele, levaram preso. Então, resultado, ele ficou com raiva porque a família que tinha criatório se dava muito bem com meu pai. Eu era menina, seguramente de uns dez anos, foi uma fuxicaria danada, e apareceu Corisco. Então Corisco, sendo sobrinho dela, ele pegou Corisco, falou. Então Corisco veio e diz que para matar meu pai. Quando chegou em casa, nós tinha chegado de uma festa, o pai tava dormindo. Ele chamou o velho de velho, chegou meio zangado e meu pai disse:

— Eu não sou homem disto, não ocupo dessas coisas, mal-feito desse povo, eu também sou prejudicado, o que é que ganho em denun-

ciar uma coisa que chega a ser meu parente?

Eu sei que com a conversa de meu pai ele conformou e foi embora. Lá, não sei que encheram os ouvidos dele, eles foram, mataram o rapaz que pertencia... que era dono desse criatório, o Cazuzá. Eu gostava, nós se dava muito... nós tudo em fuzarca e festa, isso tudo, sempre dançando. Então alvoroçou todo aquele barulho todo, ele não ficou satisfeito do que fez, chegou e disse para o Corisco que tinha sido meu pai. A mãe do fulano que foi preso disse prá Corisco que viesse e me carregasse, que eu era uma pessoa perdida, que eu era uma átoa, mas pintou o diabo. Então Corisco chegou e disse que conhecia a família de meu pai, que eu não era aquilo que dizia. Ficou naquilo. Quando é um dia, ele sempre aparecia, mandava dinheiro, ele mandava tanta coisa prá mim... mas eu não conhecia, vi uma vez, quase me assombrou de ver aquele homem... Ai, resultado, ficou.

Como meu pai podia impedir que me levassem? Como? Chega um grupo de revoltosos, se puder lhe amarra, lhe bate, leva, apanha, leva o que quis e pronto. Oito homens armados, que era um povo? Meu pai não tinha jagunço, não tinha nada disso. E que tivesse, inesperado, era besteira, né? Se por acaso ele tivesse prá lá, chegasse uma coisa assim, de vupt...

Eu não sabia ainda...

Entrei no cangaço quando me levaram. O caso de eu ter ido prá essa vida foi uma coisa muito cheia de confusão, sabe? Foi por intermédio de política. Que não é um dia eu fui lá: nós chegou... e disse assim, que ele ficava em casa e eu ia lavar roupa. Eu digo: "eu vou lavar..." aquelas roupas pesadas... eu gostava de lavar... até hoje gosto de lavar roupa pesada, pano miúdo eu não gosto de lavar. Então fui prá fonte onde se lava a roupa. Quando estou ali lavando roupa, eu vejo aquele ruído... aqueles homens tudo a cavalo, que coisa horrível, coisa diferente... Não tinha treze anos completo. Ele chegou e disse: "eu vim te buscar."

— A mim? Deus me livre. Buscar por que?

Eu não estou sabendo de nada, tô vendo aqueles homens, assim, pensei que devia ser brincadeira. Ai eles voltaram prá casa, naquela cavalgada, aqueles cavalo tudo correndo. Juntei a roupa toda, botei na cabeça e fui prá casa. Quando chego em casa, tava o debate dele com meu pai. Meu pai zangado falando uma porção de coisa.

— Vou levar ela — ele dizia.

Então ele fez sinal pro Morrão, mandou que me apanhasse. Ele me apanhou. Botaram na garupa do cavalo e me levaram. Era o ano de 27, seguramente, né?

Minha filha, isso não é vida.

Sabe, as mulheres só vivia chorando, estropiada, morrendo, a desgraçada forte era eu e a moça do Cirillo. Não sei o que nós tinha. Quando elas entrava no cangaço, pensavam em muita coisa, aquela enfeitaria toda... Sertanejo, o que achava mais bonito mesmo era bandido todo enfeitado, todo perfumado, todo cheio de coisa. Ai elas iam na onda.

Agora, eu fui menina que não copheci esse povo, você tá entendendo? Que eu vi Lampião uma vez, de noite, que eles passaram na casa de meu tio e mandaram chamar meu pai. Meu pai foi comigo e outros irmãos. Era noite. Nós com medo. Medo não, a gente tava admirando aquele pessoal. Foram embora. Eu não conhecia esse povo.

Mas uma continuação: quantas vezes eu disse prá meninas... ah, apaixonada... por um rapaz daqueles!... Eu dizia: minha filha, isso não é vida. Isso é vida perigosa. Isso é vida terrível. É vida prá quem já tá, quem não tem jeito. Olha só: viver molhada, nos espinho, não ter sossego, não ter vida certa... olha como eu vivo. Você tá me vendo assim? Eu sofro muito. Não ter o direito de ver os filhos... é uma vida danada essa que eu levo.

Ai elas diziam:

"Ah, a senhora não vai? Eu também posso ir... eu gosto dele... eu vou..."

**Traição? Mas, e um cangaceiro ia aceitar?**

A história do Zé Baiano... a mulher dele atraiçou ele... quer dizer que um homem como um cangaceiro... e uma mulher atraiçoar! Fazer um papel desses com ele, perante todo mundo! O que é que há, rapaz? Não é que nem hoje em dia que é tudo lé-com-lé-crê-com-crê, homem atrás de mulher, mulher atrás de homem... Você aí é um cidadão, um grande... as mulheres dos grandes homens hoje em dia são as piores, mas eles não vão se estragar prá perder a liberdade dele e a sociedade, manchar a família...

Mas um cangaceiro ia aceitar isso? Não. O que ele fazia pela mulher dele!! Ela fazia tudo com ele. Ele tratava da Lídia como eu nunca ouvi dizer na vida, em uma vida daquelas. O Corisco me queria um bem maçuço. Maria do Lampião só faltava acabar com a vida do Lampião. Era mimada, mas não em ponto de traição, não. Era denço. Xingava aquela coisa!, e ele achava graça.

Então Zé Baiano tinha aquela mulher. Ela não pegava numa colher. Ele dava comida a ela! Era tudo aquelas toalhinha de forrar mãozinha da Lídia, botava o prato, e acabava de comer ele trazia água, lavava a mão, enxugava as mãos. Era tratada como criança mimada. Tudo podia faltar prá todo mundo menos prá Lídia.

Era uma coisa bonita. De todas as mulheres do grupo, a mais bonita foi Lídia. Era morena. Os olhos grandes assim. Então ele fazia aquilo. Ela toda dengosa. Ele fazia todos

aqueles dengos e ela não se afastava dele. Quando ele viajava, ela chorava, ficava com aqueles dengos do meio pro fim.

Sei que ele chegou em ponto de desconfiar. Uma vez, na hora em que ele foi sair, ela ficou sorrindo, uma alegria! Ele chegou, ficou, saiu até lá e disse prá ela:

— Quer dizer que antigamente quando eu viajava você chorava, hoje você bate palma?

Ela disse:

— Não...

Ele disse:

— Lídia, eu vou lhe dizer uma coisa... tudo tu tem de mim na vida, mas se tu me atraiçoar eu te mato.

Ela ficou assustada. Ele viajou. Viajou prá voltá logo, mas ele voltou antes. Ai eles ficaram por ali, mas ele queria viajar. Convidou Jacaré prá viajar com ele. Bentevi era do Corisco. O caso de Lídia era com o Bentevi.

Aí ele abriu o bernal de Lídia e encontrou um cacho de cabelo dele. Chegou a pressentir ele com o anel da Lídia. Ai quando chega neste lugar que se reuniu, o Zé Baiano chegou, ela saiu prá ter encontro com o Bentevi no mato.

Tinha um cabra do Lampião chamado Coqueiro. Negrão feio, desgraçado, fuxiqueiro, e já tinha havido uns barulhos por causa dele. Foi o Coqueiro quem encontrou ela com Bentevi. Acho que fez proposta e ela xingou. Ai ele disse:

— Ah, pois você me xinga? Então vou dizer agora pro Zé Baiano.



Chegou no rancho e contou que tinha encontrado Lídia com Bentevi. Ai se assanhou todo mundo, foi o maior alvoroço quando Lídia chegou e disse:

— Desgraçado, você veio contar porque não lhe aceitei.

Aí Lampião atirou no Coqueiro, matou, haja barulho. Coqueiro era cabra de Lampião. Num tinha que delatar. Não devia desrespeitar ela, aquele moleque! No grupo tinha respeito disso. Então Zé Baiano pegou Lídia, levou e matou. Matou de cacete, enterrou feito lama. Ai viajou todo mundo pra matar o Bentevi. Ele foi pro Estado de Alagoas. Zé Baiano ficou feito louco.

Teve uma fase que tinha muita mulher no grupo. Mas morreram. Foram embora. Nem sei os caminhos que tomou. As vezes fico imaginando onde foram, onde estão, cada mulher bonita.



Fuzil, parabolo, não tem corpo fechado. Bate, entra.

Corpo fechado? Olha, olha moço, fuzil, parabolo, não tem corpo fechado, viu? Bateu, fura. Quem acreditava era besteira, loucura.

Mas Corisco era homem que rezava: tudo que é oração ele sabia de cor, ele tinha o breve da oração completa, Santo Onofre... ele tinha tudo e ainda tinha os três de Santo Antonio. Tinha tudo: a hóstia, o breve completo. No dia em que ele morreu, o breve tava na mala. Ele guardou porque aquilo era um volume muito grande.

Se tivesse com ele, ele teria ido embora, entendeu? Você pode ter sua oração, você pode ter fé naquela oração, você tem o inimigo mais perigoso do mundo e você tem a oração rezando com a intenção daquilo. Você abate ele, ele tem que perder força pra você. Mas

Horror mesmo era com as volantes.

Lá em casa, nós tinha um mundo de terra. Quantia de terra sem fim. Era criatório de gado, de criação, de ovelha, de animal, de tudo. Mata prá tirar madeira. Tudo existia. Caça, tirá o mel. Tudo. Era mata virgem onde não morava ninguém, só bicho. Assim, feras: onça, cobra, muita caça, era assim. Nós tinha muito criatório. Meu pai era um homem bem recusado. Acabou tudo com essas persiga. Tudo. Ainda hoje tem umas besteira. Mas acabou tudo. Depois de 28 prá cá, foi o fim de tudo porque as volantes botou todo mundo pra fora das fazenda, deportou todo mundo, ficou todo esse criatório lá toa pra eles comer como entendiam. Eles matavam por causa de uma bebida assim. Atiravam no gado, na criação pra urubu comer.

Meu pai não era pobre não... como tem livro aí que diz que eu era uma menina pobre que vivia mendicando no interior. Tem livro aí que alega que eu fui menina criada no sertão, mendicando... Meu pai tinha milhares de afilhados. O mundo de afilhados. Pobre, rico, tudo. Ele morreu moderno, uns 60 anos. O mundo de gente que quer bem meu pai... Ele dizia assim: "Quando eu morrer não quero ser enterrado naquele cemitério... não quero ser incomodado... ser enterrado hoje pra me arrancar e tirar os ossos amanhã pra botar outro... não quero essa meia comigo. Quando eu morrer quero ser enterrado no serrote por-

Eu sonhei, a gente vai viajar.

Senti no grupo, no modo que nós vivia, o que andava assim... Aconteceu uma coisa que eu cismava, aquilo em mim, aquela frieza em mim me assustando. Eu ouço: aquilo tinha que acontecer. Mas não era o que ia acontecer assim no fim daquilo. Não era isto, era diferente o meu modo de pensar. Quando Corisco foi baleado, eu fiquei três mês num lugar tratando dele. Quando foi do meio pro fim eu passei seguramente oito dias, eu vendo per-

A desgraça do cangaço foi o paisano.

Quando era as forças, de começo, quando era os soldados, foi o exército, voltou; foi o esquadrão de cavalaria, a cavalo, atrás de Lampião, não deu jeito; foi esquadra de avião, não deu jeito; a policia foi quem entrou na queima, e morreu muita gente. Aí depois, quando foi naquela revolução de São Paulo, que a macacada descera tudo prá brigar em São Paulo, em 32, aí eles botaram todo mundo em arma, só ficava nas fazendas quem pegasse em armas... e as volantes. Eles fizeram então volante só de contratados. Não tinha soldado, homem tudo contratado. Aí onde foi a miséria do cangaço, morreu todo mundo e muitos deles que tão aí como cangaceiro não fizeram essa experiência de pensar isso, porque o paisano conhecia dos matos, não tinha medo de enfrentar qualquer meio de caatinga, rastejava, rastejava, rastejava criação, rastejava caça, rastejava cobra, eles também podem rastejar gente, né? Quer dizer, se tem gente arranchando no meio da caatinga, eles sobem num pau, uma fumaça naquele mundo, eles vão na direção daquela fumaça, andando, de vez em quando sobem num pau, olha o mundo todo e é ali, ali, é ali, até quando vai sair num rancho e é cangaceiro, aí brigam. Se eles tiverem aqui, sobem numa serra, olham o mundo, tem

um parabolo e um fuzil equilibrado batendo num corpo, hum, ele entra; agora, pra se defender tem.

Tinha isso, tudo tudo, mas quando era na hora de morrer não tinha nada disso, botava prum lado e morria. Olha, tive benção de 12 anos e tirei três anos sem perigo! Depois de três anos eu peguei, caí em perigo prum canto e prá outro. Oração defende muita coisa se você tiver o sonho e o pranto de Nossa Senhora e você usar ele ao deitar todo dia. Se ao deitar você rezar, aí você nunca esquece daquilo, tudo que tiver que acontecer você vê no sonho. Mas vê assim. No dia do perigo eu via.

No dia em que sonhava com boi voando, naquele dia todo mundo olhava as espingarda. Se estava, se ouvia aquele pruummm no meu ouvido, aquele estouro, eu podia saber que tinha tiroteio. Tinha dias que até os passarinhos vinham, vinham batendo no meu chapéu

que lá ninguém vai bulir comigo".

Quando ele morreu, os moradores fizeram questão. A maior luta foi subir com o caixão até o serrote onde ele pediu pra cavarem... onde ele tá enterrado. Botaram cruzeiro e ele tá lá enterrado. Não enterraram no cemitério.

Era coiteiro. Era isso. Era aquilo. Em vez deles perseguir Lampião e os outros, perseguiram os paisanos, os cidadãos que moravam nas suas casas... o povo sofreu horror, sofreram miséria. Os sertanejos passaram que eu não sei contar com as volantes.

Eles esvaziaram o sertão. Meu pai foi deportado durante o tempo que existiu isso. Botaram pra Pernambuco, vinha de Alagoas, quando chegou isto no Estado da Bahia dizia assim:

"Corisco atravessou, ele está na Bahia"

Ía pra Alagoas, quando chegavam em Alagoas, deportavam pra Pernambuco. Não tinha forma de Corisco, nem Lampião proteger ele. Como? Só de pensar que eu era filha dele, eles achavam que meu pai sabia de tudo. Nunca tive oportunidade de mandar nada prá ele. Tudo que meu pai tinha eles tomaram... Se chegasse aqui olhava ele e dizia:

"Lampião passou aqui... tudo que tem foi Lampião que deu..."

Então eles apanhavam tudo e levavam... era assim... queimavam a casa... lhe mata-

nas passar, me assustando. Quando foi à noite, eu tive um sonho, quer dizer: quanto trabalho que aí tive e mataram. Aí, neste dia, eu não quis mais ficar no lugar em que eu estava... eu digo, bom, hoje não viaja, eu tô vendo uma coisa, um soluço, eu tô vendo aquilo, hum, hum, perto de mim, eu olhava e não via nada, eu tava assim a olhar, via aquelas pernas passando pela cerca, ficava esperando, lá olhar e não via nada e fiquei naquele, aí eu digo:

— Oi, nós vamos viajar, eu tive um sonho

e voava e vinha embora. Podia preparar que era uma coisa. Eu tinha sonho e dizia de manhã: perpara.

No dia em que Corisco foi baleado, era o caminho todo me assustando, tiroteio no ouvido, os sonhos mais terríveis do mundo. Quando foi no outro dia eu disse a Corisco:

— Nós não vamos fazer essa viagem, Corisco:

Ele disse:

— Você quer ficar, fica, mas eu vou.

No caminho saiu um sapo, um cururu desse tamanho pulando na frente da gente. Aí ele vai. Andava a vida toda, se perdia, vinha pro mesmo lugar que nós tinha passado, isso diversas vezes.

Quando foi no outro dia de manhã, se dá um tiroteio. Morre Guerreiro. Morre Rouxinho. Ele com dois braços quebrado. Tudo eu sabia.

vam... matavam seus filhos... prendiam tudo, batiam... tudo preso pra dar conta... Eu tinha horror das volantes. Tinha pavor, tinha medo, tinha o maior medo do mundo. Eu podia tá na maior palestra do mundo, no meio de todo o mundo, o Corisco, todo mundo, se eu me lembrasse de cair na mão de soldado, pronto, perdia a graça. Ficava assombrada, quantas vez a noite eu tava dormindo, quando eu me lembrava daquilo ou sonhava: eu pegava, sangrava, me tatando, o soldado me agarrando. Eu me levantava e me equipava toda: botava todo o equipamento. Eu era uma águia. Eu era danada. Soldado não atirava no rancho comigo. Era um cachorro. O que eles diziam:

— "Matem Dadá que vocês tem Corisco, porque Dadá num dá mais, já ninguém tomada nada"

Eu via e gritava:

— Macaco, — pronto; nego caía nas espingarda.

E tinha muito cangaceiro que tinha parente nas volantes. A maioria de tudo. De tudo: irmão, primo, tudo. Eles não entravam só de medo não: porque morriam, matavam, penduravam pelo pescoço. Eles acabaram com o mundo do interior. Os macacos eram pior porque eram políciadores. Eram políciadores. Mas prá ver a desgraça que faziam... Foi fogo até que Lampião morreu...

horroroso.

Aí eu contei o sonho, tô vendo aquilo, chega os matos, tava pegando fogo de tiroteio, vendo tanta gente caindo morto, todo o meu povo. Aí Corisco disse: "Olha, vocês prepara isso tudo, desmancha esses vestígios".

Aí foi desmanchar aquilo e nós fomos embora, saímos de tardinha; quando foi uma seis horas, já tava tudo cercado, o lugar que nós tava. Saímos quase no queimá das volantes, tudo cercado, e nós fomos embora...

Meus pressentimentos sempre davam certo... até hoje eu tenho...

ção, como Diferente, mataram... Diz que Diferente tá em Minas, mas eu acho que é mentira.

Covardia essa entrega. Voce acha que era bonito uma coisa dessa? Foi um papel muito sujo.

Isso até hoje me prejudica. Um dia eu tive uma demanda aí. Meu neto num podia entrar na escola por causa do meu passado, então eu disse prum coronel da Policia Militar da Bahia:

— A miséria que teve no sertão não era Lampião, coronel. Lampião era mata fome de quem sentia fome. Lampião era um amigo. Lampião dava a mão a quem achava no chão. Lampião era um homem. E os macacos eram uma peste, eram uns desgraçados, eram uns miseráveis que matavam, queimavam, amarravam os pés e as mãos e jogavam dentro do fogo. Meus irmãos pequenos, foram arrancadas as unhas de ponta de faca porque Corisco chegou, me agarrou, me botou na garupa de um cavalo e me levou. Que culpa tinha meu pai? Eu conheço famílias... que se o senhor me exigir isso eu vou lhe mostrar: meninos retardados, amarrados pés e mãos e jogados dentro do fogo. A desgraça do interior foi as volantes, coronel, as volantes...

Papo com Ligia de Almeida, Miltainho, Marcão e José Carlos Marão

PRESIDENTE AUDALIO

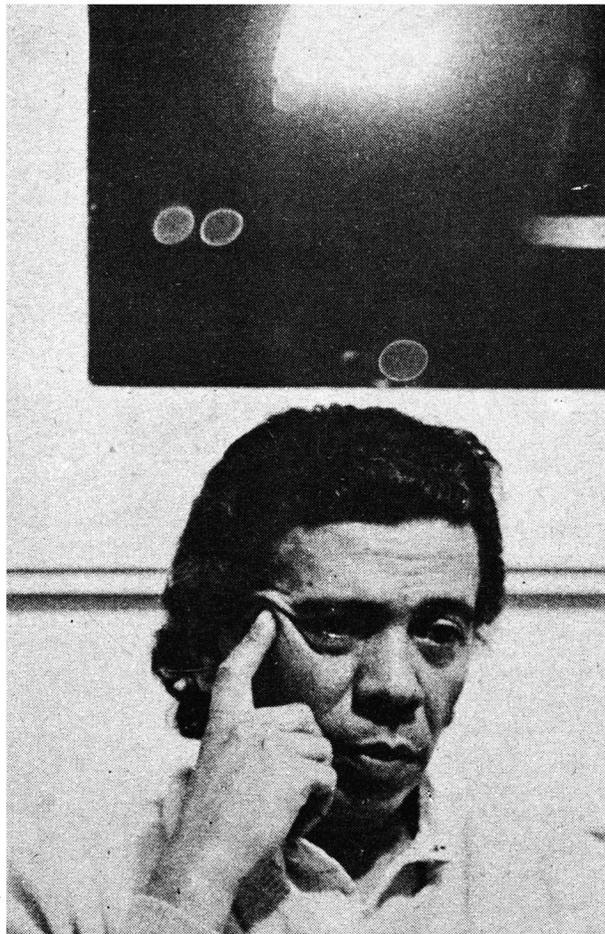


foto: Lucrécio Jr.

Vai escrever uma reportagem no hospício. Fica do lado dos loucos. Vai escrever uma reportagem sobre o caçador de caranguejos. É um caranguejo. Assim é o novo presidente do Sindicato dos jornalistas de São Paulo, o cabra da peste Audálio Dantas.

Pg.
22

A primeira vez que vim pro Sul foi quando tinha seis anos, foi no famoso ita, como quase todo pau de arara, antes do pau de arara propriamente dito, que é quando apareceu a Rio-Bahia. Fui o resultado daquelas pequenas tragédias familiares, o empobrecimento de uma classe média se desfazendo. O meu pai era um pequeno comerciante. Voltei com 11 anos, e passei uns dois anos lá, foi o que me deu a visão da tragédia nordestina, estou falando muito em tragédia, na verdade é uma tragédia, ainda hoje é. Na segunda vez vim sozinho, por trem e navio, no rio São Francisco.

Nasci numa cidade com nome arcaico, em Alagoas. Chama-se Tanque D'Arca, com apóstrofe. Quando nasci era uma pequena vila no centro do estado, na região de transição entre o sertão e a Zona da Mata, zona de agreste. Como as coisas eram um pouco difíceis nessa então vila que hoje é uma cidade, meu pai me registrou em Maceió.

Vinha muito nordestino para a imprensa, naquela fase dos 50, mais no Rio do que em São Paulo. Era uma questão de sobrevivência, veja bem, o que poderia fazer um cara como eu, que tinha a família imigrada? Era procurar um caminho, e esse caminho foi o jornalismo. Fui trabalhar num estúdio fotográfico particular. Quando tinha 20 anos, apareceu a oportunidade do laboratório fotográfico da Folha de S. Paulo e eu peguei correndo. Então costume dizer sempre que entrei no jornalismo pela porta escura do laboratório fotográfico. Pode-se até usar aquela famosa frase da luz no fim do túnel: foi quando saí do quarto escuro e consegui fazer minhas primeiras fotografias na rua. Todo emigrante, ou imigrante, sempre que me auto-analisar sinto isso, tem uma força de vontade extraordinária; e a luta que um imigrante é capaz de desenvolver é uma coisa que só quem é imigrante pode avaliar. Logo de início, notou-se que eu fazia uma fotografia de certa forma diferente. Eu

entrava num laboratório às cinco horas da manhã, mas muitas vezes dei plantão na Central de Polícia, que é a fase que mais abomino da minha carreira. O ambiente contrariava a minha sensibilidade de maneira total. Os repórteres de polícia, tenho uma enorme admiração por eles, não o de outro tipo que a gente conhece, mas repórteres de polícia velhos como vi muitos que foram agora votar, esses que continuam trabalhando, recebendo o seu salário e só o seu salário, acho que é o homem mais sacrificado da profissão. Mas o que me contrariava profundamente era o drama que passa pela sua frente, o sujeito que chega aos safanões, não sei se chega ainda, acho que chega... o drama do ladrão, do assaltante, são coisas que você não pode ver como cidadão, como ser humano, a não ser que você seja uma pessoa desprovida de princípios.

Essa fase de fotografia e plantão na polícia foi muito rápida. Como eu tinha muita vontade de escrever, um dia sai e trouxe uma reportagem, e o pessoal gostou. E preciso dizer que naquele tempo a maioria dos jornalistas se fazia assim, dentro do jornal, no dia a dia. Muita gente inclusive na Folha, que foi uma das maiores escolas de jornalismo naquela fase. Cito aqui o caso do Gil Passareli, que era porteiro da Folha. Um dia começou a acompanhar os fotógrafos e hoje é um grande fotógrafo.

Não quero de maneira nenhuma defender esse tipo de formação, mas acho que ainda é muito importante formar o repórter dentro do jornal. Independente de um curso universitário de jornalismo, ele precisa ter essa garra, precisa ter essa vontade.

Aí, eu já tinha um certo nome, digamos assim, na imprensa paulista. E O Cruzeiro, que ainda estava no auge, era a grande revista brasileira de reportagens, era a aspiração máxima. Em 59, ganhava na Folha um salário que era de repórter classe A, Cr\$ 18.000,00; o salário mínimo acho que era Cr\$ 2.000,00.

É preciso que se diga que em meados de 50 o jornalismo começou a ser

uma profissão. Havia um grupo grande de jovens interessados, que repudiavam os métodos antigos, isto é, o repórter recebia um vale e tava contente, ia para o botequim e se embriagava. Qualquer salário tava contente... Bem, até hoje eu não entendo o cara que chega num bar, vai numa boate e diz: "olha, eu sou jornalista", e não quer pagar, eu não consigo entender, e tinha muito cara que fazia isso.

O Nabantino Ramos (ex-proprietário das Folhas), como patrão merece um elogio, principalmente como empresário, ele foi o primeiro em São Paulo com mentalidade empresarial. Mas na Folha, como jornal de pouca tradição, este homem tinha uma verdadeira fixação para a imagem do jornal, ninguém podia dar palpite, torcer alguma coisa do jornal, que ele estava lá. Houve uma fase, que eu considero das mais corajosas da imprensa brasileira: a Folha inaugurou uma coisa chamada Campanha. Era o seguinte: o repórter propunha uma série de reportagens sobre assuntos determinados. O Sr. Mario Mazzei Guimarães, que é jornalista dos mais dignos deste país, fez a primeira reportagem em defesa da ecologia neste país. Fez uma série que durou meses e meses, contra a poluição dos rios, isso deve ter sido em 1956. Essa Campanha atingia interesses poderosíssimos, como a da companhia açucareira que poluía o rio Piracicaba.

O Nabantino fazia o seguinte, que na ocasião era ridicularizado por muita gente: semanalmente fazia uma reunião, uma assembléia geral com todo o corpo de redação, no auditório da Folha, onde se discutia como iam as Campanhas, os rumos que o jornal estava tomando. O Nabantino hoje é professor de Direito. Instituiu além do Conselho de Redação uma espécie de Polícia de Linguagem. A Folha tinha normas de redação, tinha uma espécie de manual, onde se estabelecia a linguagem, a ortografia de acordo com a reforma de 1943. E essa polícia era exercida por um professor de português, que não tole-

rava deslizes. Então o Paulo Afonso Grisoli, que hoje está ocupando um cargo importante na Secretaria da Educação no Rio, um dia ele ficou completamente louco, querendo matar a humanidade, porque a "polícia da linguagem", que a gente considerava antipática, ele escreveu "siquer" em vez de "sequer" e mandaram pra ele uma observação.

O Cruzeiro na época não tinha problemas de dinheiro. Era o apogeu do repórter-estrela. Você se sentia muito à vontade lá. Não havia limitação de dinheiro, o repórter propunha os seus próprios assuntos. Mas tinha o sujeito que pedia para você fazer uma matéria sobre a vedete que estava no Teatro Natal. Sistematicamente, o pessoal de São Paulo, que era uma redação muito unida, se pautava por princípios que considerava jornalisticamente válidos, então sempre dava um jeito de não fazer. O Neil Ferreira dizia "eu não vou fazer, a p... que o p..., eu não vou fazer essa reportagem, o dia que eu quiser comer mulher eu como com o meu p..., e não com a capa da revista."

O Sr. Assis Chateaubriand era na verdade um homem genial, um homem fora do comum, muitas vezes esse gênio se dirigia para a coisa que não vem ao caso, mas era gênio. Nós aqui de São Paulo tínhamos muito pouco contato com ele. E eu, por temperamento, achava isso muito bom, porque na verdade o contato direto com o dono da bola não me é muito agradável. O Chatô se apaixonava pelas pessoas. Então encontrou no caminho dele aproveitadores em quantidades homéricas, e muita gente tinha entrada e formava uma corte. Não é por honestidade, talvez seja por princípio de repórter, que é a coisa que mais prezo em mim, não podia fazer parte dessa corte, nem tinha jeito para isso... Precisava no mínimo uma grande dose de sem-vergonhice que eu não consegui ter até agora, foi isso. Eu fiquei nessa revista até 65.

No Cruzeiro, fiz uma matéria uma vez sobre o Juqueri, onde fiquei du-

rante uns dez ou doze dias lá dentro. Eu abri a matéria dizendo que era um caso de intervenção da ONU, tavam 14 mil doentes onde deviam estar 4 mil. Eu vi uma sala de horrores que nunca mais vou esquecer na vida. Era um galpão de cimento vermelho onde eram jogados os caras que iam morrer, caras que estavam lá jogados pra morrer, amontoados uns sobre os outros, e isso acontecia aqui, a 30 minutos de São Paulo. Muito bem, então o que que eu ia fazer? Foi o maior dilema de repórter que eu tive na minha vida.

Bom, eu comecei a entrar no hospício por obra e graça de um novo governo que assumia, o governo do Sr. Adhemar de Barros, que substituiu o do Sr. Carvalho Pinto. Então o Sr. Adhemar de Barros permitiu que um jornalista visse a miséria que era o Juqueri. Comecei pelos pátios: o pátio dos esquizofrênicos, das "personalidades psicopáticas". A coisa que mais me impressionou foram os pátios, onde 70% dos doentes estavam nus: mulheres, adolescentes, velhos; onde você via a miséria humana, a miséria humana no último grau, miséria total. Mulheres de 70 anos vagando pelos pátios, os peitos caídos no meio da barriga. A desgraça física. Cheguei aos dormitórios, onde não havia colchões, tinha pessoas doentes com marcas do arame do estrado da cama. Vi adolescentes e urubus em cima, milhares de urubus em cima daquelas pessoas. Vi uma adolescente que estava tendo, certamente, pela cara, pelo jeito, a primeira menstruação, e os urubus em cima dessa moça, vocês imaginem o resto. Conte este detalhe na minha matéria, e fiz uma subversão do que seria reportagem, porque foi um desafio. Fiz toda a minha matéria com flashes. Eu fui mostrando: pátio das mulheres esquizofrênicas, mas com a maior cruzeza, aquela moça estendida no banco nua e os urubus em cima dela, e aquela moça estava ficando mulher, foi assim a maneira que encontrei de dizer que ela estava tendo a primeira menstruação, e o pátio de mortos, e a hora da comida, etc. Alguns colegas chegaram a achar que era uma subversão da reportagem, mas foi pra lá, e a matéria saiu em 18 páginas e o então diretor da revista, o Odilo Costa Filho, mandou telegrama dizendo que chorara ao ler a matéria, isso foi em 63, por aí. Já fiz centenas de matérias assim, mas eu não durmo direito quando faço uma matéria que não consigo a minha linguagem, aquela que é muito de emoção.

Faz uns três anos, num programa de tv, surgiu o assunto censura. Então eu disse que como jornalista só podia ser contra a censura, por quê? Porque a pior coisa que pode acontecer a um jornalista é ele ver a coisa e não poder dizer. Acho que foi em 67, o n.º 10 de Realidade foi apreendido, como atentatório à moral e aos bons costumes. Muito bem, era um número sobre a mulher. Um dos argumentos era que havia a foto de um parto, de uma mulher de perna aberta, e foi um dos argumentos alegados para a proibição. Então isso aí começou a influir para que a reportagem fosse também sendo capada, mas não obstante isso, alguns anos depois e agora recentemente, uma revista da Bloch, Pais e Filhos, cujo sentido seria educacional, publicou uma série, que tem uma sequência completa de um parto com todos os detalhes, desde a fase inicial até a criança nascer. O que era imoral há 8 anos, hoje já não é mais. Concluindo: ao mesmo tempo que uma revista, que se diz educacional, de orientação familiar, publica isso e não é considerado imoral, ao mesmo tempo uma revista semanal, a Manchete, a propósito do câncer no seio, publica um seio enorme na capa, e você sabe que aquilo não foi para falar do problema do câncer, mas foi para vender o seio. O farisaísmo reside aí! Enquanto isso as reportagens sérias, que trariam problemas para debates no interesse do país e no interesse social, não são permitidas. Quando sinto o vazio da reportagem, eu gostaria de falar no Jornal da Tarde. Continua fazendo reportagem, é um jornal de repor-

O que significa a vitória da oposição no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo?

No dia da apuração, quando o representante da Delegacia do Trabalho declarou o resultado da eleição, ele disse que aquela vitória, a vitória da oposição, não significava como muitos queriam numa maneira indigna, a vitória de movimentos políticos ditos isolados. E eu disse que achava que a vitória da oposição não era a vitória daquele grupo que trabalhou organizadamente e sim a vitória de todos os jornalistas.

Outra coisa, por exemplo, a gente não lembra nunca, em todos esses anos, em São Paulo, de ter visto uma atividade cultural promovida pelo Sindicato.

Eu posso dizer o seguinte: que o problema fundamental é a luta por um salário digno que não obrigue o sujeito a ter dois ou três empregos e consequentemente não possa ir ao cinema, não possa ir ao teatro. Julgamos mais ainda — quando eu falo "julgamos", é uma forma um pouco pedante, mas é no sentido coletivo mesmo que eu digo — é que nem adianta o Sindicato ter um Departamento Cultural bem estruturado (o Sindicato tem), quando o sujeito não pode ir ao cinema e muito menos ao teatro para melhorar seu nível cultural... não pode comprar um livro bom... Então ele também não tem tempo de ir à uma biblioteca para ler esse livro, senão ele deixa de ganhar dinheiro e comprar um litro de leite e pão. Pode parecer demagógico, mas é verdade. Então a criação de um Departamento Cultural é ponto de honra da chapa da oposição, vai ser feito, mas primeiro nós temos que ver e lutar dentro da lei, para que uma profissão considerada de nível universitário tenha salários dignos de nível universitário. Mas então, respondendo sua pergunta, já há um anteprojeto feito por um jovem participante da nossa chapa, que é o Hamilton Otávio de Souza, diretor-social e cultural do Sindicato, que prevê dez ou doze departamentos, desde Assistência Médica até cursos, conferências, publicações, cinema, teatro. Há também o projeto de um jornal, boletim mensal (que nesse momento se chama Mural). Aliás, excelente nome, o conteúdo é que não era bom, e manter esse Mural com notícias semanais e o jornal mensal inicialmente. Depois, pretendemos transformar em quinzenal, em tablóide, e depois chegar até as bancas e às universidades e aos cursos de jornalismo. E esse jornal não deve ser um negócio que fala das atividades do Sindicato, do senhor diretor do Sindicato que se entrevistou com o senhor ministro. Inclusive, num número desse jornal saiu um negócio absurdo que era uma ameaça, uma denúncia, era uma dedo-duragem, dizendo que seria publicado o nome dos associados que deram cheques sem fundo para pagar o Sindicato! É verdade! Saiu isso! Então, isso é indigno de qualquer categoria profissional. Muito bem. Então nós pretendemos nesse boletim ter notícias que falem das reportagens publicadas pelos nossos companheiros na semana. Nós vamos procurar manter intercâmbio com Universidades, com os cursos de comunicação nos Estados Unidos, na Europa, onde quer que seja. Vamos pegar artista plástico, não precisa ser jornalista, e botar no Sindicato. As galerias cobram 30%, nós cobramos 15, e o dinheiro fica pro Sindicato, pra financiar o jornal, por exemplo. O jornal não pode ser com dinheiro de contribuição do Sindicato, então precisa dinheiro. Então, o artista plástico vai pro Sindicato, expõe pra gente financiar o nosso jornal e botar aí para os estudantes de comunicação.

O Sindicato é uma instituição democrática. Ele é uma consequência da democracia. Ele é representativo, assim como o Congresso é representativo. Então o Sindicato, nos últimos 12 anos, ao que sabemos, não representou nem o mais humilde colega da classe. Então, pergunta: a intenção é representar de fato o jor-

nalista, dentro do processo democrático, em toda a sua problemática, desde o cara com um baixíssimo salário até o homem que vive muito bem mas que tem problemas de censura ou outro que tem problema de dor de dente?

Mas é lógico. Eu disse que sempre achei que o Sindicato não se esgotava na assistência social, na pseudo-assistência-social. Mas eu não considerava, e como nenhum elemento da chapa considera, que essa assistência social fosse desnecessária. Tem o INPS, quase todos os jornalistas pagam(descontam em folha, como eu desconto) para uma entidade médica, então você tem assistência. Então, na verdade, eu nunca recorri ao Sindicato. Mas eu sei perfeitamente que a maioria precisa recorrer. Então é um serviço tão importante que deve ser ampliado e melhorado.

O problema da censura

Como eu disse individualmente, publicamente, uma vez, eu repito, como presidente eleito do Sindicato: qualquer jornalista, que encare seriamente a profissão, deve lutar contra a censura, porque a sua profissão, para ser exercida, no sentido social primeiro, no sentido moral, deve ser isenta de censura. Já se disse oficialmente, no Congresso de Jornalistas, que a liberdade de imprensa interessava só aos patrões. E nós respondemos: isso é o item n.º 1 do programa da oposição, portanto não estamos dizendo nenhuma novidade aqui. Nós respondemos que a liberdade de imprensa, em todos os níveis, é essencial ao exercício da profissão. E como "exercício da profissão", ela quer dizer o "pão do jornalista", porque na medida em que essa liberdade é cercada, o mercado de trabalho tende a se restringir. Tende a se restringir, como? Por exemplo, a importação de notícias, os enlatados... Começa-se a importar matérias escritas e pagas em dólares...

Você falou na tv sobre o trabalho dos dois jornalistas que começaram o caso Watergate. Isso prova de que a liberdade de imprensa é um dever...

Muito antes de eu ter imaginado que os meus companheiros jornalistas fossem me buscar para ser candidato a presidente do Sindicato, dei uma entrevista na televisão e citei exatamente o exemplo do que significa a importância do repórter. Do repórter! Não da imprensa, como instituição, mas do repórter. Me perguntavam se eu achava que um repórter pode contribuir para mudar alguma coisa no mundo. E eu dizia exatamente isso, e repeti isso num dos nossos boletins, a propósito da acusação imbecil... imbecil três vezes, de que a gente (os jornalistas que estavam fazendo oposição) fazia política. Então eu dizia o seguinte: não tenho medo. Eles agitam a bandeira do medo, que não é uma bandeira que interessa à Nação, à nação-Brasil. Eu dizia que os dois repórteres que denunciaram Watergate, tinham contribuído para que os destinos do mundo fossem mudados. E por que nós não podíamos mudar os destinos de um Sindicato? E a resposta, eu acho, é que um repórter, um jornalista, tem um compromisso com um público. Com um público-nação.

Eu diria o seguinte: representará a média dos jornalistas na medida em que no Sindicato atualmente há uma chapa que foi formada por jornalistas, desde aqueles chamados por privilegiados, em termos de salário, até aqueles que são representantes da grande massa dos jornalistas. É bom que se diga isso. Na nossa chapa, por exemplo, tem um sujeito... é o Vasco, que é editor de um jornal e ganha 1.700 cruzeiros. E da Gazeta. No dia em que esse homem me falou isso eu me considerei realmente um privilegiado, mas depois reconsiderarei essa colocação, pelo seguinte: eu não sou um privilegiado, ele é que é um injustiçado.

O Sindicato tem alguma intenção, ou qualquer coisa, considerando todas as limitações que existem, de melho-

rar situações como essa?

Olha, o problema é maior. Um dos itens do programa da oposição diz que nós lutaremos pela elevação do piso salarial, que está um pouco abaixo dos 1.500 cruzeiros, baseado no seguinte: a profissão de jornalista, de acordo com o decreto-lei 972, diz que jornalista é profissão de nível universitário. Então o programa diz que esse piso deve ser elevado, considerando o nível universitário. Não se compreende que um jornalista possa ser bom ganhando 1.500 cruzeiros. Então, para isso eu dizia que muitos, excelentes repórteres, excelentes jornalistas, tiveram truncadas suas carreiras pela pressão econômica, que os obrigaram a ter um segundo ou terceiro emprego. Na nossa chapa há muitos caras nessa situação. Sujeito que arrumou achegos fora da profissão. Um revisor, um dos homens mais dignos que eu já conheci na minha vida, não só profissionalmente, mas como indivíduo, trabalha de 14 a 16 horas como revisor, e vocês sabem o que significa trabalhar como revisor, 14, 16 e até 18 horas? Um dia nos fomos à Guaratinguetá, ele disse: "Puxa vida, acabei de sair da revisão do Estado". Ele não tinha dormido, e era de manhã, ele ia pra Guaratinguetá, íamos passar o dia todo e às 7 da noite ele tinha que estar de volta, porque tinha de começar na revisão de outro jornal. O compromisso que a gente tem é com esse tipo de gente. É indigno que um sujeito, em profissão dita de nível universitário, tenha que ter 3 ou 4 empregos para sobreviver. Você vai dizer que a gente vai resolver isso? É lógico que vamos tentar. A grande diferença é que nós empunhamos uma bandeira que contestava, e com todas as forças, uma falsa colocação, segunda a qual as coisas deviam ser mantidas, e como se dizia: "nada de política". Agora o que é que o cidadão queria dizer com "nada de política"? Eles tentavam, dentro de mecânicas mentais muito estranhas, dizer que vinhamos fazer política partidária dentro do Sindicato. Tenho a dizer que lamentamos o medo no Sindicato, principalmente nesse momento em que o país todo, pelas suas crenças mais expressivas, pela sua inteligência, a partir das esferas mais altas, diz que nós devemos discutir os problemas! Esses caras não queriam discutir. Era só "nada de política". O que é política para eles, com o medo dos covardes? Mas eu digo sim: política, sim. E o que é política? Há uma lei que regulamenta a profissão e é desrespeitada a todo instante, vamos procurar cumprir essa lei.

Falar que tem um buraco na esquina é política...

Pois é, isso revela uma profunda ignorância. O fato de eles mesmos estarem no Sindicato era uma atitude política. Nós descobrimos, num momento quase de estalo, nós jornalistas descobrimos que esses cidadãos estavam fora do tempo completamente. Porque consideravam a palavra política, o vocábulo política, como um termo proibido, mas o fato de estarem lá, naquela posição conservadora e recuada no tempo, era uma atitude política!

Você pretende trazer mais jornalistas ao Sindicato?

Um dos fatores que nós levou a vitória foi ouvir a opinião das pessoas. Nós não nos contentamos, como houve durante muito tempo, com assembleias onde todos diziam amém. Queremos levar ao Sindicato um contato mais amplo, eu acho que isso é fundamental. Queremos um debate mais amplo, inclusive daqueles que discordam e principalmente daqueles que têm razão para discordar. Sempre consideraram esses sujeitos como inimigos do Sindicato, é o que vinha acontecendo. Todo sujeito que ia para o Sindicato levantar problemas, se dizia que ele ia para o Sindicato levantar problemas políticos, e nós consideramos que a defesa de direitos dos jornalistas é uma política. E nós entendemos isso como a única política que interessa aos jornalistas.

O ABORTO ABERTO DE UMBERTO ECO

Dentro da barriga da mulher está um bom homem ou uma coisa?

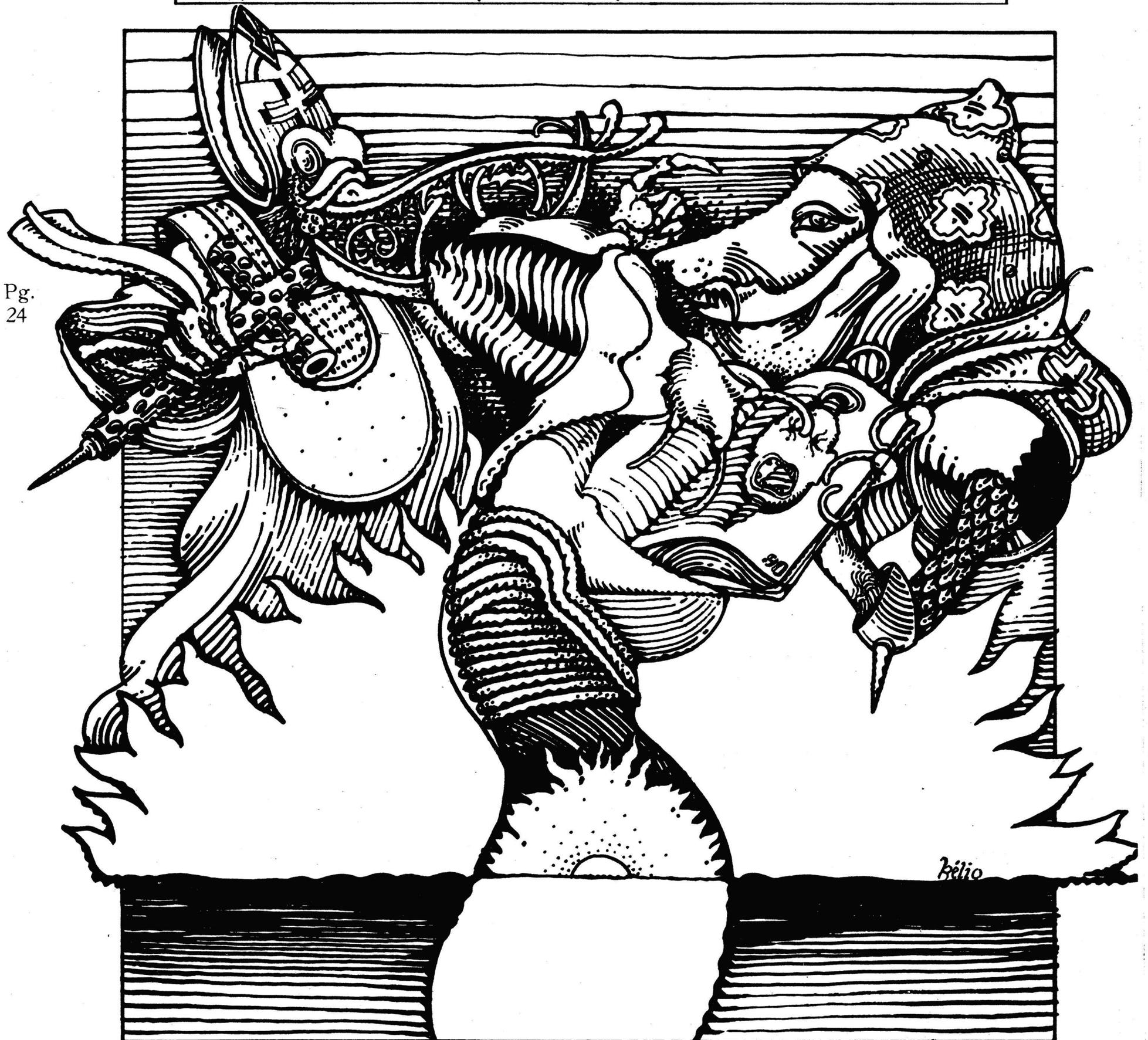
Quem tem mais direitos, a mulher ou esse pedaço dela?

Perguntar estas coisas é nazismo de nossa parte?

Umberto Eco, o pensador italiano, invoca o diretor de cinema

Pasolini, Santo Tomás e até Deus (em que não acredita)

para discutir o aborto (ele é a favor).



Desde janeiro, em quatro jornais italianos (*Corriere de la Sera, La Stampa, Il Giorno, Paese Sere*), um grupo de escritores envolve-se em interminável debate sobre o problema do aborto. Um jornal católico viu nesta polêmica um sinal de irresponsabilidade, acrescentando que um escritor não deve falar de coisas que não são de sua competência. Perigosa afirmação, porque se é criticável que um romancista dê conselhos sobre processos siderúrgicos ou técnicos de transplante cardíaco, é bem diferente o caso do aborto, sobre o qual todo ser humano adulto tem o direito e o dever de pronunciar-se. E tem mais direito de falar um escritor pai de dois filhos do que um padre, que por definição, por dignidade sacerdotal e pelos votos pronunciados, supõe-se que não tenha vivido a dupla experiência do sacerdote e da paternidade.

Mas há uma razão precisa, psicológica, na reação do jornal católico nesta questão: pode-se falar do aborto em termos estritamente jurídicos, de higiene social, de genicologia e de reinvidicação política mas, em todo o caso, não se deixará de chegar ao ponto central da questão; ainda que, como nós, não se possua o dom da fé e não se creia em Deus, não se pode evitar colocar o problema da vida, sua definição, seu valor, limites, e o problema do que seja um ser humano, e de quando outros seres humanos podem discutir em torno do seu destino. E este é um problema "teológico" (em seu sentido lato) embora se apresente como problema psicológico.

A teologia encoberta nesta questão chegou ao mundo moderno pelo pensamento "cristão" (que é judaico-grego-cristão): nenhum filão do pensamento refletiu com maior precisão sobre o conceito de "pessoa humana", e a ele recorre até o mundo leigo quando se opõe, por exemplo, ao totalitarismo ou à exploração. O próprio marxismo baseia-se na reinvidicação da classe oprimida no conceito grego-judaico-cristão de dignidade do homem. É uma dignidade que não se confunde com a origem divina do homem mas com sua realidade social, seu primado dos valores biológicos e históricos.

Mas a raiz é a mesma. E se os teóricos da revolução afirmam que os explorados têm o direito de eliminar os exploradores, está em jogo, ainda, o princípio grego-cristão da legítima defesa, ampliado pelos direitos de classe. Tanto um católico como um marxista estão dispostos a admitir que se pode matar uma mosca se ela nos aborrece, um boi, se temos fome, e um homem se ele atenta contra a nossa vida; muda apenas o conceito de atentado, que para um pároco de aldeia só existe quando alguém dispara contra mim e, para um sindicalista pode significar também o assassinato por meios econômicos. Mas nos dois casos se assume que o ser humano vale porque existe. Se existe por vontade divina ou por lei material — direi — é secundário.

O que não é secundário é saber por qual processo um ser humano pode ser definido como tal. Quer se queira, quer não, o problema do aborto impõe esta discussão.

Como fazer amor.

Entre os motivos que levaram muitos a se desviar do tema central, existem dois de caráter contingente. Antes de tudo o fato de que, inicialmente, a polêmica introduzida por Pasolini é aberta pelo caráter sagrado da vida mas continua colocando o problema do coito. A discussão sobre o aborto termina sendo uma discussão sobre como fazer amor.

Em segundo lugar, a polêmica sobre o aborto nasce como resposta a uma situação social insustentável, e existe um fato: muitas mulheres abortam, umas abortam mal e outras tantas morrem. O que encorajou a maior parte dos intelectuais que debatem o tema a assumir uma posição que chamarei de prática: visto que o aborto é praticado, que é tolerado pela sociedade como meio ilegal de controle do nascimento (Maraini), visto que a mulher é magoada, e a menina-mãe perseguida (Manganelli), visto que a alternativa não é entre aborto e não-aborto, mas entre "aborto selvagem" e "aborto controlado" (Fornari), então é indiscutível que se exige uma legislação mais humana. A mesma linha pragmática leva Franco Rodano a uma consideração posterior: se a mulher pode morrer pelo aborto, trata-se ainda de estabelecer que, no confronto entre uma "vida formada" e uma vida em formação, é prioritária a vida da mulher. Aqui já surge uma avaliação "teológica", porque se contrapõe "forma" e "potência" (não é por acaso Rodano um marxista de origem católica).

É necessário parar um instante porque na oposição aristotélico-tomista entre potência e ato poderá basear-se a argumentação de um teólogo que quisesse admitir o aborto em termos razoáveis. De fato, Tomás de Aquino pensou muito a respeito de se o embrião possui ou não possui alma. E contra a tradição dita "traducionista" (para quem a alma era transmitida pelo semem), Tomás adotava a perspectiva "criacionista" (a alma é introduzida por Deus quando o organismo adquiriu certas condições).

Não podemos examinar aqui a longa série de raciocínios que levou Tomás de Aquino a defender esta tese, trabalho de análise biológico-filosófica sobre o jogo sucessivo das várias formas que atuam no feto em formação: o qual inicialmente tem só uma alma vegetativa (como uma planta), depois assume uma alma sensitiva e nutritiva (comum também aos animais) e por fim adquire uma alma racional, que caracteriza os homens. Mas Tomás de Aquino não admite a pluralidade de formas e vê cada uma das almas que se sucedem no feto como destruída, corroida pelo novo ato que dá ao nascituro um nível de dignidade superior. É a questão 89 do livro 88 da "Suma Contra os Gentios", onde encontra-se este raciocínio, e que vibra em sua beleza na descrição desta pequena coisa que atravessa no curso de sua aventura uterina todos os estágios da vida e mata em si a espécie inferior para se tornar rei da criação. Salvo que as almas vegetativas e sensitivas são produzidas pela "virtude ativa" do semem, a alma racional surge apenas pela decisão divina. E a razão filosófica muito coerente é que se a alma racional (aquela que deve sobreviver ao corpo) fosse dependente da matéria na qual se instaura, seria corrompida por ela. Logo, o brilho da imortalidade que faz do homem um homem, vem de Deus: o qual porém, é ligado às mesmas leis da natureza que ele impôs ao Universo, não pode intervir com a alma racional antes que o organismo esteja inteiramente desenvolvido porque a alma é ato do corpo organizado e chega só com a "forma organorum perfecta".

Não estou dizendo que Santo Tomás teria usado estes argumentos para defender o aborto. Estou dizendo que é no coração do pensamento aristotélico-tomista que se insinua o problema de um ser em devir que, antes de certo momento, apenas vive de modo semelhante a planta ou ao animal.

Nazi-Racismo?

Provavelmente sem conhecer esta argumentação, dois autores falaram sobre o duplo problema de alguma coisa que ainda não é homem mas é vida. Um é Ferdinando Camom que em tortuoso artigo declarava contra o aborto mas se demonstrava sensível à tragicidade do problema social, e afirmava que colocar-se a questão de quando o feto é criatura humana é racismo.

Sim, é verdade que é bastante nazista esta pretensão de estabelecer quando "alguém" ou "alguma coisa" é ou não é dos "nossos". Mas o raciocínio vai mais a fundo: porque uma vez ultrapassada a barreira racista, podemos chegar não só ao pré-humano mas ao desumano. Os animais, por exemplo. O que o pensamento grego-cristão não faz, ao contrário do pensamento oriental. Se no feto apenas formado se respeita não a chegada problemática da alma mas o brilho elementar da vida, e a possibilidade de "humanidade" que ela já comporta, que dizer de um chipanzé, hoje que numerosas experiências demonstraram que ele, convenientemente treinado chega a formular frases em uma linguagem (ainda que não verbal) articulada? Não por acaso dizia que o problema do aborto impõe a reformulação de uma teologia laica (e, logo, de uma nova antropologia): porque aquilo que hoje se ensina na etologia (o estudo da comunicação entre os animais), coloca em dúvida a noção do limite exato entre humano e sub-humano. E se alguém suspeita de nojo, recordarei que para grandes doutrinas dos tempos antigos, eram sub-humanos os escravos (ainda que germânicos), as mulheres (ainda que poetas), os negros (ainda que cristãos).

Então devemos modificar o discurso e privilegiar não a alma em si, mas a vida, a corporalidade biologicamente viva. É o que faz Pasolini, polêmicamente definido como "católico", quando é um vitalista panteísta, um materialista místico. Pasolini não se preocupa apenas com o problema da vida humana mas com toda a vida. E parece disposto a toda a toda a Montendison para salvar uma borboleta. (A Montendison é o maior grupo econômico italiano). O que é poético (menos para o dono do jornal em que escreve), mas vai contra uma das tendências do pensamento moderno ocidental, dos cartesianos a Lenin, isto é, o sentido da distinção, a capacidade de estabelecer uma hierarquia entre a idéia e os desejos, de estabelecer fins preferenciais, de dizer, em suma, com a necessária brutalidade que preside seja a preparação, seja a organização das revoluções: "Existe a vida e a vida..." Ou com Brecht: "Vivemos no tempo dos assassinos, falar de árvore é um crime". Com o que entramos nos meandros das intervenções mais corajosas: definir quando um homem é um homem é ridículo se não encontramos os parâmetros para falar do que nos interessa na humanidade.

O problema é enfrentado com "coragem cultural" por Italo Calvino: ele não faz um discurso eológico, mas faz a única teologia possível hoje, isto é, uma antropologia cultural. Na continuidade indiferenciada da vida, que inicia como unicelular e chega ao homem civilmente organizado, devemos estabelecer um momento discriminante: aquele no qual a sociedade transforma um processo celular em uma relação de educação, de formação global, fazendo com que aquele processo celular se transforme num homem para todos os efeitos, não abandonando-o à morte, ou a vegetar na floresta, mas transmitindo-lhe uma linguagem, introduzindo-o na coletividade, lhe dando afeto,

obrigando-o a reconhecer-se como criatura humana no vulto da mãe que o reflete. "O pai e a mãe são figuras mentais antes que as funções biológicas". Calvino reformula, sobre a base de quanto se sabe hoje, a ciência humana, o conceito grego-cristão de pessoa, que não significa, como pretendia uma etimologia otimista, "per se una", mas "máscara". De fato, o tornar-se pessoa, depende dos modelos de sociabilidade que o animalzinho criança recebe e assimila.



O fato é que o debate sobre o que é o homem, arrisca confundir-se porque o homem nasce e se forma em uma zona, um ponto profundo do corpo humano onde nem a sociologia, nem a biologia podem iluminar plenamente. Certo, abordar é matar, mas é matar alguma coisa não sendo uma entidade social, não pode cair sob a definição da lei (a lei não pode proibir de matar nem os anjos nem os demônios, porque não os reconhece enquanto membros do corpo social que é chamada a defender). Esta morte poderia cair sob os rigores da moral, mas a teologia é impotente para estabelecer se aquela coisa tinha alma e quando (perguntava Santo Tomás: se admitimos que a alma está no semem, o que acontece com o semem, do ponto de vista da procriação, quando não chega a um bom fim?). Logo, abortar significa suprimir o "desenho remoto e pálido de uma pessoa". Mas se nos limitássemos a dizer isto, cairíamos na armadilha de uma discussão sobre potência e ato. E é preciso raciocinarmos nos termos daquela relação inatingível que se forma entre a mãe e "aquele desenho remoto e pálido". A lei não pode intervir: estamos além de todo o palavreado. Aqui, vale só o que a mãe sente, prova, decide. A mulher está diante de uma escolha que, de todas, é a "mais privada, a mais anárquica, a mais solitária". Uma relação atroz que não cabe a ninguém, se não a ela, assumir, porque se trata de tirar uma parte de si. E se alguém falou de caráter sagrado da vida e da verdade do corpo, é mais verdadeira esta relação solitária. A lei não pode fazer mais do que ajudar e respeitar a mulher nesta tragédia que a faz tão diferente do seu companheiro. Pasolini, que tanto fala do sofrimento dos seres mais diferentes, deveria meditar sobre o enorme sofrimento da diversidade da mulher. E sobre o direito da mulher de deixar de sofrer.

UM PAPEL DE RESPONSABILIDADE

A SELECTA RESPONSABILIZA-SE PELO PAPEL QUE VENDE: SÓ TEM DO IMPORTADO. E PELO PREÇO QUE COBRA: 40% MENOS QUE AS OUTRAS LOJAS. POR ISSO, PESSOAS DE MUITA RESPONSABILIDADE DIRIGEM-SE A SELECTA: PUBLICITÁRIOS, ARQUITETOS, ENGENHEIROS, ESTUDANTES.

VEGETAL SCHOELLER, EM ROLOS E FOLHAS MILIMETRADO, ONION-SKIN (BLOCOS), PARASSOL, OPALINE, CARMEN, CARTÕES DE DESENHO SCHOELLER, EM TODOS OS TAMANHOS, FOLHAS CORTADAS OU MARGEADAS, TODOS OS TIPOS DE BLOCOS DE DESENHO NUMERADOS.

DIRIJA-SE A

SELECTA

UMA LOJA PARA UMA CLASSE SELETA
Marquês de Itú, 134 (esq. Bento Freitas) Fone 37-7988

LAMENTO, PESSOAL, SEU PAULO ACABOU DE SAIR.



Depois que ficou famoso, o Paulo Gorodetchi não pode mais ver essas caras. Da próxima vez, vai mandar dizer que está em reunião com o Milton Glaser, com a capa do Zoom ou com o anuário Graphis. Na livraria Bux, ele só recebe o que o mundo tem de mais bonito.

BUX

Livros e revistas, nacionais e estrangeiros.
Av. Faria Lima, 1508. Tel. p/recados: 32-3653

Pg
26

leia e assine CRÍTICA

(...) CRÍTICA tem um compromisso com seu próprio nome (...) um compromisso com o pensamento. Com a inteligência.

(...) a palavra crítica vem do grego, do verbo "crino, crinein", que significa separar e, por extensão, pensar, opinar, julgar (...) separar o bem do mal, o belo do feio, o justo do injusto.

(...) um jornal a serviço da cultura e, pois, da política.
(...) o exercício da política é, sobretudo, um direito da inteligência (...) sua tarefa e seu privilégio.

(...) não pertence a nenhum grupo econômico, a nenhum grupo ideológico, a nenhum grupo partidário. É feito por escritores e jornalistas profissionais, vindos talvez de posições políticas nem sempre homogêneas (...)

(...) um jornal de profissionais (...) todos exemplarmente aderidos aos deveres de sua geração com seu país e seu povo (...)

TRECHOS DO EDITORIAL DO Nº 1, ASSINADO
POR SEU DIRETOR, GERARDO MELLO MOURÃO



NA CIÊNCIAS HUMANAS
VOCÊ VÊ
COISAS INCRÍVEIS

A maior quantidade de Livros importados, RAROS, estranhos que você pode imaginar. Raul é o bom na antropologia, filosofia, política. Acabam de chegar: ARENDT, GUNTER KRANK, AS MITOLOGIAS DO LEVY-STRAUSS, LA IDGOLÓGIA ALEMANA de MARX. É a CIÊNCIAS HUMANAS que dá assessoria bibliográfica de PARA PROFESSORES atendendo pelo reembolso Postal.

RUA 7 de ABRIL, 264 - LOJA B - FONE 36.9511 - C.P. 4439 - CEP 01044.

No momento em que encerramos esta edição, chegou ao nosso periódico a informação de que um policial foi violado por um bando de delinqüentes.

"O Esquadrão dos Ex-morados", que opera no norte da Colômbia.

O policial foi golpeado e suas coisas pilhadas. A agência noticiosa France Press - e ficou inconsciente. Foi nesta situação que os atacantes conseguiram o fato.



Cenas Brasileñas

Primeira: o estádio que pode abrigar toda a cidade, e ainda sobram milhares de lugares. Aconteceu em Roraima.

O governador daquele Território resolveu construir um estádio de 40 mil lugares, em sua capital Boa Vista (pouco mais de 30 mil habitantes). Feito o projeto, os organismos federais naturalmente recusaram financiar. O governador refez: fez um projeto para algo como um grande centro educacional, que incluía escolas, ginásios e um estádio de 40 mil lugares. Ai conseguiu financiamento. E começaram as obras. Primeira obra: um estádio de 40 mil lugares.

Roraima, segundo dados de 1971, tem 40.885 habitantes. Tem dois municípios, o de Boa Vista, que é a capital; e o de Caracará, que lhe fica 100 km ao sul. O território tem 230 mil quilômetros quadrados, portanto quase do tamanho do Estado de São Paulo. Produz castanha do Pará e bovinos; faz fronteira com Amazonas, Pará, Guiana e Venezuela. Destaca-se também por possuir o ponto mais setentrional do Brasil, o pico Roraima (2.875 m), bem mais ao norte do rio Oiapoque. A expressão portanto seria mais correta assim: do Roraima ao Xuí.

Segunda: aconteceu no Mappin, o grande magazine de São Paulo, ao pé do viaduto do Chá, onde uma vez a polícia de trânsito reprimiu os pedestres para obrigá-los a atravessar a rua por uma passagem subterrânea (os pedestres chegaram a apanhar da polícia, mas continuam até hoje preferindo cruzar a rua ao ar livre).

O casal chegou da lua de mel, a mulherzinha foi preparar o primeiro repasto, no moderníssimo fogão que haviam ganho. O fogão reluzente estava quebrado. Não funcionou. O marido foi ao Mappin, seção de reclamações (onde poderia ser?):

— Por favor, o fogão novinho...

— O sr. desculpe, mas fogão não trocamos. O sr. não terá um liquidificador quebrado? Trocamos com todo prazer. Um liquidificador, ou coisa assim... fogão não trocamos.

Ao fim de um longo diálogo elucidativo, a atendente sugeriu ao rapaz a única saída: receber em casa um técnico para olhar o fogão. Fogão moderníssimo, com visor, seis bocas, painel, retentores, botões. O técnico veio e concluiu que o fogão estava quebrado, não funcionava. Sugeriu trocar o painel, o forno e mais um componente cujo nome nos foge no momento. O rapaz chegou a falar com o relações públicas, nada.

Ao cabo de uma semana, por aí, o rapaz pegou o telefone e discou pela undécima vez para o Mappin:

— É a secretária do gerente? Olha, aqui é o rapaz do fogão. Olha, tenho cinco filhos pequenos, vocês não me trocam o fogão, estou esquentando mamadeira em espiriteira a álcool. Vocês precisam me trocar o fogão...

E, numa excepcional exceção, o Mappin trocou o fogão. Mas não troca fogão.

Oração do Poderoso Pinochet de Santiago

O povo chileno recebeu um panfleto durante as cerimônias inaugurais do Templo Votivo de Maipu (novembro de 74). Na capa, uma imagem de Nossa Senhora do Carmo. Do outro lado, a seguinte oração, assinada pelo Chefe de Estado, General Augusto Pinochet Ugarte:

"A ti, ó Deus todo poderoso, que ajudaste com tua sabedoria infinita a desembainhar a espada e empunhá-la para recuperar a liberdade desta Pátria que tanto amamos, te peço ante meus concidadãos, o que tantas vezes te implorei no silêncio da noite antes deste 11 de setembro: ajude hoje este povo que, com fé em ti, busca seu melhor destino."

DIVÓRCIO

Um repórter de EX procurou no Rio o pensador católico de direita, Gustavo Corção, para saber o que achava do divórcio.

Nesse encontro aconteceu o seguinte diálogo:

Repórter: — Eu sou do Ex e queria sua opinião sobre o divórcio.

Corção: — Como é o nome??

Repórter: — Ex.

Corção: — O que já foi?

Repórter: — Exato.

Corção: — Já simpatizei com o nome. Porque se fosse Hoje...

Como diz um amigo meu, depois da palavra

hoje sempre vem uma asneira.

Repórter: — O que o sr. pensa do divórcio?

Corção: — Penso no divórcio no Brasil como em qualquer lugar do mundo. Tenho um livro ("Claro escuro") (Agir), do qual já abri mão dos direitos autorais, ofereci a várias editoras e ofereço também a vocês para que seja feita uma edição barata.

Meu pensamento a respeito do assunto está lá e agora não tenho nenhuma razão para mudar de idéia. Veja bem, há casos particulares que são respeitabilíssimos, outros não. Por exemplo: tenho uma pessoa querida em Nova York que está com cancer, sua morte é irremediável. A vida está cheia de casos particulares que não têm solução e a idéia que surge numa pessoa como Nelson Carneiro é estúpida porque o problema conjugal não tem solução, como está na cara; está ocorrendo em todos os países. A lei do divórcio tem um aspecto de filantropia mas na verdade é um veneno social. Agora só lhe peço que como contribuição fale do meu livro "Claro escuro". É sobre a família. O título é meio fantástico, na família há claros e escuros... Mas que jornal ou revista é Ex?

Repórter: — É um jornal mensal publicado em São Paulo.

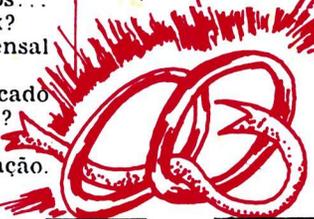
Corção: — Quando for publicado você me manda um exemplar?

Repórter: — Fique tranquilo. E muito obrigado pela colaboração.

Corção: — De nada.

DIVÓRCIO

— 16 de abril, 10h da manhã, 30 estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco saíram à rua gritando "Divórcio, Divórcio, Divórcio". Da porta da faculdade, até o viaduto do Vale do Anhangabaú, já haviam juntado 200 pessoas do povo que ia passando, todas repetindo "Divórcio". Sobre o viaduto, estavam os rapazes da Tradição, Família e Propriedade, tentando convencer os pedestres de que todos devem combater o divórcio. Os estudantes chegaram perto dos rapazes da TFP, passaram perto de uma perua da organização e arrancaram um de seus braços medievais, e foram embora.



Já nas bancas e livrarias Rango n.º 2, de Edgard Vasques; o cartunista da Folha da Manhã de Porto Alegre.



Entrementes

E agora Bill,
para onde vamos?

CONTINUA...